

Universidade de Évora
Escola de Ciências Sociais
Departamento de Pedagogia e educação

Mestrado em Educação Pré-escolar

Relatório de estágio

Prática do Ensino Supervisionada em Educação Pré- Escolar: A Expressão plástica na Educação Pré- Escolar

Ana Rita Romicha Pinto

Orientadora

Mestre Maria de Fátima Godinho

setembro de 2012

Universidade de Évora
Escola de Ciências Sociais
Departamento de Pedagogia e educação

Mestrado em Educação Pré-escolar

Relatório de estágio

**Prática do Ensino Supervisionada em Educação Pré-
Escolar: A Expressão plástica na Educação Pré-
Escolar**

Ana Rita Romicha Pinto

Orientadora

Mestre Maria de Fátima Godinho

Agradecimentos

Quero agradecer à minha Orientadora e Prof^a Fátima Godinho, que sempre me ajudou a ultrapassar os momentos mais difíceis, ajudando-me a encontrar soluções para os problemas que surgiam.

À Prof^a Assunção que ao longo dos anos de Licenciatura e de Mestrado me encorajou a não desistir e a ir em frente com as minhas ideias.

Às Educadoras cooperantes, M^a da Luz e M^a do Rosário, e às Auxiliares, Florinda e Guida, que sempre estiveram a meu lado, me ajudaram, encorajaram e animaram nos momentos mais difíceis. Assim como todo o pessoal docente da Instituição.

Em especial à minha família, principalmente a minha mãe e ao meu pai, que nunca me deixaram baixar a cabeça e desistir. E se hoje sou o que sou devo-o a eles, foi por eles que consegui ter forças para chegar até aqui. Obrigada por tudo.

Obrigada a todos.

Resumo

Este relatório baseia-se na Prática de Ensino Supervisionada que desenvolvi ao longo do Mestrado de Educação Pré-Escolar na Universidade de Évora, que realizei na Associação de Creche e Jardim de Infância de Évora, em Creche e Jardim-de-infância.

Ao longo da minha prática tentei perceber qual a importância da expressão plástica no pré-escolar, sendo evidente a intencionalidade educativa da minha prática em relação a este domínio de aprendizagem. Assim irei refletir não só sobre a expressão plástica no pré-escolar, mas também sobre as implicações que este domínio teve na minha prática.

Neste relatório apresentam-se ainda algumas evoluções do meu processo de construção enquanto educadora. Referindo-me em particular ao trabalho de projeto, e ao desenvolvimento de práticas reflexivas e investigativas que potenciaram o questionamento e a resolução de problemas de forma cooperada.

Abstract

Supervised Teaching Practice in Pre-school: The Plastic arts in Pre-school

This report is based upon the Supervised Teaching Practice I developed in the nursery and kindergarten Association of Évora, both in nursery and kindergarten classes, in the context of my Master's degree on Pre-Primary Education at the University of Évora.

Throughout my practice I tried to understand how important plastic arts are in Pre-Primary Education, being this learning domain the main educational purpose of my practice. Bearing that in mind, I will not only ponder about plastic arts in Pre-Primary Education, but also about the implications this learning domain had in my practice.

Some evidences of my building process as a Pre-Primary Education Teacher may also be found in this report, particularly the project work and the development of reflexive and research practices which power the questioning and resolution in a cooperative way.

Índice geral

Agradecimentos -----	ii
Resumo -----	iii
Abstract -----	iv
Índice geral -----	v
Lista de siglas -----	vi
Índice de tabelas -----	vii
Índice de imagens -----	vii
Índice de Anexos -----	viii
Introdução -----	1
Caraterização da instituição-----	2
2.Conceção da ação educativa em creche -----	4
2.1.Caraterização do grupo -----	4
2.2. Fundamentação da ação educativa -----	11
2.3. Organização do cenário educativo-----	13
2.3.1 Organização dos espaços e materiais -----	14
2.3.2.Organização do tempo -----	15
2.3.3 Organização do grupo -----	17
2.3.4 Organização do planeamento e da avaliação -----	18
2.3.5 Interação com a família e a comunidade -----	19
2.3.6 Trabalho em equipa -----	20

3. Conceção da ação educativa em jardim de infância -----	21
3.1. Caracterização do grupo -----	21
3.2. Fundamentação da ação educativa -----	30

3.2.1 Trabalho de projeto -----	31
3.3. Organização do cenário educativo-----	34
3.3.1 Organização dos espaços e materiais -----	35
3.3.2. Organização do tempo -----	36
3.3.3 Organização do grupo -----	37
3.3.4 Organização do planeamento e da avaliação -----	38
3.3.5 Interação com a família e a comunidade -----	39
3.3.6 Trabalho em equipa -----	40
4. Dimensão Investigativa na Prática de Ensino Supervisionada -----	41
5. Expressão plástica na Educação Pré-Escolar -----	43
5.1. Pertinência do tema -----	43
5.2. A importância da Expressão plástica no Pré-escolar-----	44
5.3. O papel do educador-----	48
5.4 A expressão plástica na minha prática-----	50
Considerações Finais -----	52
Bibliografia -----	54
Anexos	56

Lista de siglas

PES	Prática de Ensino Supervisionada
PES I	Prática de Ensino Supervisionada no Primeiro Semestre
PES II	Prática de Ensino Supervisionada no Segundo Semestre
MEM	Movimento da Escola Moderna
DQP	Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias
COR	Registo de Observação da Criança
PIP	Perfil de Implementação do Programa
OCEPE	Orientações Curriculares na Educação Pré-Escolar

Índice de tabelas

Tabela I	Organização inicial da rotina do grupo de creche -----	15
Tabela II	Organização da rotina do grupo de creche na PESII -----	17
Tabela III	Caraterização do grupo de JI (baseada nas OCEPE) -----	22
Tabela IV	Organização do tempo em jardim de infância -----	36

Índice de imagens

Imagem 1	Planta da sala de creche -----	.13
Imagem 2	Planta da sala de jardim de infância -----	34
Imagem 3	Realização do Projeto <i>Vamos Construir um Espantalho</i> -----	33
Imagem 4	Realização do Projeto <i>Vamos Construir um Espantalho</i> -----	33
Imagem 5	Realização do Projeto <i>Vamos Construir um Espantalho</i> -----	33
Imagem 6	Realização do Projeto <i>Vamos Construir um Espantalho</i> -----	33

Imagem 7	Exploração de Materiais -----	46
Imagem 8	Exploração de Materiais -----	46
Imagem 9	O menino que só brincava na garagem -----	46
Imagem 10	Meninos do jardim de infância a desenharem -----	48
Imagem 11	Desenhos sobre o S.Martinho -----	48
Imagem 12	Painel pintado pelas crianças de creche através da exploração de rolos pequenos-----	51
Imagem 13	Meninas do jardim de infância a explorarem uma nova técnica de pintura e reutilização de material-----	51

Índice de anexos

Anexo I	Vamos Construir Um espantalho no nosso Canteiro
Anexo II	Dimensão Investigativa da PES I
Anexo III	Dimensão Investigativa da PES II

Introdução

Este relatório baseia-se na Prática de Ensino Supervisionada que desenvolvi ao longo do Mestrado de Educação Pré-Escolar na Universidade de Évora, na Associação de Creche e Jardim de Infância de Évora, em Creche e Jardim-de-infância.

Segundo Bento (1997, p.3) *O Jardim de Infância é a primeira experiência fora da família e constitui a ponte entre a criança e o mundo*, cabendo-me assim, enquanto educadora, promover oportunidades de acção, através do conhecimento e das experiências vivenciadas, de forma a estimular a iniciativa, criatividade e autonomia da criança.

Sendo assim, ao longo deste relatório refletirei acerca da minha prática e da importância da expressão plástica no pré-escolar, sendo evidente a intencionalidade educativa da minha prática em relação a este domínio de aprendizagem. Pois ao longo do relatório podemos entender o quanto este domínio foi importante para o meu desenvolvimento profissional, uma vez que através da sua exploração consegui aproximar-me das crianças, de forma a desenvolver uma relação de confiança, carinho e responsabilidade com elas. Aprofundando assim o meu sentido de responsabilidade face aos compromissos decorrentes, desenvolvendo assim uma postura ética e deontológica correta, de acordo com o quadro da profissionalidade do educador de infância. Contudo não foi só este domínio que me ajudou a desenvolver como profissional, pois como podemos ver ao longo do relatório, o trabalho de equipa entre educadoras cooperantes, familiares, trabalhadores da instituição e professores académicos, também contribuiu para todo este desenvolvimento, conseguindo assim fazer de mim uma profissional mais correta e segura do trabalho que estava a desenvolver.

Neste relatório apresentam-se ainda algumas evidências do meu processo de construção enquanto educadora, referindo-me em particular ao trabalho de projeto, e ao desenvolvimento de práticas reflexivas e investigativas que potenciaram o questionamento e a resolução de problemas de forma cooperada.

O relatório encontra-se organizado em sete pontos. O primeiro refere-se à apresentação do relatório, o segundo à caracterização do local onde realizei a minha prática, o terceiro refere-se à concepção educativa da creche, onde falarei acerca dos espaços e materiais, da organização do grupo, do tempo, a caracterização do grupo, entre outros factores. O quarto ponto refere-se à concepção educativa do jardim de infância onde, assim como no ponto anterior, falarei dos matérias e espaços da sala, da caracterização do grupo, do tempo, da importância da metodologia de projectos, entre outros subpontos. O quinto ponto refere-se à importância que a dimensão investigativa teve ao longo da minha prática. A expressão plástica no pré-escolar é a temática que aprofundarei no ponto seis, onde refletirei acerca da sua importância, dos seus benefícios no desenvolvimento de aprendizagens nas crianças e de como é que os educadores devem abordar e desenvolver este domínio de aprendizagem.

A terminar apresentarei algumas considerações finais, focando-me essencialmente nos aspetos que se evidenciaram no meu processo de desenvolvimento profissional. Por fim colocarei a bibliografia referente ao relatório de estágio bem como os anexos que evidenciam aspetos da prática que considero ser pertinente realçar.

Caraterização da Instituição

A instituição onde realizei a minha prática de ensino supervisionada foi a Associação Creche e Jardim de Infância de Évora que foi fundada em 1917, tendo inicialmente a denominação de “Creche e Lactário”. Segundo a entrevista que realizei à diretora Fátima Cavas, inicialmente esta instituição abrigava crianças carenciadas em regime de internato, apoiava famílias carenciadas e fornecia a crianças doentes e recém-nascidos leite e seus derivados.

Em 1969 a dominação da instituição foi alterada, passando a ter como nome “Associação Creche e Jardim de Infância”, identificação que permanece até aos dias de hoje. Esta é uma instituição Privada de Solidariedade Social, de utilidade pública, sendo subsidiada pelo Centro Distrital de Solidariedade e Segurança Social de Évora e pelo Ministério da Educação.

A Associação tem como órgãos sociais uma Assembleia Geral, um Concelho Fiscal e uma Direção, sendo esta constituída por uma Diretora de Estabelecimento e uma Diretora Pedagógica. Existindo assim duas valências em funcionamento, a Creche que é constituída por 108 crianças e o Jardim de Infância que têm 170 crianças. (Cavas, 2010)

A Instituição é constituída por sete salas de Creche, oito salas de Jardim de Infância, uma secretaria, dois gabinetes, uma sala de reuniões para as Educadoras, uma sala para as Funcionárias, uma sala de Apoio Educativo, duas camaratas, um ginásio, uma cozinha, um refeitório, seis salas de acolhimento, uma Capela, vinte casas de banho, dois fraldários, duas copas, três despensas, uma lavandaria, três quintais e uma varanda, que fazem parte dos espaços exteriores da instituição, onde as crianças realizam o seu recreio e outras atividades.

Todos estes espaços são equipados de acordo com as necessidades das crianças, o que pude verificar na visita guiada pela Diretora Pedagógica Fátima Cavas à instituição e ao longo da minha prática, pois ao utilizarmos diversas salas, como a biblioteca, o ginásio, o refeitório, entre outras salas. Pois ao utilizarmos estas salas podemos verificar que todas estas estavam equipadas adequadamente às necessidades das crianças, como por exemplo, no ginásio encontramos materiais desportivos, como arcos, bolas, colchões, cordas, entre outros materiais. Também o espaço exterior “*está revestido por um piso sintético, para segurança das crianças*”, têm um escorrega e um cesto com bolas, onde as crianças podem utilizar sempre que assim o desejarem. Ao longo destes anos a instituição tem sofrido bastantes alterações fundamentais para as

necessidades das crianças, indo assim ao encontro das leis educativas. (Cavas, 2010, p.16)

Nesta instituição é bastante valorizado o trabalho cooperativo entre Educadoras, as Famílias e a Comunidade, o que pude observar ao longo da minha prática, onde todas as Segundas-feiras as Educadoras se reuniam para elaborarem as suas planificações semanais e dialogarem acerca de outros assuntos pertinentes das suas salas, de forma a resolverem “problemas” em cooperação, assim como o planeamento de festas e outras atividades que surjam ao longo do ano. Também como o trabalho cooperativo entre a Família e a Comunidade é levado em linha de conta, onde os pais das crianças e familiares estão sempre dispostos a ajudar e a colaborar nas festas, visitas ao exterior, entre outras atividades.

Ao longo destes meses pude observar que nesta instituição predomina um ambiente muito familiar e acolhedor. Esta característica ajudou-me bastante ao longo deste meu percurso de formação, pois fui bastante acarinhada. Todos os funcionários me colocaram à vontade, desde a porteira, à cozinheira, às educadoras e às diretoras. Sempre que nos cruzávamos com outras educadoras e funcionárias havia um cumprimento, assim como em relação às crianças, perguntando se estavam bons, o que andávamos a fazer, entre outras coisas.

Este meu testemunho evidencia o ambiente institucional que existia na instituição. Em conversas com as educadoras cooperantes e até mesmo com a Diretora Fátima Cavas esse ambiente foi definido como um “ambiente familiar” que, na minha opinião é significativo nos processos de aprendizagem das crianças.

Conceção da Ação Educativa em Creche

Ao longo da minha prática de ensino supervisionada em creche baseei a minha conceção da ação educativa em diversos fatores, como a caracterização e organização do grupo, a organização do espaço e os seus materiais, a organização do tempo e das rotinas, a organização do planeamento e da avaliação, assim como as interações com as famílias e a comunidade e o trabalho de equipa. Todos estes fatores contribuíram para uma significativa conexão da ação educativa, uma vez que estes estavam organizados de forma significativa, indo ao encontro dos interesses e necessidades do grupo, contribuindo assim para um desenvolvimento significativo das crianças.

O motivo que me levou a organizar a ação educativa da creche desta forma, deveu-se à Educadora cooperante Maria do Rosário que sempre baseou a sua conceção da ação educativa nestes mesmos factores. Pelas conversas mantidas com a educadora, pude também eu verificar como eles são bastante importantes e fundamentais para a aprendizagem das crianças.

Optei assim por dar continuidade ao mesmo método da educadora cooperante, baseando toda a ação educativa na caracterização e organização do grupo, na organização do espaço e dos seus materiais, na organização do tempo e das rotinas, e na organização do tempo e da avaliação. Tendo em conta, não só a educadora cooperante como também o projeto da instituição, onde dei igualmente relevância às interações com as famílias e a comunidade e o trabalho de equipa.

Caraterização do Grupo

Para caraterizar o grupo de creche resolvi optar por fazê-lo através do COR (Registo de Observação da Criança). A escolha deste instrumento de avaliação referente ao Modelo High/Scope deveu-se ao facto de nas aulas de Seminário de Acompanhamento à Prática de Ensino Supervisionada algumas das minhas colegas terem referido que iriam utilizar este instrumento para caraterizar o grupo. Assim ao ouvir a forma de como este era utilizado e aplicado resolvi aprofundar o meu conhecimento acerca deste instrumento, de forma a verificar se este se adequava ao grupo.

Apesar de ao longo da minha prática não ter utilizado o Modelo High/Scope na fundamentação da ação educativa, pensei que seria fundamental estudar este mesmo modelo, de forma a conhecê-lo e a perceber se a sua utilização do COR seria significativa para o desenvolvimento do grupo. Desta forma ao estudar este modelo apercebi-me da importância dos seus princípios fundamentais, pois defende que as crianças devem construir o seu conhecimento através de interações entre o mundo que os rodeia, tendo assim uma aprendizagem ativa nos seus processos de desenvolvimento. Simultaneamente defende a importância do trabalho em equipa, onde a observação, o registo sistemático e a avaliação das crianças são um ponto de partida para o desenvolvimento do planeamento, ou seja, “(...) avaliar implica um espectro de tarefas

que os profissionais levam a cabo para assegurar que observar as crianças, interagir com elas e planear para elas recebe toda a energia e atenção do adulto.” (Carrageta, P. & Caixa, M. & Barradas, F. (2012), *O Modelo High/Scope: power point*, Universidade de Évora, 23.)

Sendo assim, através da minha pesquisa percebi que este modelo tem dois instrumentos de avaliação, o PIP (Perfil de Implementação do Programa) e o COR (Registo de Observação da Criança). Uma vez que não utilizei este modelo, assim como já referi anteriormente, não fazia sentido utilizar o PIP. Mas sim o COR, pois este avalia a criança em diversos parâmetros, como “*Sentido de si próprio, relações sociais, representação criativa, movimento, música, comunicação e linguagem, explorar objectos, noção precoce de qualidade e de número, espaço e tempo.*” (Carrageta, P.& Caixa, M. & Barradas, F. (2012), *O Modelo High/Scope: power point*, Universidade de Évora,

Desta forma, utilizei este instrumento de forma global, abrangendo todo o grupo de uma forma descritiva e com exemplos que foram registados ao longo da minha prática e que me ajudaram a exemplificar o que estou a referir e a entender o nível em que cada criança se encontrava.

O grupo é constituído por vinte crianças, entre os dois e os três anos de idade, sendo dez raparigas e dez rapazes. A maioria das crianças pertence ao grupo de anos anteriores, sendo este seguido pela Educadora Maria do Rosário e a Auxiliar Florinda.

O primeiro parâmetro deste instrumento de avaliação refere-se ao “Sentido de si próprio”. Este está subdividido em quatro tópicos, “Expressar iniciativa”, “Distinguir “eu” dos “outros””, “Resolver problemas” e “Fazer coisas por si próprio”. Ao longo da minha intervenção foi observando que o grupo é bastante autónomo, é um grupo que é capaz de fazer escolhas, tomar decisões, um grupo independente. A maioria das crianças sabe dizer um “não”, afirmando assim as suas escolhas e interesses, por exemplo, nas horas das refeições quando perguntávamos se queriam salada ou mais pão, as crianças sabiam-nos dizer se queriam mais ou não, assim como na escolha das suas brincadeiras, na escolha das suas canções, dos filmes que queriam ver, entre outras. Desta forma posso referir que grande parte do grupo consegue expressar uma escolha e uma intenção através de palavras. Contudo o R.(2 anos) no início da minha prática de ensino supervisionada em Creche I, encontrava-se um pouco distante do grupo, uma vez que este não conseguia expressar a sua escolha e intenção através de palavras, mas sim através do movimento. Embora o R.(2 anos) seja capaz de dizer “não”, este movia-se até alcançar o desejado, por exemplo, na maioria das vezes o R.(2 anos) ia buscar o jogo e sentava-se na mesa a jogá-lo, não dizendo o que queria fazer, ou se lhe perguntássemos “ R. queres ir brincar para onde?” Este não nos respondia, apenas apontava. Contudo ao longo da minha intervenção fui observando a evolução do R.(2anos), pois neste momento já é bastante autónomo, interage com os colegas, é capaz de expressar as suas escolhas através de palavras, dizendo para onde quer ir, por exemplo, “R. queres ir brincar para onde?” E este responde com um sorriso, ” Para a casinha”. Desta forma, neste momento posso referir que todo o grupo tem “sentido de si próprio”, uma vez que este é capaz de afirmar as suas escolhas através de palavras.

Em relação ao tópico “Distinguir “eu” dos “outros” ” o grupo encontra-se entre o nível 3 e o nível 5, uma vez que o grupo reconhece as várias partes do corpo, pois numa das sessões coloquei a música do Panda “Mexexexex”, uma música que refere várias partes do corpo e quando as crianças ouviram a música a tocar começaram a dançar, mexendo as partes do corpo que eram referidas na canção, ou seja, se a canção dizia para colocarem os braços à frente as crianças faziam-no sem que o adulto o tenha feito primeiro. As crianças também conseguem dizer que o objeto é delas, “é meu”, indicando assim a posse do objecto, por exemplo, na hora do acolhimento quando traziam brinquedos de casa e os amigos também queriam ver e brincar, referiam muita vez “É meu”, não deixando por vezes as outras crianças brincarem. O grupo é capaz de se identificar espontaneamente numa fotografia ou no espelho, uma vez que temos um espelho na sala e algumas crianças como a L.C.(3 anos) colocava-se em frente ao espelho e dizia “é a Nonó”, referindo que era a própria. Assim como na altura do carnaval, quando levamos para a sala as fotografias que tiramos, as crianças diziam-nos onde estavam nas fotografias, “Este sou eu”.

No tópico “Resolver problemas” o grupo encontra-se entre o nível 4 e o nível 5, pois muitas crianças realizam diversas tentativas para resolver um problema, ou seja a criança tenta resolver o problema de diversas maneiras, por exemplo numa das manhãs em que arrumávamos a sala após termos brincado nas áreas reparei que o D.(3 anos) estava a arrumar os legos dentro de um balde que não era o dos legos e que por sua vez era menor que o dos legos, o que fazia com que os legos não coubessem dentro deste. Após o D.(3 anos) tentar colocar os legos várias vezes e de observar que os legos começavam a cair do balde por não caberem, resolveu ir buscar um balde maior e colocar os legos lá dentro. Assim como muitas das crianças são capazes de identificar verbalmente um problema antes de tentar resolvê-lo, como acontecia por exemplo nas horas de refeições, quando as crianças não gostavam de determinado alimento, como a cenoura ou coentros, entre outros, e chamavam um adulto e diziam que não gostavam, para que o adulto entendesse o porquê de eles não comerem esse mesmo alimento.

Como já tinha referido anteriormente, o grupo é bastante autónomo, desta forma no último tópico desta categoria, “Fazendo coisas por si próprio” o grupo encontra-se entre o nível 4 e o nível 5, ou seja, as crianças tentam fazer tarefas simples, como colocar uma luva ou abrir uma porta. Como acontece nos momentos de higiene, onde é dado às crianças uma luva molhada para estes colocarem na mão para lavarem as suas caras, onde todas as crianças são capazes de colocar a luva na mão e de realizar uma tarefa complexa sozinha, como lavar a cara.

O segundo parâmetro está relacionado com as “Relações Sociais”. Este é constituído por seis tópicos. O primeiro tópico refere-se a “estabelecer relação com a educadora responsável”, onde o grupo comunica os seus interesses e necessidades à educadora através de palavras (nível 5), desta forma, o grupo mostra que tem uma pessoa em quem pode confiar, procurar ajuda, confrontar e conversar. Por exemplo quando alguma criança queria ouvir uma história ou que colocássemos um cd a tocar, esta pedia-nos para o fazermos, assim como quando chegavam nos cumprimentavam sempre de braços abertos, com sorrisos na cara e com beijos, mostrando o quanto gostam de nós. Assim como quando alguma criança lhes fazia mal ou se magoavam

procuravam o nosso auxílio e conforto no nosso colo. Em relação ao segundo tópico, “estabelecer relações com outros adultos”, o grupo encontra-se entre o nível 4 e o 5, onde as crianças levam um objeto até um desconhecido adulto, como aconteceu no início da minha prática de ensino supervisionada em Creche I, onde nos primeiros dias as crianças vinham ter comigo mostrando-me objetos para que brincasse com elas. Assim como muitas das crianças se dirigem aos adultos desconhecidos para conversarem com estes, como aconteceu na visita da Enfermeira Teresa à Sala, onde algumas crianças, como o D.(3 anos), a L.A.(2 anos) entre outras, se dirigiram à Enfermeira e lhe perguntaram o que é que ela estava a fazer na sua sala, o que é que ela tinha na sua mala, que materiais eram aqueles, entre outras perguntas que fizeram. No terceiro tópico, “criar relações com os pares”, o grupo encontra-se no nível 5, onde as crianças são capazes de fazer comentários sobre outras crianças, por exemplo, as crianças são capazes de referir à educadora o que é que a outra criança lhe fez, qual foi a criança que lhe tirou o brinquedo e de dialogar com outras crianças. Em relação ao quarto tópico, “expressar emoções” o grupo encontra-se entre o nível 4 e o nível 5, onde as crianças demonstram prazer quando terminam uma atividade, por exemplo, na maioria das vezes as crianças quando terminam a atividade chamam a educadora ou a auxiliar, assim como batem palmas ou até mesmo dizem algumas palavras encorajadoras, como “consegui”. Para além de manifestarem satisfação por terminarem a atividade as crianças são capazes de nomear uma emoção, como aconteceu quando fomos ao teatro, onde a M.(3 anos) me deu a mão e me disse “Ana isto tem palhaços? É que tenho medo de palhaços e de estar no escuro”. O quinto tópico refere-se ao “mostrar empatia pelos sentimentos e necessidades dos outros”, onde as crianças de forma espontânea confrontam alguém que está em aflição, por exemplo quando a L.C.(3 anos) caiu no quintal a I.(3 anos), a L.(2 anos) e a F.(2 anos) levantaram-na, levaram-na até à educadora e enquanto a educadora a confortava, estas faziam-lhe festas no cabelo e no corpo. Assim como o grupo é capaz de falar através de frases e palavras sobre uma emoção indicada por outra criança, como quando aconteceu na semana em que faleceu o avô do D.(3 anos) e este estava sentado ao colo da educadora em silêncio e a L.C.(3 anos) chegando junto deste disse, “Triste”, referindo que o D.(3 anos) estava triste. O último tópico desta categoria refere-se ao “jogar com os outros”, onde o grupo consegue observar e testar algumas ações de uma criança que joga perto de si, pois diariamente na hora do recreio muitas das crianças ficam a observar as outras a brincar, acabando por interagir com elas e brincando com estas, por exemplo, quando fizemos o jogo do lencinho da botica, apesar de estar a realizar este jogo com a sala de Jardim e infância, algumas das crianças de creche, como o D.(3 anos) e o M.(2 anos) juntaram-se a nós onde numa primeira fase observaram o que estávamos a fazer e de seguida começaram a interagir connosco, onde começaram por correr com as outras crianças, pegando no lenço que caía ao chão e acabando por entrar na brincadeira, brincado connosco.

A terceira categoria diz respeito à “representação criativa” que está constituída por três tópicos. O primeiro refere-se ao “fingir- imita e brinca ao “faz de conta””, onde o grupo consegue imitar o som de algum animal ou objeto, assim como consegue imitar a ação de uma pessoa (nível 4), como pude verificar na área do faz de conta, onde as meninas fingiam ser donas de casa que cuidavam dos seus filhos (bonecos), que faziam

comer e cuidavam da casa, assim como quando contei a história dos três ursos, onde ao longo da história fui pedindo às crianças para imitarem o som dos animais que apareciam na história e estas o faziam sem qualquer ajuda do adulto. O segundo tópico refere-se à “exploração de materiais de construção e de expressão artística”, neste o grupo está dividido entre o nível 3, 4 e 5. Pois algumas crianças no desenrolar das actividades apenas fazem rabiscos nos desenhos, nos jogos de blocos fazem pilhas com estes, assim como na exploração de massas, como a plasticina, se limitam a apertá-la (nível 3), o que acontece com a G. que quando pede para fazer um desenho acaba por escolher sempre a mesma cor, o rosa e faz uns rabiscos na folha de forma rápida, também a A. quando quer fazer jogos de construção acaba por encaixar as peças em cima umas das outras, fazendo torres, esquecendo-se da sequência que os jogos têm e que podem ser construídas e caso o educador tente ajudá-la a fazer o encaixe das peças segundo a sequência que o jogo tem esta desmotiva-se da brincadeira e abandona o local. Assim como aconteceu na realização da prenda do dia do Pai, onde esta foi feita através de barro e algumas crianças, como o J.(2 anos), o R.(2 anos), a (G. 2 anos), a (A.3 anos), o (G. 2 anos), o (G.P. 3 anos) e o (P 2 anos), se limitaram a amolgar a massa, evitando até o contato inicial com esta. Contudo, outras crianças do grupo já se encontram no nível 4, pois durante a actividade estas crianças conseguem fazer marcas discretas nos desenhos, assim como achatam a massa, mostrando mais controle sobre a sua exploração, como foi o caso da M.A.(3 anos) que ao brincar com a plasticina começa a moldá-la criando bolas, linhas, achatando-a, entre outras formas. Para além de haver um controlo maior sobre a exploração dos materiais muitas das crianças já usam palavras e frases que descrevem o que está a ser construído, por exemplo quando explorávamos a massa de cores ou outro tipo de massa, muitas crianças como D.(3 anos) , M.A.(3 anos), L.C.(3 anos), entre outros, chamavam o adulto para dizer o que estavam a fazer, como quando aconteceu com a M.A.(3 anos) que me chamou e referiu que estava a fazer um cesto com ovos. Quanto ao terceiro tópico, “responder e identificar figuras e fotografias”, o grupo encontra-se na sua maioria no nível 4, onde as crianças utilizam palavras ou até mesmo frases para identificar uma pessoa, um animal ou um objeto de uma imagem/fotografia. Por exemplo, na nossa área do conto temos um painel com fotografias das crianças com a sua família, pais, mães, irmãos e alguns até têm fotografias de animais, o que faz com que muitas das vezes as crianças apontem para as fotografias e refiram o nome das pessoas que nelas estão, “mãe”, “pai”.

O quarto parâmetro é constituído pelo “movimento”, que por sua vez é dividido em quatro tópicos. O primeiro tópico refere-se ao “movimentar partes do corpo”, onde as crianças do grupo conseguem dar pontapés nas bolas, envolvendo assim uma acção de balançar os pés e pontapear a bola (nível 4). Como pude verificar diversas vezes, nomeadamente na hora do recreio, onde as crianças brincavam bastante com bolas, jogando à bola por vezes sozinhas, mas também com os seus colegas e adultos. Para além de pontapearem as bolas as crianças também utilizam nas actividades objetos pequenos que exigem uma determinada coordenação, por exemplo quando rasgamos papéis algumas das crianças, como o D.(3 anos), a M.A.(3 anos), a M.(3 anos), entre outros, conseguiam utilizar as duas mãos para rasgar o papel, colocando-as em sentidos opostos. O segundo tópico refere-se ao “movimentar o corpo”, onde as crianças são

eficientes no salto, ou seja, a criança é capaz de saltar com os dois pés, deixar a terra e voltar a aterrar nela com os dois pés. Pude verificar este facto nos momentos de recreio, onde as crianças passavam grande parte do tempo a saltar as escadas que se encontravam na parte exterior da instituição, assim como nos momentos de movimento, pois quando dançávamos ou fazíamos expressão motora, as crianças saltavam com grande facilidade, sem necessitarem do auxílio do adulto. O terceiro tópico refere-se ao “movimentar objetos”, onde o grupo se insere no nível 5, pois as crianças conseguem todas pedalar, embora umas com mais facilidade que outras, o que podemos verificar nos momentos de recreio em que as crianças brincam com os triciclos da instituição. Pois apesar de haver triciclos com pedais, de balancé e sem pedais as crianças preferem os de pedalar e fazem-no com grande frequência e facilidade, acabando por surgir alguns conflitos devido ao facto de todos quererem os mesmos triciclos. O quarto tópico refere-se ao “sentir e expressar batimentos regulares”, neste tópico existe alguma divergência de níveis que caracterizam o grupo, pois este é constituído pelo nível 3 e 5. Pois algumas crianças do grupo apesar de se mostrarem confortáveis e moverem o corpo ao som da música, não andam, nem giram ou saltam durante a música, como acontece com o resto do grupo (nível 5). Por exemplo, numa das sessões que planifiquei de sessão motora, em que tínhamos que dançar uma música que referia as partes do corpo humano, o M.(2 anos), o D.(3 anos), o J.(2 anos) e a G.(2 anos) ao longo da música limitaram-se a mover o corpo, enquanto as restantes crianças saltavam e giravam no decorrer desta, imitando o adulto. Contudo com o decorrer da minha intervenção pude observar que o M. (2 anos) já não se limita apenas a abanar o corpo quando ouve música, pois já vai dando alguns saltos e girando.

A quinta categoria refere-se à “comunicação e linguagem”. Nesta categoria o grupo está entre um nível 4 e 5, pois a maioria do grupo ouve com atenção o que lhe é proposto ou falado e na maioria dos casos as crianças conseguem responder-nos com palavras e até mesmo frases. Inicialmente o R.(3 anos) tinha alguma dificuldade em responder às perguntas que lhe eram feitas, contudo com o passar do tempo o R.(3 anos) foi adquirindo essa capacidade. O grupo mostra grande interesse em participar nas actividades, estão sempre interessados, com sorrisos no rosto, mostrando-se participativos e empenhados no que fazem. Por exemplo, quando nos sentamos para ouvir uma história, assim que anunciamos que é hora de arrumar o grupo fá-lo com interesse e vai sentar-se nas almofadas sem ser necessário a intervenção do adulto. Durante a hora do conto as crianças mostram-se interessadas, pois sempre que necessário fazem perguntas acerca da história e muitas das vezes pedem para contarmos a história de novo. Com este grupo é fácil planificar actividades e momentos de grande grupo, pois é um grupo que tem capacidade de participar de uma forma geral na comunicação, dando e recebendo as opiniões dos colegas, embora seja necessário que o educador procure utilizar estratégias para fazer com que as crianças mais tímidas participem nas actividades de diálogos colectivos, como A.(2 anos), R.(3 anos), A.L.(3 anos), F.(2 anos), G.(2 anos) e o J.(2 anos).

O último parâmetro refere-se à “exploração e lógica precoce”. Nesta categoria e em relação à “exploração de objetos” as crianças utilizam uma ferramenta para terminar a sua tarefa, ou seja, as crianças utilizam o objeto que para si é mais adequado para

realizar uma tarefa (nível 5). Por exemplo, como referi anteriormente o D.(3 anos) estava a arrumar os legos e utilizou o balde maior para fazer a arrumação de forma correta. Assim como na “exploração de categorias”, as crianças conseguem juntar mais que um objeto similar a uma variedade, criando assim um grupo de objectos semelhantes na exploração das suas brincadeiras (nível 5). Já no “desenvolvimento do conceito de número” o grupo encontra-se entre o nível 4 e o 5. Pois algumas crianças utilizam frases e palavras para pedir algo, uma vez que sabem que a quantidade pode ser aumentada para mais. Por exemplo o F. estava na área da construção a construir uma torre com legos, como os legos que tinha lavado tinham terminado este pediu se podia ir buscar mais legos para que a sua torre fosse “tão alta como o céu”. Contudo a maioria do grupo baseia-se no nível 5, onde as crianças conseguem contar objectos, o que acontecia todas as manhãs, onde na reunião em grande grupo contávamos quantas crianças estavam presentes na sala e quantas faltavam. Na “exploração do espaço” as crianças são capazes de se orientar e posicionar objectos de forma a formar um espaço fechado em seu redor ou em redor de um objeto. Por exemplo, quando brincávamos por as áreas as crianças que estavam na área da construção gostavam de fazer cercas à sua volta ou à volta de animais de plástico e bonecos. Em relação à “exploração do tempo” muitas das crianças indicavam o fim de um acontecimento, por exemplo quando iam à casa de banho e acabavam de fazer as suas necessidades diziam “já está” ou quando terminávamos a leitura de uma história e estas diziam “vitória vitória terminou a história” (nível 4). Algumas crianças conseguem utilizar palavras e frases para descrever um acontecimento passado (nível 5), como quando acontece nas novidades do fim-de-semana, onde as crianças são capazes de descrever o que fizeram, o que para si foi mais significativo.

Desta forma posso concluir que este grupo de creche é um grupo bastante desenvolvido, pois apesar de ser um grupo constituído por crianças entre os dois e três anos, é um grupo que se identifica entre o nível 4 e o nível 5 dos diversos parâmetros, mostrando assim o quanto é autónomo e desenvolvido ao longo dos conteúdos de aprendizagem. Sendo assim devo referir que este instrumento de avaliação foi uma mais valia para as minhas planificações e reflexões, uma vez que através deste pude aprofundar alguns critérios e capacidades que este grupo desenvolveu ao longo da minha prática.

Fundamentação da Ação Educativa

Ao longo da minha prática em creche segui o modelo curricular de Reggio Emilia, embora também tenha seguido alguns parâmetros do Projeto Curricular de Grupo, que tem como base a *Arte*. A escolha deste tema deveu-se ao facto de a arte ser uma atividade humana que está interligada a manifestações estéticas que surgem das percepções e emoções que mostram a nossa cultura e forma de vida. O que vai ao encontro da Lei de Bases do Sistema Educativo e do Decreto-lei de Educação Artística, citada por, Patrício e Ramalho (2011. p.4) *a Educação pela Arte deverá estar presente em todos os níveis escolares, mas preferencialmente e de modo muito concreto no Pré-escolar e no 1º Ciclo de Ensino Básico, para se ir progressivamente desenvolvendo nos níveis seguintes*. Permitindo assim desenvolver nas crianças a interpretação do Mundo que as rodeia, através de atividades de expressão, experimentação e descoberta, sendo estas um alicerce para aprendizagens futuras.

O Projeto Curricular de Grupo que tem como título “Educar pela Arte”, tem como objetivo ajudar “*as crianças a libertarem-se, a brincar e principalmente a serem crianças saudáveis*”, uma vez que as experiências são fundamentais para o desenvolvimento das crianças, tornando-as mais comunicativas e expressivas. Sendo assim, ao trabalharmos a *Arte* iremos desenvolver na criança os seus sentidos básicos, como o ritmo e a capacidade de se acalmar, permitindo com que a criança desenvolva a sua espontaneidade, estimule a criação e a associação de conceitos, ou seja, ao trabalharmos a *Arte* permitimos com que a criança “ (...) *desenvolva com vitalidade e saúde, o seu pensamento e a sua forma de sentir e agir no Mundo criando a oportunidade de vir a ser um adulto consciente e feliz*”. (Patrício & Ramalho, 2011, p.6)

Embora a Educadora Maria do Rosário não utilize nenhum modelo curricular, baseando-se apenas nos objetivos gerais e específicos do Projeto Curricular de Grupo, onde são privilegiados o desenvolvimento estético da criança, o seu pensamento crítico, na sua capacidade de expressão e comunicação, preocupa-se em proporcionar um ambiente seguro bem como outros factores que contribuem para um desenvolvimento significativo das crianças, permitindo assim com que estas desenvolvam capacidades como a autonomia, o conhecimento do mundo que as rodeia e que vivenciem experiências diversificadas e significativas.

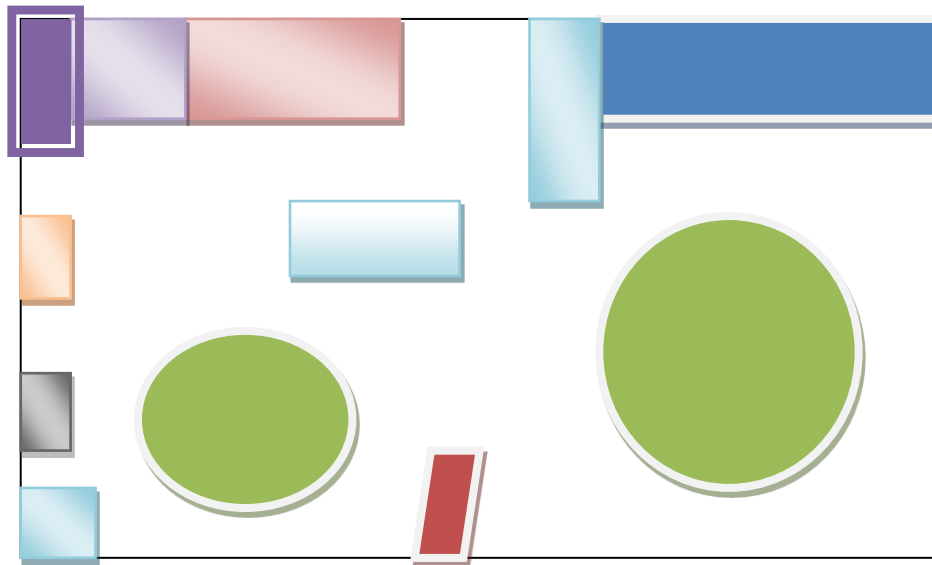
Contudo, e apesar de ter em conta o Projeto Curricular de Grupo, fundamentei e suportei a minha prática no modelo Reggio Emilia. O motivo pelo qual escolhi este modelo deveu-se ao facto deste, segundo Júlia Oliveira, Spodek Brown, Lino & Niza (1998, p.99) se caracterizar *principalmente pelo trabalho educacional em todas as formas de expressão simbólica, pelo envolvimento dos pais, família e comunidade na equipa educativa das creches e jardins-de-infância*. Compartindo deste princípio, impliquei-me de forma a que os familiares das crianças e a comunidade se envolvessem nas atividades propostas, como por exemplo no dia do pai, onde os pais participaram na festa que organizamos, no carnaval alguns familiares vieram connosco para o desfile, alguns pais foram frequentando mais a sala, ficando até para ouvir histórias, contando histórias e ajudando as crianças nas suas rotinas, entre outros acontecimentos que foram

surgindo ao longo desta minha intervenção. Conseguindo assim ir ao encontro do pensamento de Malaguzzi (1993, citado em Spodek Brown, Lino & Niza, 1998, p.101) que refere que *um dos primeiros objetivos dos educadores de Reggio Emilia é criar um ambiente agradável e familiar, onde crianças, educadores e famílias se sintam como em casa*, realizando um trabalho de cooperação e colaboração entre todos os intervenientes do processo educativo, pois todos partilham e complementam as tarefas e os esforços necessários. Para além da importância do trabalho em equipa e com as famílias, a escolha deste modelo também se deveu ao facto de este dar grande importância ao que a criança diz, pois é necessário que o educador incentive as crianças a levantar questões e a procurar essas mesmas respostas, lhe proporcione diversas capacidades de escolha, de tomar decisões e de resolver os problemas que possam surgir. Toda esta *pedagogia da escuta* permitiu com que estas crianças se desenvolvessem em diversos níveis ao longo da minha intervenção. Pois inicialmente através do trabalho de investigação que realizei no âmbito da disciplina Pedagogia dos 0 aos 6 anos (ver anexo) apercebi-me que as minhas planificações eram feitas através de propostas do educador e não de propostas emergentes do grupo. Desta forma resolvi inverter a questão e proporcionar ao grupo diversas formas de opções de escolha de acordo com os seus interesses, só assim consegui com que certas crianças que inicialmente eram mais tímidas ao longo das intervenções fossem capazes de escolher aquilo que verdadeiramente queriam, assim como participar em diálogos de grupo. Sendo assim, a utilização deste modelo permitiu encorajar as crianças na exploração do mundo que as rodeia, assim como a expressar-se através de palavras, movimentos, desenhos, pinturas, moldagem, colagem, música e jogo dramático (Spodek Brown, Lino & Niza, 1998, p.101). Através deste modelo exploramos as brincadeiras nas áreas, brincamos aos cabeleireiros, “aos pais e às mães”, contamos histórias, fizemos dramatizações, exploramos materiais (barro, massa de cores, confeccionamos massa para pão, etc.) exploramos diversas formas de expressão, onde por exemplo, elaborávamos desenhos através de diversas técnicas, como a digitinta, giz com leite, pintamos painéis, entre outras coisas que realizamos e que nos permitiu explorar materiais e conhecer o mundo que nos rodeia. Possibilitando com que as crianças desenvolvessem diversas formas de expressão através da arte.

Desta forma ao longo da minha intervenção sempre acreditei no papel da criança no seu desenvolvimento, onde este é ativo, pois só assim a criança é capaz de adquirir novos conhecimentos, novos conceitos e reformular aqueles que já tinha adquirido, uma vez que é ela que planeia, coordena as suas ideias e vivência algo. Contudo embora a criança seja autónoma na sua aprendizagem e desenvolvimento, é importante que o educador lhe proporcione experiências significativas que permitam com que a criança adquira e reformule os seus conhecimentos adquiridos, passando o adulto a ser o impulsionador do desenvolvimento da criança. (Júlia Oliveira et al., 1998).

Organização do cenário Educativo

(Planta da sala de Creche)



Legenda da planta da sala:



Porta da entrada da sala



Área da leitura



Estantes com livros da área da leitura, com material de desenho, pinceis, e com jogos



Mesas da sala



Área do Faz de Conta



Área da garagem



Casa de banho



Espelho



Quadro com giz

Organização do Espaço e Materiais

A “Sala Vermelha”, está situada no rés-do-chão, perto de umas das portas principais da Instituição, tendo acesso direto ao “quintal” (pátio exterior) e ao pátio coberto.

O interior da sala é constituído por três divisões, uma casa de banho, que está equipada de acordo com as idades do grupo, que é constituída por um lavatório, duas sanitas e estantes com roupa e toalhas do grupo. As duas outras divisões da sala estão divididas por um arco, num dos lados, junto à casa de banho, temos uma janela, que permite com que o grupo usufrua da luz natural, assim como a Área da Dramatização (*Área da Casinha e Área da Garagem*), que é constituída por materiais adequados às necessidades e interesses dos grupos, como por exemplo, na *Área da Casinha*, onde as crianças têm aventais, loiças, bonecos, mesas, cadeiras, talheres, “alimentos”, embalagens de sumos, leite e cereais reutilizadas, tudo materiais que permitem com que o grupo desenvolva o jogo simbólico. Nesta divisão também temos junto à janela um quadro com giz e um espelho, uma estante com diversos jogos, (como puzzles, jogos de encaixe), uma estante com material de desenho, onde o grupo pode encontrar folhas brancas e de cor, canetas, lápis, tinta, pincéis, cola, tesouras, entre outros materiais de desenho, assim como um quadro, onde as crianças podem escrever com canetas de feltros e fazer as suas pinturas com tintas.

A outra divisória da sala é constituída por a *Área dos Jogos*, situada ao lado da estante dos jogos, que é constituída por mesas e cadeiras, onde realizamos jogos e algumas reuniões de grande grupo. Nesta área também temos a *Área da Biblioteca* e a *Área de Reunião de Grupo*, que são constituídas por mesas e cadeiras e um canto com almofadas, uma estante com livros e uma estante que não está proporcional ao grupo, com filmes e brinquedos que estes trazem de casa mas que são para brincar apenas no recreio.

Todas estas áreas são constituídas por materiais proporcionais à sua idade, como as cadeiras, as mesas, os brinquedos, os livros, onde a maioria destes materiais estão ao alcance do grupo, excepto a estante que referi anteriormente e a estante dos jogos, que é um pouco alta, o que faz com que as crianças tenham de nos pedir ajuda. Contudo esta dificuldade foi ultrapassada pois em conversa com a Educadora Maria do Rosário e a Auxiliar Florinda decidimos colocar os jogos nas prateleiras de baixo, para que as crianças lhes cheguem e nas prateleiras de cima colocamos materiais que são mais utilizados por o adulto, como o rádio e os cds.

No meu entender, a sala está muito bem organizada. É uma sala muito apelativa, têm as paredes cobertas com trabalhos das crianças e com pinturas que fazem parte da sala e que estão presentes por toda a Instituição. A organização da sala permite com que

o grupo tenha um espaço amplo, onde podemos realizar danças e atividades de grande grupo. Os materiais são muito usufruídos por as crianças e não estão danificados, muitos até foram colocados de novo na sala, como os jogos de puzzle e de encaixe.

Toda esta organização permite com que o grupo desenvolva a capacidade de arrumar e de se organizar em determinados espaços. Desta forma sempre que o grupo brinca nas diversas áreas, a sua brincadeira é finalizada com a arrumação dos materiais, onde todo o grupo colabora com grande satisfação.

Sendo assim posso concluir que nesta sala poderia implementar o modelo Reggio Emilia, uma vez que o grupo é bastante autónomo e a organização da sala é adequada para a implementação deste modelo. Contudo esta não foi a minha prioridade, embora tenha baseado a minha prática neste modelo, pois o tempo passou muito rápido e acabei por dedicar este período à exploração de materiais, mantendo assim a organização dos espaços da sala, uma vez que esta no meu entender estava muito bem organizada, o que permitiu com que o grupo se organizasse ao longo das suas rotinas.

Organização do Tempo

Horas	Atividade
08:40 às 09:00	Acolhimento
09:00 às 09:30	Atividades individuais ou em pequeno grupo
09:50 às 10:00	Higiene
10:00	Plano Diário e atividades do Projeto
10:30	Quintal
10:50 às 11:00	Higiene
11:00	Almoço
11:45 às 12:00	Higiene
12:00 às 14:15	Sesta
14:30 às 15:00	Higiene
15:00 às 15:20	Lanche
15:20 às 16:00	Quintal e atividades do Projeto
16:00	Higiene
16:10 às 18:00	Trabalhos supervisionados pela auxiliar da Educação

(Tabela I- Organização inicial da rotina do grupo de creche)

Inicialmente na PES I a organização diária do grupo era realizada com base na tabela em cima referida. Contudo nem sempre este horário era seguido à risca, pois nem

sempre o grupo ia à rua na hora marcada, uma vez que isto dependia do estado do tempo e das atividades que se realizavam em contexto de sala, dependendo assim da organização do tempo e da atividade planeada. Assim como em algumas tardes como as de Terça-feira e as de Quarta-feira, mais propriamente entre as 15:20 e as 16:10 horas, o grupo de crianças tinham atividades extracurriculares, como a expressão musical e expressão corporal (dança).

Contudo ao iniciar a PES II resolvi conversar com a Educadora Maria do Rosário e a Auxiliar Florinda acerca da organização deste horário, uma vez que no meu entender este não estava adequado ao grupo, pois este é bastante autónomo, não necessitando assim de tantos momentos de higiene. Sendo assim em conjunto decidimos alterar o horário, diminuindo assim os momentos de higiene, uma vez que tínhamos uma casa de banho na sala e sempre que necessário as crianças pediam para ir à casa de banho. Como se pode ver na tabela que se segue os momentos de higiene foram diminuídos. O facto de ter diminuído estes momentos, no meu entender, foi muito importante, pois desta forma consegui prolongar mais o tempo para a realização de outras atividades que me permitiram trabalhar com cada criança de forma individual e até com mais calma. Uma vez que na PES I um dos meus grandes problemas era conseguir gerir o tempo de forma organizada e significativa. Na PES II com a alteração deste horário consegui fazê-lo, o que foi bastante positivo para o grupo. Pois para além de aproveitarmos melhor o tempo noutras atividades, esta mudança permitiu com que usufríssemos dos momentos de higiene de forma significativa, onde apesar de o grupo ser autónomo em relação às suas necessidades, conseguimos torna-lo autónomo na lavagem das mãos e da cara.

Horas	Atividade
08:40 às 09:00	Acolhimento
09:00 às 10:00	Atividades individuais ou em pequeno grupo
10:00 às 10:45	Plano Diário e atividades de Projeto
10:45 às 11:00	Quintal
11:00 às 11:45	Almoço
11:45 às 12:00	Higiene
12:00 às 14:30	Sesta
14:30 às 15:00	Higiene e brincadeiras em grande grupo
15:00 às 15:30	Lanche
15:30 às 16:00	Quintal e atividades de Projeto
16:00 às 16:20	Higiene
16:20 às 17:30	Atividades de Projeto ou brincadeiras nas áreas
17:30 às 18:00	Trabalhos supervisionados por a Auxiliar da Educação

(Tabela II- Organização da rotina do grupo de creche PES II)

Organização do grupo

A organização do grupo é bastante diversificada ao longo do dia, como podemos verificar através da tabela em cima referida. Os momentos de grande grupo são numerosos, como o acolhimento, a higiene, o plano diário, as atividades de Projeto, a sesta, o almoço, o lanche e os trabalhos orientados por a Auxiliar de Educação, assim como os momentos em pequeno grupo, que podem ser realizados após e durante o acolhimento, no quintal, nas atividades de Projeto, no almoço, no lanche e nos trabalhos orientados pela Auxiliar de Educação. Contudo os trabalhos a pares e individuais são menos frequentes, embora estes sejam desenvolvidos nas atividades após o acolhimento, no quintal e nos trabalhos orientados pela Auxiliar de Educação.

A organização do grupo depende do tipo de atividades que se vai desenvolver, assim como a ação mediadora da Educadora e da Auxiliar em relação a esta organização. Pois em momentos como as atividades livres após o acolhimento e as brincadeiras no quintal, é da responsabilidade do grupo organizar-se face às brincadeiras que querem desenvolver. Enquanto na higiene, na realização do plano diário, nas atividades de projeto, no almoço, na sesta e nos trabalhos orientados pela Auxiliar de Educação, a organização do grupo é feita por a Educadora e por a Auxiliar, tendo

sempre em conta as necessidades e interesses do grupo. Ao longo destas atividades tanto a Educadora como a Auxiliar estão presentes na sala, de forma a apoiar as crianças, ou seja, realizando assim trabalho cooperativo.

Ao longo a minha prática de ensino supervisionada em creche II, a organização do grupo foi um pouco alterada em relação ao que foi em cima mencionado. Pois com o tempo apercebi-me que as refeições poderiam ser consideradas momentos de grande grupo e todos juntos poderíamos usufruir desse momento, acabando por planificar estes momentos para grande grupo. Apesar de tentar planificar de forma organizada, fazendo actividades para grande grupo, pequeno grupo e individual, deparei-me com o fato de ter planificado bastante para grande grupo, uma vez que o grupo estava bastante organizado desta forma. Sendo assim possibilitei com que certas crianças se integrassem mais no grupo, pois algumas eram mais tímidas e neste tipo de atividades ficavam um pouco esquecidas, acabando por não participarem de forma significativa. Desta forma consegui com que estas crianças passassem a participar de forma ativa, contribuindo assim para o desenvolvimento de processos de aprendizagem significativos.

Organização do Planeamento e da Avaliação

O planeamento desta sala é feito semanalmente, por a Educadora e a Auxiliar, que no final da semana fazem um balanço das necessidades e dos interesses das crianças, sendo este baseado nas reuniões de grupo diárias e no método de avaliação utilizado, o portefólio individual da criança. Onde cada criança tem um portefólio individual e sempre que possível a Educadora juntamente com a Auxiliar, regista todas as observações e trabalhos desenvolvidos por a criança, de forma a registar os progressos e as dificuldades que esta apresenta diariamente. (Patrício & Ramalho, 2010) No meu entender, penso, que estes métodos estão bem organizados, pois há uma partilha de comunicação e de cooperação entre a Educadora, a Auxiliar e as Crianças, embora as planificações sejam feitas semanalmente, contudo estas são adaptadas às necessidades e interesses do grupo, que vão surgindo diariamente.

Apesar de ter em conta estes métodos ao longo da minha prática de ensino supervisionada em Creche II a organização do planeamento foi feita com base na avaliação que realizei ao grupo através do COR, onde referi anteriormente no ponto “*Caraterização do Grupo*”, o porquê da escolha deste instrumento e qual os benefícios que este proporcionou ao grupo. Pois através deste instrumento apercebi-me que a organização do tempo não era adequada, percebi o quanto a organização da sala era importante para o seu desenvolvimento, assim como a organização do grupo era importante, ou seja, esta avaliação permitiu-me planificar de acordo com os interesses e necessidades do grupo. Para além deste instrumento também baseie a organização do planeamento e da avaliação no meu caderno de formação. Pois este instrumento foi bastante importante para a realização da minha prática, onde através dele apercebi-me quais eram os factores que deveria melhorar como profissional, assim como me apercebi de determinados comportamentos das crianças, apercebendo-me assim das suas necessidades e interesses. Contudo não foram apenas estes instrumentos que me ajudaram a organizar o planeamento, pois o próprio planeamento diário e semanal me

acabou por ajudar nessa mesma organização e avaliação. Onde após definir determinados objetivos a alcançar e após realizar o que tinha planeado, avaliava esses mesmos objetivos, verificando se estes tinham sido alcançados ou não, ajudando-me assim a pensar no que tinha falhado e como poderiam resolver estes “problemas que surgiam”.

Desta forma posso concluir que todos estes instrumentos que utilizei foram bastante importantes pois todos me ajudaram de forma positiva, ajudando-me a melhorar a minha prática e a desenvolver processos de aprendizagem significativos para as crianças.

Interações com a Família e a Comunidade

As interações estabelecidas entre a sala e a família das crianças é muito positiva, pois diariamente as famílias participam em atividades da sala, como na participação de festas, visitas ao exterior, venda de rifas, entre outras atividades.

Ao longo da minha intervenção pude observar que a relação existente entre as famílias e a instituição/sala é muito positiva. Diariamente as famílias participam no acolhimento das crianças, entram na sala e sentam-se a conversar com a Educadora e com as outras crianças presentes na sala. Assim como ao final do dia procuram saber o que os filhos fizeram e os trabalhos que desenvolveram, mostrando-se interessados e participativos na aprendizagem dos seus filhos.

Infelizmente ao longo da prática de ensino supervisionada em Creche I não tive oportunidade de desenvolver iniciativas de interação com as famílias, uma vez que surgiram sempre outras atividades para fazermos. Contudo este fez parte de um dos meus objetivos para as próximas intervenções na prática de ensino supervisionada em Creche II, uma vez que as famílias são bastante participativas na vida escolar dos seus filhos e também porque estas iniciativas são importantes para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Desta forma ao longo da minha prática de ensino supervisionada em Creche II consegui estabelecer uma relação com as famílias das crianças, onde estas me cumprimentavam diariamente, davam-me recados, falávamos acerca dos seus filhos e ainda hoje quando passam por mim na rua me cumprimentam. Inicialmente não foi fácil estabelecer este contacto pois sou um pouco tímida e para ultrapassar este objetivo tive que deixar a timidez para trás. Desta forma pedi ajuda à Educadora e à Auxiliar que me ajudaram a dialogar com as famílias, onde comecei por receber as crianças, falando com os pais acerca do fim-de-semana, entre outros assuntos. De seguida começamos por convidar os pais a virem às salas, onde a maioria participava de forma positiva, assim como convidamos aos pais a participarem no nosso desfile de Carnaval e em passeios, conseguindo envolver as famílias nas atividades dos seus filhos e familiares.

Para além de tornar a família mais ativa no desenvolvimento das suas crianças também consegui com que este grupo de crianças interagisse com a comunidade que os rodeia. Inicialmente na PES I convidei uma Enfermeira a ir à Instituição falar com as crianças acerca da sua higiene, o que foi muito importante para o grupo pois este

mostrou-se muito entusiasmado com a atividade. De seguida na PES II comecei por planificar interacções entre as crianças e os funcionários da instituição, onde fomos ao refeitório conhecer as cozinheiras, cozinhámos e utilizamos a cozinha. Fomos passear até à Praça do Giraldo, onde também visitamos algumas lojas como a farmácia, papelarias, entre outras que permitiram com que as crianças contatassem com outras pessoas e conhecessem o mundo que as rodeia. Também fomos ao teatro de fantoches, onde após o teatro as crianças tiveram oportunidade de experimentar manusear estes fantoches e fazer as suas próprias histórias.

Trabalho de Equipa

Ao longo de toda a PES pude observar que o trabalho de equipa é visível, pois tanto as Educadoras de instituição, como as Auxiliares de Educação, as Cozinheiras, as Diretoras, as Auxiliares de Limpeza, entre outros, elaboram um trabalho de cooperação significativo.

Também o pude presenciar em relação às minhas intervenções, onde a Educadora e a Auxiliar me apoiaram diariamente, dando-me as suas opiniões acerca de diversos temas e apoiando-me na realização das minhas atividades. Estes dois elementos estiveram sempre presentes nas minhas intervenções, desde o acolhimento, ao contar a história, ao recreio, em todos os momentos, ajudando-me assim a iniciar as minhas intervenções. Este apoio foi muito importante, pois desta forma senti que poderei contar com elas sempre que necessário, que elas estão lá para me apoiar e deixar experimentar/investigar.

Para além deste apoio por parte da Educadora e da Auxiliar, também recebi apoio por todos os adultos que fazem parte da instituição diariamente, sendo estes sempre simpáticos e disponíveis para ajudar sempre que precisava.

Todo este apoio que recebi por parte de todos, foi bastante significativo para o desenrolar das minhas intervenções, onde sem ele não teria sido possível fazer certas coisas.

Concepção da Ação Educativa de Jardim de Infância

A concepção da acção educativa em Jardim de Infância foi baseada em diversos fatores, como a caracterização e organização do grupo, do espaço e dos seus materiais, do tempo e das rotinas do grupo, do planeamento e avaliação, das interacções com a família e a comunidade envolvente e do trabalho de equipa. Todos estes fatores construíram uma concepção educativa significativa, uma vez que estes eram bem estruturados, uma vez que iam ao encontro dos interesses e necessidades das crianças.

Caraterização do Grupo

O grupo é constituído por vinte crianças, entre os três e os quatro anos de idade, sendo dez rapazes e dez raparigas. A maioria das crianças pertence ao grupo de anos anteriores, sendo estes acompanhados por a Educadora Maria da Luz e a Auxiliar Margarida (Guida).

O grupo de crianças é um grupo bastante dinâmico, o que por vezes dificulta a capacidade de concentração de algumas crianças em determinadas actividades. Contudo o grupo manifesta interesse em actividades dinâmicas, como canções de roda, jogos no exterior, histórias animadas, pinturas, entre outras, sendo um grupo independente em relação às suas rotinas

De seguida apresento um caracterização do grupo mais pormenorizada, numa grelha construída com base nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, que é utilizada por a Educadora Maria da Luz no Projeto Curricular de Turma, de forma a ter em conta o que as crianças devem adquirir ao longo deste ano. Esta análise será feita de uma forma geral, avaliando o grupo em duas faixas etárias diferentes (3 e 4 anos), de forma a verificar a diferença de competências que há entre estes. Ao longo desta análise darei alguns exemplos que fui registando ao longo da minha prática de ensino supervisionada I e II, de forma a justificar o que afirmo.

Tabela III- Caracterização do grupo de Jardim de infância (baseada nas OCEPE)

Área	Domínios	Competências	
		3 anos	4 anos
Formação Pessoal e Social	Conhecimento de si	<ul style="list-style-type: none"> - A maioria das crianças deste grupo consegue reconhecer as letras do seu primeiro nome, assim como se reconhecem numa fotografia; - São capazes de exprimir sentimentos diferentes, assim como pude verificar na exploração do poema sobre a primavera onde dissemos o poema exprimindo diversos sentimentos; - Reconhecem as principais partes do corpo, assim como conseguem diferenciar os sexos (rapaz e rapariga) – ex: O V. vai a casa de banho e refere que já lavou as mãos e a cara; - Sabem os nomes próprios dos pais, assim como dos irmãos e até de outros familiares. São capazes de nomear os colegas, chamando-os por o nome – ex: O D. ao fazer a prenda para o dia da mãe disse-me “Escreve aí no saco, para a mãe Elizabete”; - Embora o grupo saiba descrever a localidade onde mora a maioria das crianças deste grupo não sabe a localidade, se é de Évora ou de outro local – ex: a L. a explicar-me o que tinha feito no fim-de-semana, “Fui à da minha avó.” E onde é a casa da tua avó, perguntei eu. “Oh não sei. É lá naquela casa com um quintal grande.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Todas as crianças deste grupo sabem o seu nome e idade – ex:”Sou o R e tenho 4 anos”, foi assim que se apresentaram quando iniciei a minha prática supervisionada; - Todas as crianças são capazes de identificar os vários membros das famílias, assim como sabem os seus nomes; - Reconhecem as diferenças entre os sexos (rapaz e rapariga), sabendo dizer a que tipo pertencem, assim como designam as diferentes partes do corpo – ex: enquanto estávamos a fazer a higiene o A. disse “As meninas tem pipi e os meninos tem pilinha”; - O grupo conseguia vestir-se e despir-se sozinho, como pude verificar ao longo das brincadeiras na área do faz de conta, assim como quando aconteciam “acidentes” durante a hora da cesta e as crianças de seguida mudavam de roupa sozinhos; - Grande parte das crianças sabem o seu nome completo, assim como conseguem dizer a localidade onde moram – ex: “A minha casa é fora de Évora, em Monte Trigo”, disse a M. em conversa com a C. na área da pintura; - Todo o grupo é capaz de identificar e nomear os colegas através dos seus nomes – ex: “Luz o T. bateu-me.”, referindo o R.I chegando junto da Educadora a chorar.
	Autonomia	<ul style="list-style-type: none"> - A maioria do grupo consegue lavar e enxugar as mãos sozinhos, contudo algumas crianças como o V., a L., a A. e a C. tinham algumas dificuldades em fazê-lo sozinhos, embora neste momento já o consigam fazer. Contudo todo o grupo utiliza adequadamente a casa de banho; - Apesar de por vezes haver preguiça em comer sozinho L, A., M., J.S. todo o grupo come e bebe sozinho utilizando os materiais de forma correta; - A maioria do grupo consegue limpar o nariz sem ser lembrado, contudo o D. na maioria das vezes necessita que o lembrem e que lhe limpem o nariz – ex: “Ana preciso de me assuar”, diz o V. ao sentir que está ranhoso; enquanto brinca na área da garagem D. limpa o seu nariz à blusa de forma a limpar o ranho que lhe corre por o nariz, sendo necessário a intervenção da educadora para lhe limpar o nariz; 	<ul style="list-style-type: none"> - Embora tenhamos momentos de higiene planificados, todas as crianças são autónomas e sempre que necessário vão à casa de banho sozinhos, tratando da sua higiene pessoal – ex: “Ana fui à casa de banho e consegui limpar-me”, disse a C. ao sair da casa de banho; - São capazes de escolher jogos e atividades, utilizam os espaços envolventes – ex: “Posso ir para a casinha?”, perguntou a J.R. à educadora quando chegou de manhã; - Conhecem e respeitam as regras da sala e da instituição; - Participam ativamente nas tarefas da sala – ex: “Quem é hoje a regar as plantas?” perguntava o T. olhando para os colegas; - São capazes de executar mais que uma ordem – ex: a educadora pediu à C. que lhe fosse buscar a cola e o caixote dos papéis, esta foi, agarrou nas duas coisas e entregou-as à educadora referindo “Já

		<ul style="list-style-type: none"> - Utilizam os diferentes materiais da sala de forma adequada, assim como respeitam as regras de dentro e fora da sala – ex: enquanto algumas crianças corriam por a sala o A. dizia à educadora, “Na sala não podemos correr, só no quintal ou nos jardins.”; - Tem autonomia suficiente para tratar da sua higiene pessoal – ex: “Ana posso ir à casa de banho? Estou aflita.”, disse a L.A. enquanto brincávamos na área do faz de conta; - Participam nas tarefas da sala – ex: todas as manhãs havia meninos que ficavam encarregues de limpar e de dar de comer ao bichos da ceda e todos queriam participar e ajudar. 	<p>está.”;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conseguem resolver problemas sem ajuda – ex: nestas últimas semanas ficamos sem folhas para fazer os desenhos, desta forma a C. sugeriu aos amigos que fizessem os desenhos da parte de trás das folhas dos seus outros trabalhos; - Sempre que sujam algo a maioria do grupo não tem espontaneidade para limpar – ex: O R. entornou a água da sua garrafa e foi a correr para junto da Guida (auxiliar) dizer que tinha entornado água; - Poucas são as crianças que participam na arrumação da sala, o grupo é um pouco desorganizado na sua arrumação – ex:”Vamos arrumar” dizia eu quando terminávamos as brincadeiras nas áreas ou até mesmo outros trabalhos, obtendo como resposta “não fui eu que estive aí a brincar”, “eu também não fui”, “não fui eu Ana”; - A maioria das crianças consegue iniciar e terminar uma tarefa, contudo o R., a J.R. e o T. na maioria das vezes deixam as tarefas a meio para irem brincar – ex: estávamos a fazer um desenho para oferecermos à mãe no dia da mãe, a meio do trabalho o T. levantou-se e foi brincar para a área da garagem.
--	--	---	--

Área	Domínios	Competências	
		3 anos	4 anos
Formação Pessoal e Social	Relação com os outros	<ul style="list-style-type: none"> - Algumas crianças apesar de inicialmente ficarem a chorar com a saída dos pais, como é o caso do A. e até do V., aceitam a ausência temporária dos pais. Contudo a L.A. não aceita esta ausência e passa os dias a chorar referindo que quer a “mãemã”; - Partilham pacificamente o espaço de brincadeiras e atividades, assim como dialogam com os seus pares enquanto brincam – ex: enquanto viam livro na área da leitura a L. perguntou, “D. queres ouvir a minha história?” e este respondeu “Pode ser.”; -O grupo gosta de imitar o adulto em tarefas simples – ex: todos os dias uma das crianças vai com a auxiliar preparar o almoço e colocar as camas para a sesta; - Conseguem notar a falta de um colega, referindo quem está a faltar ao colégio; - Sempre que há alguma zanga a maioria das crianças não tem a capacidade de pedir desculpas sem ser necessário que o adulto o lembre – ex: o D. estava a brincar com peças de construção e sem querer bateu no A., este começou a chorar e o D. disse, “Olha não estivesses aí”, acabando por ter de ser a educadora a interferir, uma vez que o A. depois bateu no D.; - Nem todas as crianças têm capacidade de partilhar objectos/materiais com os colegas, sendo por vezes necessário o auxílio do adulto – ex: estamos a fazer colagem, eram cinco meninos e só havia três tubos de cola, o V., a L. e o D. tiraram um tubo para si e esconderam-no 	<ul style="list-style-type: none"> - Este grupo sempre que necessário pede ajuda para realizar algo, aceitando que o adulto colabore com ele; - Escolhem amigos para trabalhar e brincar – ex: “J. queres ir para a casinha?” disse a C. assim que viu a J. a chegar à sala; - Em conversas de grupo é difícil com que o grupo participe todo, pois este é muito agitado e nem sempre conseguimos dialogar todos juntos – ex: sentamo-nos em grande grupo nas almofadas para falarmos sobre a visita que tínhamos feito à Quinta do Zacarias, a maioria das crianças estavam na brincadeira umas com as outras, outras falavam sobre as vozes dos colegas, o caos instalou-se, acabando por necessitar do auxílio da Educadora; - Algumas crianças não têm noção das consequências dos seus atos, tanto em si como nos outros – ex: o T. agarra numa peça de construção das grande e atira-a à cabeça do R., este a chorar vai ao encontro da educadora que lhe pergunta o que se passou. De seguida tenta falar com o T. que apenas lhe encolhe os ombros e sorri para ela; - Assim como no grupo de 3 anos, algumas crianças tem dificuldade em partilhar objectos e materiais com os colegas, acabando até por tirar os objectos aos colegas sem autorização destes – ex: o D.P. estava a brincar na área da garagem, o R. dirigiu-se a este e tirou-lhe os animais de plástico com

		<p>para que os outros colegas não o utilizassem;</p> <p>- Em momentos de espera, como na hora da higiene, que é necessário que o grupo espere por a sua vez, inicialmente era difícil que o grupo esperasse, pois todos queriam ser os primeiros, contudo ao longo do tempo isto foi melhorando e este grupo neste momento consegue esperar por a sua vez.</p>	<p>que este brincava sem lhe pedir autorização;</p> <p>- Conseguem seguir as regras de um jogo, assim como colaborar a pares nas atividades ou até mesmo ajudar os amigos caso seja necessário – ex: o R. estava a fazer torres com peças de construção, a torre era tão grande que este teve que a segurar, contudo para a segurar não podia colocar mais peças senão tinha que a largar e esta caia, ao ver o que se passava o D.L. dirigiu-se ao amigo e deu-lhe as peças que faltavam para este terminar a torre;</p> <p>- Assim como no grupo de 3 anos a maioria das crianças tem dificuldade em esperar por a sua vez, querendo sempre ser os primeiros neste momento.</p>
--	--	--	---

Área	Domínios	Competências	
		3 anos	4 anos
Conhecimento do Mundo	Meios e Culturas	<p>- As crianças do grupo reconhecem as diferentes áreas da sala, assim como os diferentes espaços do colégio, como o refeitório, casas de banho, secretaria, etc;</p> <p>- Apercebem-se dos diferentes papéis exercitados pelas pessoas – ex: estávamos reunidos na área da escrita quando apareceu uma senhora de bibe azul, assim que a senhora se aproximou o M. disse “Ana esta senhora tem o nome igual a ti e é a senhora que limpa a nossa sala e a casa de banho.”;</p> <p>- É um grupo que integra algumas das rotinas do Jardim de Infância, assim como sabe da existência de algumas festividades, como o dia da mãe, do pai, da criança, o carnaval, entre outros – ex: após termos terminado a prenda para o dia da mãe a educadora perguntou qual era a festa que tínhamos a seguir, onde o D. respondeu que era o dia da criança;</p> <p>- O grupo reconhece a existência de outros meios – ex: “Luz olha o avião</p>	<p>- Todo o grupo é capaz de identificar as diferentes áreas da sala, assim como conhece os diversos espaços do colégio – ex: “Ana posso ir ajudar a Guida?”, perguntou-me a C., “Sim. Mas sabes onde ela está?”, perguntei, “Claro. No refeitório, onde nós comemos.”;</p> <p>- Todo o grupo é capaz de identificar graus parentescos;</p> <p>- É um grupo bastante curioso e observador do meio que o rodeia – ex: enquanto estávamos no recreio o R. deitou-se no chão e começou a observar as nuvens, que pareciam estar em marcha;</p> <p>- Reconhecem a existência de outros meios – ex: na construção estava o D.(3 anos) com o D.L. e o R. a construir uma ponte, contudo o R. disse “Acho que isto não está muito bem”, “Pois não. Então e se o barco quiser passar como é que fazemos?” disse o D.L.;</p> <p>- Reconhecem as diferentes ocupações das pessoas – ex: após terminarmos de confeccionar o nosso bolo, perguntei “E agora como fazemos?”, “Vamos levá-</p>

		<p>que eu fiz.”, disse a L. mostrando o seu desenho à educadora;</p> <p>- É um grupo bastante curioso acerca do que o rodeia, fazem bastantes perguntas – ex: estávamos a limpar a caixa dos bichos da ceda quando o V. perguntou, “Oh Ana mas porquê é que eles estão sempre a ficar colados às nossas mãos?”;</p> <p>- São capazes de identificar diferentes graus de parentescos, como a avó, a tia, o primo, etc. – ex: A L. fez um desenho da sua família, ao mostrá-lo à educadora disse “Este é o meu pai, aqui a avó e a mãe, e este é o mano mais os primos e o tio João.”;</p>	<p>lo à cozinheira..à Bela. Ela é que faz o comer e tem lá forno.”, disse a C.;</p> <p>- Penso que a maioria do grupo tem noção da existência de outras culturas, pois algumas crianças têm familiares de outras culturas, como é o caso da M. em que a avó é ucraniana. Contudo no meu entender penso que algumas crianças, como o T. não tem noção desta existência, apenas de que há pessoas diferentes e nós – ex: estávamo-nos a deitar para a sesta quando um menino negro de outra sala passou por a nossa para utilizar a nossa casa de banho, o T. ao ver o menino referiu soltando gargalhadas, “Olha um menino de chocolate”.</p>
--	--	--	--

Área	Domínios	Competências	
		3 anos	4 anos
Conhecimento do Mundo	Ciências	<p>- O grupo consegue nomear animais e frutos, assim como características de certos animais – ex: quando falamos sobre a nossa visita à Quinta do Zacarias as crianças falaram dos animais que lá viram, dos legumes que viram e de como eram esses animais, “Aquele coelhinho branco era mesmo fofinho. Mas o burro era custoso.”, disse a L. referindo que um animal tinha o pelo mais espesso que o outro;</p> <p>- O grupo consegue distinguir características do dia e da noite – ex: “Nós à noite temos que dormir porque não há sol e não podemos andar na rua com as luzes acesas.” Referiu o V. após falarmos da história “A que sabe a Lua”;</p> <p>- O grupo consegue identificar as diversas cores e cheiros, fazendo também distinção entre o frio e o quente – ex: “A sopa hoje está muito quente Ana”, referiu o V. na hora de refeição.</p>	<p>- O grupo tem noção da existência do dia e da noite, assim como das diferentes condições atmosféricas – ex: enquanto a educadora e a auxiliar conversavam acerca do tempo que estava (chuva) a C. assistia à conversa e acabou por acrescentar, “Vai chover sim, na minha televisão disse que ia chover”;</p> <p>- Identifica e nomeia fruto, diversos cheiros e cores – ex: quando fizemos a salada de frutas as crianças reconheceram o nome dos frutos assim como as suas cores;</p> <p>- Algumas crianças conhecem quais os cuidados a ter com o meio ambiente – ex: A Lu. apanhou um papel do chão e referiu “Não podemos deitar papéis para o chão, foi o meu pai que disse porque depois acontece uma coisa...ai já não me lembro do nome”;</p> <p>- O grupo reconhece a utilização de algumas plantas e animais, como a vaca, as galinhas, a oliveira, assim como é capaz de identificar características de diversos animais;</p> <p>- O grupo compreende e interessa-se por realizar experiências, estando atento às modificações da natureza – ex: “Olha o quanto os nossos feijões já cresceram Ana. E a batata já viste? Isto é lindo”, referiu a C. enquanto observava as nossas germinações;</p> <p>- Conseguem distinguir o quente do frio.</p>

Área	Domínios	Competências	
		3 anos	4 anos
Expressão e Comunicação	Linguagem	<ul style="list-style-type: none"> - As crianças deste grupo expressam-se a pedido de um adulto, com frases simples, respondendo a perguntas simples e utilizam termos como “eu, mim, meu” em vez do nome próprio, assim como elaboram perguntas sobre pessoas e coisas, articulando correctamente as palavras – ex: “Eu no fim-de-semana fui passear ao parque com a mãe” disse o M. nas novidades do fim-de-semana; - São capazes de identificar e nomear as personagens e acções de uma história – ex: após terminarmos a leitura da história “A que sabe a Lua” pedi ao V. que identificasse os animais que fazem parte desta e me contasse a história, este fê-lo sem qualquer problema; - Respondem a uma pergunta utilizando uma explicação – ex: a educadora pergunta ao V. porque é que ele não deixa o amigo brincar na área da garagem, este por sua vez responde “Eu estou a brincar com isto e preciso de espaço”; - Apontam e nomeiam elementos que faltam em figuras, assim como identificam formas – ex: “Esta escova é em forma de quadrado”, refere a L. enquanto se penteia na hora da higiene. 	<ul style="list-style-type: none"> - As crianças deste grupo expressam-se por iniciativa própria, relatando vivências e acontecimentos, articulando correctamente as palavras, usando frases compostas, compreendendo e aplicando novos vocabulários; - A maioria das crianças conseguem compreender a ideia principal de uma história, nomear as suas personagens e relatar a história com sequência – ex: após termos contado a história “A galinha diferente” pedi ao grupo que me contasse a história, a Lu. e a C. foram as crianças que descreveram a história de forma lógica e com ajuda dos colegas; - Algumas crianças conseguem trocar ideias oralmente, ouvindo e falando, como é o caso do D.L., da C., da M., do D.P.; - O grupo é capaz de responder a uma pergunta através de uma explicação, assim como de descrever uma imagem, apontando para elementos que falem na figura; - As maiorias das crianças são capazes de criar histórias simples através de imagens – ex: na hora da higiene a M. encontrava-se nas almofadas a folhear livros enquanto esperava por a sua vez, enquanto folheava os livros contava a história através das imagens, “O ursinho estava a chorar e depois a mãe ursa veio e foi dar-lhe um beijinho e ele calou-se...”.
	Abordagem à Escrita	<ul style="list-style-type: none"> - Este grupo é capaz de prestar atenção a uma história simples, assim como ordenar a ordem sequencial desta história, identificando a posição correta do livro ou das gravuras – ex: o Af. estava a ver um livro ao contrário quando a L. chegou junto dele e lhe disse, “Não é assim”, virando-lhe o livro para a posição certa; - É um grupo que diariamente pede para fazer desenhos; - Reconhece em livros e revistas imagens conhecidas, como árvores, personagens de desenhos animados, entre outros, distinguindo também o texto da gravura – ex: estava a ler uma história quando o V. se aproximou e me disse, “Aqui é para lermos, não é?” e apontou para o texto, “E aqui é para os meninos que ainda não estão na escola verem e perceberem a história.”, apontando para as gravuras do livro. 	<ul style="list-style-type: none"> - Todas as crianças deste grupo reconhecem e identificam o seu nome – ex: A C. foi buscar a sua garrafa de água, chegou junto da educadora e disse, “Esta é a minha não é?”, apontando para o nome que estava na garrafa; - O grupo demonstra gosto por livros, manuseando-os correctamente; - Algumas crianças fazem contornos utilizando moldes e objectos, reproduzindo traços simples – ex: ao olhar para a área do desenho reparei que o D.L. estava a desenhar a sua mão, colocando-a em cima das folhas e contornando-a com canetas; - Sempre que realizamos registos poucas são as crianças que querem participar J.R., Lu., M. e C., ou seja, os meninos desta idade não querem participar, apenas se for “obrigatório” – ex: dirigi-me para a mesa grande da sala com cartolinas, fotografias e canetas, referi ao grupo que íamos fazer o

			<p>registo do bolo que tínhamos estado a fazer de manhã, as crianças encontravam-se a brincar nas áreas, enquanto falei estas olharam para mim, assim que disse que quem quisesse vir, poucas foram as que quiseram, os rapazes continuaram a brincar nas áreas;</p> <p>- Poucas são as crianças que conseguem representar partes de uma história – ex: quando terminamos de ler a história “A que sabe a Lua” pedi às crianças que fizessem um desenho de quando os animais chegaram à lua. Poucas foram as que fizeram, a C. limitou-se a fazer bonecos com a figura humana, o T. fez risco e disse que eram monstros.</p>
--	--	--	--

Área	Domínios	Competências	
		3 anos	4 anos
Expressão e Comunicação	Matemática	<ul style="list-style-type: none"> - As crianças deste grupo conseguem apontar para objectos grandes e pequenos, assim como ter a noção de dentro e fora – ex: quando fizemos o jogo do “lencinho da botica” as crianças referiam sempre que tinha que correr para fora senão sentavam-se dentro do círculo; - Identificam objetos iguais e diferentes e que tenham a mesma função – ex: quando estávamos a falar das regras a termos com as facas, no dia em que fizemos a salada de fruta o D. referiu, “As facas cortam e as tesouras também.”; - Completam puzzles de seis peças, fazendo correspondências entre as imagens; - Agrupam elementos de acordo com a mesma característica – ex: “Ana estas peças são da mesma cor, amarelas. E estas são do mesmo tamanho, devem ser do médio tamanho”, referiu o V. ao arrumar os legos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Distinguem cima e baixo, frente e atrás; - Identificam as cores primárias – ex: “estas são as cores que ao misturarem com outras fazem magia porque aparecem novas, outras cores” referiu a C. ao olhar para o painel das cores primárias; - Algumas crianças identificam quantidades iguais – ex: quando realizamos a confeção do bolo da caneca a C. referiu, “Quatro canecas de farinha? Então assim é igual ao açúcar. Também foram quatro canecas”; - Praticamente todas as crianças reconhecem as principais figuras geométricas planas – ex: ao levar para a sala um painel com imagens das figuras geométricas o R. referiu, “Olha figuras. Este é o quadrado, e o rectângulo, o triângulo e o círculo”; - Classificam atendendo a um critério (tamanho/forma/função), formando assim conjuntos simples – ex: O R. estava na área da garagem e classificava os animais consoante o seu tamanho, de forma crescente.

	Expressão Motora	<ul style="list-style-type: none"> - O grupo respeita as regras de um jogo; - É capaz de saltar no mesmo lugar a pés juntos, assim como pontapear uma bola grande e imóvel sem perder o equilíbrio – ex: no recreio as crianças brincam com as bolas pontapeando-as de forma correta; - Adapta o corpo a diferentes posturas – ex: quando fizemos as massagens de relaxamento as crianças adaptaram perfeitamente o seu corpo ao que lhes era pedido; - Conseguem subir as escadas alternando os pés; - Conseguem fazer enfiamentos – ex: gostam bastante de brincar com os fios de contas, onde enviam as contas e as poem contar, fazer colares e pulseiras; 	<ul style="list-style-type: none"> - O grupo consegue compreender e cumprir as regras de um jogo, assim como seguir comandos verbais como direções – ex: nos momentos em que brincávamos no quintal e fazíamos jogos sempre respeitaram as regras e seguiam as direções que lhes eram dadas; - Conseguem rolar sobre si próprios – ex: no recreio a M. e a C. colocam-se na rampa e começam a rolar até terminar a rampa; - Conseguem lançar e agarrar a bola com as duas mãos, assim como pontapeá-la em movimento; - Saltam a pés juntos e de pernas afastadas; - Contornam obstáculos, assim como saltam ao pé coxinho; - Equilibram-se em diferentes situações – ex: ao realizarmos o jogo “A estátua mais bonita” muitas crianças inventavam posições para o qual era necessário equilíbrio;
--	------------------	---	---

Área	Domínios	Competências	
		3 anos	4 anos
Expressão e Comunicação	Expressão Plástica	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecem as cores primárias, assim como identificam os diferentes objetos usados para cada atividade; - Manuseiam materiais moldáveis, como plasticina e massa de cores; - Fazem composições livres através de colagem – ex: na hora do acolhimento o D. dirigiu-se à área das artes, foi buscar revistas, tesoura e papel e começou a recortar e a colar papéis de revista; - Conseguem fazer bolas de papel, amarrotando-as – ex: para realizarmos o nosso espantalho o D. e a L. amarrotaram folhas de jornal para colocarmos na roupa do espantalho; - Representam a figura humana através do desenho; 	<ul style="list-style-type: none"> - Expressam as suas vivências através do desenho, por exemplo quando registam as novidades do fim-de-semana; - Utilizam de forma adequada o lápis e o pincel. Contudo a tesoura nem todas as crianças conseguem utilizá-la de forma adequada; - Modelam com ajuda de utensílios e com as mãos – ex: para a prenda do dia da mãe modelaram barro branco com as mãos e com moldes de coração; - A maioria das crianças deste grupo conseguem colorir em espaços limitados, assim como representam graficamente a figura humana, como é o caso da C., da M., do R., da J.R., L. C., do D.L., da Lu. e do D.P.; - Algumas crianças, como a C. e o D.L., revelam preocupação na apresentação dos trabalhos – ex: o D. estava a fazer um desenho acerca da sua novidade do Fim-de-semana, contudo o R. chegou junto deste e escreveu-lhe o desenho, deixando um risco na folha, “Oh Ana, olha lá o que ele fez? Agora já não quero meter isto ali”, referiu o D. pois não queria colocar o seu registo no placar das novidades devido ao que o amigo lhe tinha feito.

	<p>Expressão Musical</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Todas as crianças conseguem dançar livremente ao som da música, assim como utilizam o corpo para reproduzir sons – ex: ao colocar um cd com diversos estilos de música o V. começou a mexer o corpo, contudo assim que surgiu uma música mais mexida este começou a bater palmas e com as mãos nas pernas, tentando alcançar o ritmo da música; - Conseguem identificar animais por os sons e reconhecer os sons do quotidiano, como o apito de um carro, do comboio, de uma ambulância, etc; - As maiorias das crianças são capazes de memorizar e reproduzir pequenas melodias – ex: enquanto a L. brincava nas almofadas com o seu boneco, estava segredava-lhe “Dorme, dorme pequenino...um soninho descansado...”; - Todas as crianças utilizam instrumentos musicais de forma livre – ex: na aula de expressão musical as crianças vão buscar os instrumentos que a professora lhes leva para tocarem enquanto decorre a aula. 	<ul style="list-style-type: none"> - A maioria do grupo, principalmente as raparigas, participa em danças de roda – ex: fomos para o quintal fazer o jogo da “Carrasquinha”, enquanto as meninas se mostraram interessadas e participativas os rapazes preferiram ficar a jogar à bola e a andar de triciclo; - Todas as crianças acompanham as canções com gestos, cantando em grupo e memorizando as canções e lengalengas; - A maioria das crianças consegue utilizar o corpo para reproduzir sons, assim como utilizam instrumentos musicais – ex: no decorrer da aula de música as crianças mostram-se entusiasmadas, batendo palmas e até fazendo sons com a boca.
--	--------------------------	---	---

Fundamentação da Ação Educativa

Segundo Cavas (2009, p.21) *O contacto e o conhecimento mais íntimo com a arte em geral constituem-se como agentes transformadores da realidade pessoal e social do meio envolvente.* Sendo a escola o primeiro espaço onde o cidadão se desenvolve através do contacto sistematizado entre o universo plástico e as linguagens (dança, música, teatro, artes visuais e literatura), contribuindo assim para o desenvolvimento do cidadão, visto que este amplia o seu olhar em relação ao que o rodeia, ao mundo e ao seu potencial cognitivo e emocional, ou seja, estes cidadãos desenvolvem a capacidade de criar, atribuir sentidos, construir relações, contextualizar e analisar o seu quotidiano. . Desta forma a “Sala das Flores” baseou a sua ação educativa no projeto curricular de turma, *Duas mãos cheias de arte.* Através deste a criança desenvolve a sua educação estética. Ou seja, segundo Santos e Barrulas (2011) este projeto proporcionou à criança um contacto com os diferentes meios de educação para a sensibilidade do meio envolvente, da natureza e da cultura, permitindo assim com que a criança tenha apreciado diferentes contextos e situações. Assim, a criança teve oportunidades de expressar os seus sentimentos e conhecimentos através da arte, como o desenho, a pintura, a dramatização, entre outros, que lhe permitiram libertar-se das suas frustrações e angústias, construindo um pensamento saudável e uma aprendizagem significativa para o seu desenvolvimento.

Ao longo da minha prática implementei a metodologia de trabalho de projeto, embora tenha me também baseado nos parâmetros do projeto curricular de turma deste grupo. A escolha desta metodologia deveu-se ao facto de esta ser aprofundada em

termos conceptuais ao longo da licenciatura em Educação Básica e do Mestrado em Educação Pré-Escolar. Aprofundá-la teoricamente fez-me entender como seria pertinente experimentá-la no decurso da PES II em Jardim de Infância.

Para conseguir utilizar esta metodologia da forma mais adequada de modo a que o grupo pudesse usufruir das suas potencialidades resolvi aprofundá-lo. Este aprofundamento e as evidências de como o grupo e eu nos apropriamos do projeto é relatado no ponto (3.2.1.).

É necessário referir que embora me apoiasse na metodologia de projeto e nos parâmetros do projeto curricular de turma, também tive ao longo desta prática a consideração de utilizar alguns tópicos do Modelo Reggio Emilia, assim como a relação familiar que este estabelece, pois segundo Malaguzzi, (citado em Spodek Brown, Lino & Niza, 1998, p.102) este modelo proporciona um ambiente familiar entre crianças, familiares e educadores. Tal como em creche, consegui realizar trabalhos de cooperação entre os familiares das crianças e a comunidade envolvente, tanto na apresentação de trabalhos, como em visitas, onde os pais também colaboraram. Outro dos tópicos utilizados foi o facto de o adulto proporcionar à criança a exploração do ambiente que a rodeia, ajudando-a a expressar-se através de *diversas formas de linguagem* como a comunicação verbal, o desenho, a dramatização, a música, o jogo dramático, a moldagem, entre outros, acabando por utilizar a expressão artística como forma de expressão. Ao longo da minha prática de ensino supervisionada orientei de forma intencional a minha acção no sentido de ir ao encontro do projeto curricular de turma e do projeto pedagógico, conseguindo que o grupo exprimisse os seus conhecimentos através da expressão artística.

Trabalho de Projeto

Como referi anteriormente a metodologia de projeto foi bastante utilizada durante a minha prática em jardim de infância, uma vez que esta é um método estratégico de acção participativa e solidária, que vai ao encontro dos objetivos definidos por todo o grupo, ou seja, *é uma metodologia assumida em grupo que pressupõe uma grande participação de todos os participantes*. (Leite, 1989, p.140) Tal ajudou-me a diversos níveis, nomeadamente porque consegui com que o grupo trabalhasse em cooperação, aprendi a utilizar diversas técnicas que me ajudaram a organizar o grupo de forma significativa, aspeto que era um pouco complicado, conseguindo com que todas as crianças participassem na atividade de forma interessada e por vontade própria, não por intervenção do adulto.

Segundo Leite, 1989, esta metodologia envolve uma pesquisa no terreno, com tempos de planificação e de intervenção, para que o grupo de uma forma ativa possa encontrar respostas para os seus problemas. Contudo é necessário que o educador esteja disponível para o grupo, ajudando-o na sua organização, no decorrer do processo, sendo este visto como um recurso, uma vez que vai propor, informar e animar as atividades, só desta forma se consegue desenvolver um processo de aprendizagem significativo. Sendo assim, através desta metodologia consegui com que o grupo interagisse com a comunidade envolvente, com a família e com as restantes crianças que não fizeram

parte dos projetos realizados, tornando-os ativos na sua aprendizagem, uma vez que desta forma desenvolvem a comunicação, aumentando assim a socialização.

Foi também devido ao desenvolvimento do projeto que o grupo desenvolveu a capacidade de resolução de problemas, uma vez que esta metodologia dá grande importância à planificação, à forma de como o grupo define como vão fazer, quando fazer e quem vai fazer. Embora estes tópicos sejam alterados ao longo do processo, estes são muito importantes uma vez que ajudam o grupo a organizar-se na forma de como vão realizar o trabalho, trabalhando em equipa. Todo este trabalho possibilitou com que o grupo desenvolvesse novas capacidades e aperfeiçoasse outras, como as capacidades pessoais e sociais, de pesquisa, pois através desta metodologia o grupo é incentivado a observar, a recorrer a novas técnicas (como as entrevistas e questionários), assim como ajudou o grupo a analisar o mundo que o rodeia através de novas estratégias que surgiram através da sua criatividade. (Leite, 1989.)

Para além de ajudar o grupo na organização, na resolução de problemas, na proximidade do relacionamento familiar com a instituição, foi através desta metodologia que cresci como profissional. Através do seu desenvolvimento consegui colocar em prática diversas estratégias que me ajudaram a perceber quais as mais corretas perante o grupo, para que juntos evoluíssemos. Foi também graças a esta metodologia que me consegui aproximar do grupo, estabelecendo assim uma relação de confiança e carinho, que permitiu com que fossem ultrapassados obstáculos ao longo da minha prática. Toda esta metodologia foi bastante benéfica quer para o grupo como para mim, tanto a nível profissional como emocional e social. Pois tive a oportunidade de conhecer novas culturas, os seus valores, aprender a respeitá-los, aprendi a conviver com estas mesmas diferenças, o que me tornou mais humana e sensível, tendo assim disposta para ouvir todas as crianças de forma carinhosa e afectuosa.

Foi também através desta metodologia que juntamente com o grupo conseguimos explorar diversos métodos da expressão plástica, uma vez que realizamos um projeto, *Vamos construir um espantalho* (ver anexo 1), que permitiu com que o grupo trabalhasse de forma organizada, uma vez que decidimos quem ia fazer o quê e quando (ver imagem 5), e através de diversas técnicas, como a pintura com tinta e areia (ver imagem 6), a utilização de diversos materiais e a reutilização de materiais. O que permitiu com que o grupo desenvolvesse o seu conhecimento acerca do mundo que o rodeia através de novas técnicas da expressão plástica.

Desta forma posso concluir que esta metodologia foi muito importante para o desenvolvimento da minha prática, pois sem ela não teria conseguido estabelecer a relação de carinho e afecto que desenvolvi com o grupo, assim como organizar o grupo de forma significativa e fazer com que este trabalhasse com bastante envolvimento e interesse, desenvolvendo assim a minha personalidade como individuo da sociedade mas principalmente como educadora, tornando-me mais responsável, atencioso e carinhoso. Pois ao trabalhar esta metodologia aprofundei bastantes sentidos, como o de responsabilidade e empenho no trabalho. Aprendi a estabilizar os meus sentimentos face ao grupo de crianças, conseguindo enfrentar situações conflituosas com serenidade e segurança, fazendo com que o grupo se sentisse seguro na minha presença. Desenvolvi a capacidade de respeitar todas as crianças da mesma forma, assim como os seus

familiares e as suas histórias culturais e familiares, permitindo-me assim desenvolver o meu papel profissional de forma correta.

TAREFA	RESPONSÁVEIS
CABEÇA	RAFAEL TOMÁS HENRIQUE
BRANCO E TRONCO	DIANA RODRIGUES MIGUEL LIMA MIGUEL GONÇALVES LEONARDO COSTA
PERNAS	LEONARDO LUCAS MIGUEL GONÇALVES TOMÁS
CHAPÉU E MÃOS	TOMÁS LEONARDO ALVES MIGUEL MIGUEL PEREIRA
CHAPÉU	MIGUEL PEREIRA
MÃOS	MIGUEL PEREIRA
CHAPÉU E MÃOS	MIGUEL PEREIRA

Imagem 3 - Tabela “Quem faz o quê”, referente aos grupos de trabalho do projeto *Vamos Construir um Espantalho*. O grupo da cabeça, o grupo dos braços e do tronco, o grupo das pernas, o grupo dos sapatos, do chapéu e das mãos e o grupo da divulgação do trabalho.



Imagem 4 - Pannel que fizemos em grande grupo, onde decimos como íamos fazer a cabeça do nosso espantalho e o corpo e quais os materiais que iríamos utilizar.



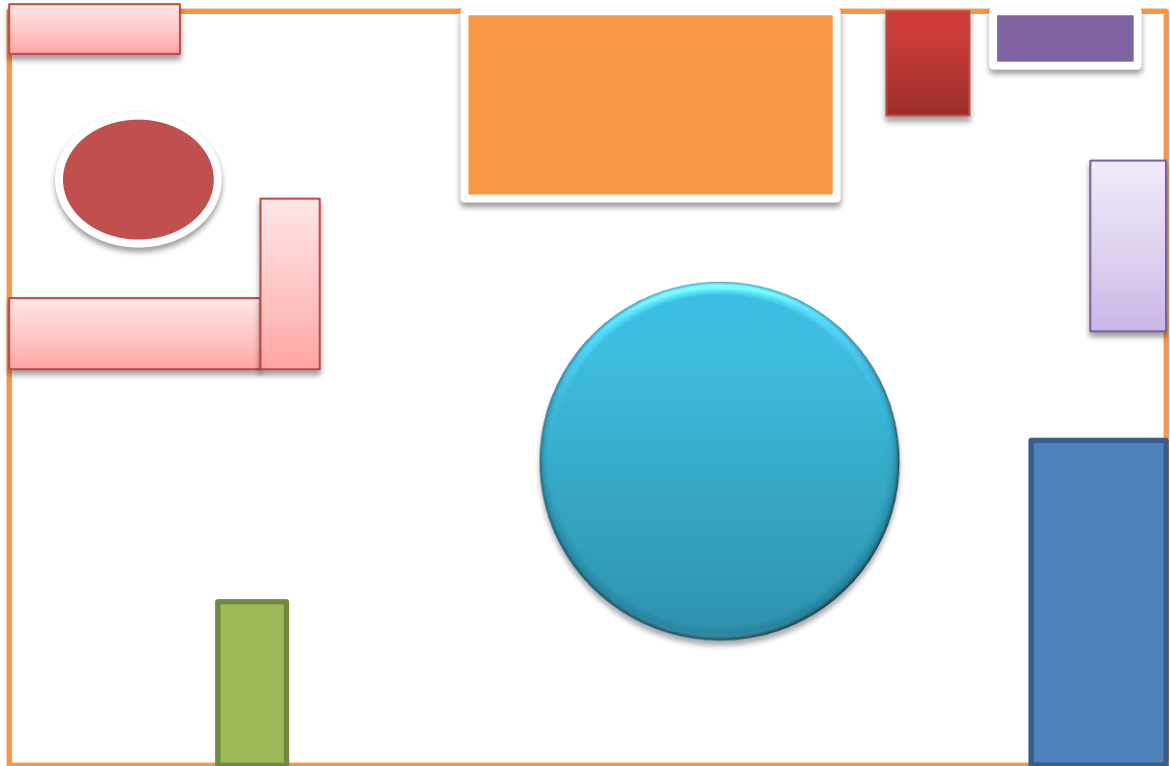
Imagem 5 - O (R.) e o (M.) (grupo da cabeça) a terminarem a construção da cabeça que foi feita através de um balão cheio de ar e com jornal e cola à volta do balão, desenharam os olhos, a boca e o nariz.




Imagem 6 - O (D.) (grupo das pernas) a colar os remendos na roupa do espantalho. Aqui reutilizamos roupa das crianças que já não era utilizada por eles.


Organização do Cenário Educativo


(Planta da sala de Jardim de Infância)




Legenda da sala:


 Estantes com materiais

 Área das almofadas

 Porta da entrada na sala

 Área do Faz de Conta

 Casas de banho

 Área das ciências



Área da arte e área da pintura e do desenho



Área da garagem



Mesas da sala

Organização do Espaço e Materiais

A “Sala das Flores”, está situada no primeiro andar da instituição, sendo esta constituída por duas partes, a casa de banho e a sala, sendo a maior sala da instituição.

A sala é constituída por diferentes áreas, como a *área da dramatização* (que é constituída por a área da casinha e da garagem, onde temos loiças de plástico, alimentos de plástico, camas dimensionais ao grupo, cestos, bonecos, materiais reutilizados, roupa, sapatos, malas, um tapete sinalizado com sinais de trânsito, carros, motas, jogos de encaixe, miniaturas de animais e casinhas de plástico), a *área da pintura* (é constituída quadro com giz e uma tela, tintas e pincéis), a *área da leitura* (é constituída por um espaço amplo, com almofadas e estantes com livros que estão proporcionais ao grupo), *área do médico* (tem uma mesa, duas cadeiras e uma mala de enfermagem, onde as crianças têm ao seu dispor, seringas, máscaras, ligaduras, entre outros materiais médicos), *área dos jogos* (uma estante com jogos diversos, como puzzles, jogos de encaixe e uma mesa grande onde realizamos as reuniões de grande grupo) e a *área das artes* (que é constituída por uma estante com materiais que irão ser reutilizados, como rolhas, tampas de plástico, papéis de rebocados e bombons, aparas dos lápis, pacotes de leite e sumos, etc., tesouras, lápis, folhas e canetas.) Contudo também temos um canteiro que fica no exterior na instituição, onde cada sala tem um canteiro que pode utilizar ao longo do ano. No canteiro temos flores e plantas, que foram semeadas por nós e são diariamente cuidadas por nós.

Todas estas áreas são constituídas de acordo com os interesses e necessidades do grupo, assim como o seu material, que está sempre ao dispor do grupo, pois encontra-se proporcional em relação à idade deste. No meu entender, esta sala está muito bem organizada, pois apesar de ter diversas áreas, estas estão bem organizadas, permitindo com que a sala tenha um espaço amplo, onde podemos realizar atividades de grande grupo. É uma sala bastante apelativa e acolhedora, onde ao entrar “pensamos que estamos em casa, que esta é a nossa sala”. É muito colorida, as paredes estão enfeitadas com pinturas e painéis com trabalhos das crianças.

Ao longo da minha prática pude observar que a sala é bastante apelativa para o grupo, uma vez que este pode realizar as suas próprias escolhas em relação ao que quer fazer diariamente, contudo após as brincadeiras o grupo não se sente motivado a finalizá-las com a arrumação, acabando sempre a Auxiliar por arrumar as áreas onde as crianças brincaram. Desta forma ao longo da minha prática de ensino supervisionada em Jardim de Infância II utilizei estratégias para que o grupo manifestasse interesse em

arrumar os materiais e não apenas em brincar com eles. Pois tentei com que estes momentos fossem de brincadeira, onde arrumávamos realizando jogos como por exemplo o jogo da estátua, onde coloquei música e ao som desta as crianças tinham que arrumar. Assim como levei um cd com diversas músicas, umas mais calmas que outras e as crianças tinham que arrumar ao ritmo da música. Posso referir que estes momentos foram bastante engraçados, pois divertimo-nos imenso e as crianças começaram a querer arrumar as suas brincadeiras.

Assim como referi anteriormente na meu entender a sala estava bem organizada e o grupo conseguia usufruir dessa mesma organização, não tendo assim alterado a organização da mesma. Contudo fomos preenchendo a sala com os nossos trabalhos, como painéis, fizemos o painel das novidades, a área do projeto, onde colocávamos afixado os registos que fizemos ao longo do projecto “Vamos construir um espantalho”, enfeitamos o corredor que dá acesso à sala com um poema para as mães, fotografias e desenhos, entre outros trabalhos que realizamos ao longo da minha intervenção.

Organização do Tempo

Horas	Atividade
08:40 às 09:00	Acolhimento
09:00 às 09:30	Brincadeiras nas áreas, recorte e pintura e distribuição das tarefas da sala (actividades em pequeno grupo e individuais)
09:50 às 10:00	Arrumações da sala (actividade em grande grupo)
10:00 às 10:30	Aulas extracurriculares, reuniões em grande grupo e trabalhos de projetos
10:45 às 11:00	Brincadeiras no exterior e aulas extracurriculares
11:00	Almoço
11:30 às 12:00	Higiene em grande grupo
12:00 às 14:30	Sesta
14:30 às 15:00	Hora do conto
15:00 às 15:30	Lanche
15:30 às 16:00	Aulas extracurriculares e brincadeiras no exterior
16:00 às 16:15	Higiene em grande grupo
16:15 às 17:30	Trabalhos de projectos e brincadeiras nas áreas
17:30 às 18:00	Trabalhos a decorrer com a Auxiliar de Educação

(Tabela IV – Organização do tempo em Jardim de Infância)

A organização diária do grupo é adaptada às aulas extra curriculares, que ocorrem à segunda de manhã (Musica, 10:00 às 10:30 horas), às terças de manhã (Expressão Motora, 10:00 às 11:00) e à tarde (Dança, 15:45 às 16:15 horas).

O facto de este horário ser um pouco parecido ao da sala de creche, como por exemplo, as crianças terem que almoçar às 11:00 horas e também por o facto de terem muitas aulas extracurriculares a decorrer no horário letivo, faz com que o grupo acabe por sentir necessidade de brincar no tempo que tem livre, ou seja, nos momentos de trabalho proporcionado por o educador. Ao longo desta minha intervenção observei que era necessário arranjar estratégias para organizar o grupo, para “agarrá-lo”, despertar o seu interesse para estas actividades. Dessas alterações evidencia-se o facto das crianças passarem a brincar livremente nas áreas durante o período de manhã e no período da tarde iríamos então fazer as reuniões em grande grupo e os trabalhos de projeto. Contudo esta não foi a melhor planificação, pois durante o período da tarde o grupo mostrou-se bastante agitado, sendo até impossível realizar algumas das atividades planeadas. Resolvi então, realizar este tipo de atividades no período da manhã sendo a participação das crianças uma opção individual. Esta alteração, acabou por fazer com que no final da minha intervenção a maioria das crianças já quisesse participar em atividades de grande grupo.

Outro dos meus obstáculos era a gestão do tempo, pois a rotina do grupo não era flexível, muitas crianças só chegavam à sala perto das 10:00 horas, almoçávamos cedo (11:00), tínhamos aulas extracurriculares a decorrer no horário lectivo, havia alguma dificuldade em organizar o grupo, a partir das 10:30 tínhamos que sair da sala para a auxiliar colocar as camas para os meninos dormirem, assim como entre as 15:30 e as 16:00 horas iam limpar a sala e também não podíamos lá estar, entre outros motivos que apesar de dificultarem um pouco a gestão do tempo, me ajudaram a encontrar estratégias para conseguir gerir o tempo de uma forma calma e significativa.

Organização do Grupo

Ao longo do dia a organização do grupo era bastante diversificada, como podemos verificar na tabela em cima referida. Os momentos de grande e de pequeno grupo são numerosos, como no acolhimento, na higiene, no plano diário, nas atividades de Projeto, na sesta, no almoço, no lanche e nos trabalhos orientados por a Auxiliar de Educação. Contudo e ao contrário da Creche, os trabalhos individuais e a pares (criança-educadora) são realizados também com grande frequência, como por exemplo, no almoço, no lanche, nas atividades de Projeto e nos trabalhos orientados por a Auxiliar de Educação.

A organização do grupo depende do tipo de atividades que se vai desenvolver, assim como a ação mediadora da Educadora e da Auxiliar em relação a esta organização. Pois em momentos como as atividades livres após o acolhimento e as brincadeiras no quintal, é da responsabilidade do grupo organizar-se face às brincadeiras que querem desenvolver. Enquanto na higiene, na realização do plano diário, nas atividades de projeto, no almoço, na sesta e nos trabalhos orientados por a Auxiliar de

Educação, a organização do grupo é feita por a Educadora e por a Auxiliar, tendo sempre em conta as necessidades e interesses do grupo.

Contudo ao longo da minha prática de ensino supervisionada em Jardim de Infância II verifiquei que a organização do grupo era um pouco confusa, fazendo com que os momentos de grande grupo não resultassem. Desta forma tive que planificar para uma boa organização, utilizando estratégias que organizassem o grupo nestes momentos e que manifestassem o seu interesse por momentos de grande grupo. Inicialmente foi um pouco difícil gerir estes momentos, contudo com o auxílio da educadora, da auxiliar e da professora Fátima consegui encontrar estratégias, como referi no ponto anterior (*Organização do Tempo*) que me ajudaram a ultrapassar este problema, fazendo com que nestas ultimas semanas de intervenção conseguisse reunir-me em grande grupo e dialogar com as crianças.

Apesar de ter noção de que o grupo necessitava de mais motivação e que se continuassem a puxar por ele, fazendo-o trabalhar e a realizar momentos de grande grupo, tenho a consciência de que não foi fácil chegar até onde cheguei, conseguindo alcançar alguns objetivos que foram definidos ao longo desta intervenção, como a organização do grupo e na gestão do tempo.

Organização do Planeamento e da Avaliação

A organização do planeamento é feita semanalmente pela Educadora e a Auxiliar, respeitando os interesses e necessidades do grupo.

Para avaliar estas planificações e até mesmo o desenvolvimento das crianças, cada criança tem um dossier, onde é registado as observações e os trabalhos elaborados pelas próprias, de forma a avaliar o progresso e as dificuldades da criança. Estes métodos são organizados, havendo uma partilha de comunicação entre educadora e a auxiliar, o que é muito importante.

Desta forma baseie as minhas planificações nos métodos utilizados por a educadora, tendo sempre em conta as necessidades e interesses das crianças, que eram observados diariamente e registados num caderno, onde neste momento esses registos fazem parte da caracterização do grupo. A avaliação, quer das planificações, quer do grupo, foi feita ao longo da minha intervenção através dos objectivos definidos nas planificações e na forma de como estes eram avaliados, assim como na análise da caracterização do grupo, verificando a sua evolução e as capacidades adquiridas. Contudo é necessário referir que toda esta organização de planeamento e avaliação foi feita em cooperação com a educadora e a auxiliar, onde diariamente me reunia com a educadora para falarmos das planificações, dos seus sucessos e insucessos, do que poderíamos melhorar, como melhorar e como chegar aos objetivos pretendidos. Todas estas reuniões diárias foram fundamentais para o meu desenvolvimento profissional, pois através delas apercebi-me da importância do trabalho de equipa, assim como alguns erros que estava a cometer e também as evoluções que desenvolvi ao longo da prática. Foram estas reuniões que me ajudaram a encontrar soluções para ultrapassar determinados obstáculos, como conseguir uma boa organização do grupo, arranjar estratégias que contribuíssem para uma aprendizagem significativa das crianças, melhorar a minha postura enquanto profissional, pois ao inicio não me impunha perante

o grupo, pois tinha receio de o fazer e com as conversas com a educadora apercebi-me que seria fundamental fazê-lo de forma a conseguir agarrar o grupo, para desenvolvermos aprendizagens significativas. Desta forma posso concluir que sem a ajuda da educadora e da auxiliar, que sempre que necessário me aconselhava a utilizar alguma estratégia para que a atividade funcionasse de forma significativa, não teria evoluído profissionalmente.

Interações com a Família e a Comunidade

As interações entre as famílias das crianças são diárias. As famílias ao chegarem à sala mostram sempre grande interesse no percurso diário dos seus filhos/familiares, nos trabalhos que estes realizaram, nas brincadeiras que estes fazem, etc.

Ao longo da minha intervenção desenvolvi algum contacto com os pais e familiares das crianças, uma vez que inicialmente elaborei uma “reunião” individual com cada pai, de forma apresentar-me e também para lhes explicar que iria realizar um trabalho de investigação na sala e que para isso necessitava de filmar e fotografar os seus filhos. Este contacto foi muito importante para mim e para as crianças, uma vez que favoreceu a relação de ambos com a família. Pois fui sempre acarinhada e respeitada por os pais e familiares, todos os dias tinham uma palavras simpática e um sorriso para me dar, o que me ajudou muito e me deu muita força para lutar contra os problemas que fui encontrando ao longo deste percurso. Os pais sempre se mostraram disponíveis na participação das atividades, como na germinação do feijão, onde os pais vieram fazer a germinação com os filhos, realizamos pinturas, apresentamos o nosso projeto, “*Vamos construir um espantalho*” (ver anexo), fomos passear juntos, entre outras coisas que fizemos.

Assim como consegui interagir com a família de forma satisfatória, também o consegui fazer com a comunidade. Pois semanalmente planeávamos fazer alguma saída que estive relacionada com o trabalho que estávamos a fazer nessa semana, assim como fomos ao museu comemorar o dia do museu, comemoramos o dia do monumento visitando monumentos de Évora, fizemos visita de estudo, entre outras saídas que fizemos. Também convidei algumas pessoas para irem à sala, um técnico de informática que nos foi montar um computador que nos ofereceram e que ensinou a algumas crianças que ainda não sabiam trabalhar com o computador, também convidamos outros meninos a irem à nossa sala, assim como a cozinheira e a senhora das limpeza que ainda realizaram alguns trabalhos em cooperação connosco.

Trabalho de Equipa

O trabalho de equipa foi bastante visível nesta instituição, pois as Educadoras, Auxiliares, Diretoras, Cozinheiras, Professoras, entre outros elementos, elaboram projetos e trabalhos de cooperação.

Ao longo destas intervenções sempre contei com o apoio da Educadora Luz e da Auxiliar Guida. Mostrando-se sempre disponíveis para me ajudar a revolver os problemas e fazer mais e melhor. Sempre que necessitei reuni-me com a Educadora Maria da Luz para falarmos acerca das minhas dificuldades, dos meus objetivos alcançados e da forma de como poderíamos resolver os problemas que surgiam. Assim como a Guida que me ajudava na elaboração das atividades, no controlo do grupo, me dava a sua opinião acerca de como fazer algo, entre outras coisas. Tenho a referir que estas senhoras foram incansáveis, sempre me ajudaram, estiveram a meu lado e sempre que necessitava tinham uma palavra de força e de encorajamento para me “arrebatar”, ajudando-me a desenvolver o planeamento de forma significativa, assim como a avaliação, na realização das rotinas, nas saídas que fazíamos, entre outras atividades. Graças ao trabalho de equipa consegui ultrapassar os obstáculos que me surgiram e tornar-me numa formadora melhor e mais saudável.

Dimensão Investigativa na Prática de Ensino Supervisionada

Ao longo da minha prática fui percebendo a importância da dimensão investigativa no dia a dia de uma educadora, pois segundo Alarcão (2001) o trabalho de investigação por parte do educador é muito importante, uma vez que através dele podemos observar e compreender o que acontece, sendo esta compreensão fundamental para o desenvolvimento dos projetos curriculares, para o conhecimento de diversas dinâmicas do grupo e também para o desenvolvimento de processos de aprendizagem, quer das crianças quer dos educadores. Sendo assim, cabe aos educadores “investigar” as suas crianças, os seus comportamentos e as suas atitudes conseqüentemente às minhas práticas, de forma a melhorar a sua qualidade de aprendizagem.

No meu entender o que foi referido anteriormente é muito importante, pois ao longo da minha prática consegui perceber a importância desta dimensão. Uma vez que ao investigar o grupo, cada criança individualmente, o espaço onde estas estavam, entre outras coisas, consegui perceber diversos fatores, como o facto de na sala de creche estar a organizar o tempo de forma desadequada, assim como percebi o quanto a organização da sala era importante para o desenvolvimento do grupo. No jardim de infância apercebi-me de que o grupo necessitava de se organizar de forma significativa, de experimentar coisas novas, diferente e apelativas, de forma a despertar o seu interesse pelas atividades realizadas. Todas estas conclusões foram feitas através de observações diárias, de registos no caderno de formação, de conversas com as educadoras cooperantes, onde expressava a minha opinião e em cooperação tentávamos encontrar estratégias para solucionar estas análises. Como referi nestes pontos, a escolha destes instrumentos deveu-se ao facto de no meu entender estes serem mais adequados ao grupo, pois através deles consegue perceber melhor o grupo, conhecer cada criança de uma forma mais individual, de forma a respeitar as suas necessidades e interesses. Só assim consegui desenvolver aprendizagens significativas para as crianças, relações estáveis e carinhosas e aproximar-me dos seus familiares. O que era bastante difícil na sala de creche, mas após algumas atividades, como o teatro do Dia do Pai, onde convidamos os pais a virem à sala ver um teatro, consegui aproximar-me mais da família.

Contudo estas não foram as únicas conclusões que obtive ao longo da minha prática. Uma vez que a dimensão investigativa é bastante importante no ensino, tanto para o educador como para as crianças, ao longo da minha prática resolvi aplicar um dos instrumentos de auto-avaliação do DQP (ver anexo 2 e anexo 3) e de aperfeiçoamento dos contextos educativos das crianças entre os 0 e os 6 anos, a *Ficha de Observação das Oportunidades Educativas*. O motivo que me levou a fazer esta auto-avaliação deveu-se ao facto de ter feito uma análise crítica e construtiva do meu caderno de formação, como os registos diários e as planificações, despertando-me assim para o facto de que estava a desenvolver bastantes atividades relacionadas com a expressão plástica, acabando por me esquecer das outras áreas e domínios de aprendizagem, como podemos ver no anexo 2- Dimensão Investigativa da PES I e no anexo 3- Dimensão Investigativa da PES II.

Desta forma ao realizar esta investigação, fazendo uma auto-avaliação do meu desenvolvimento enquanto profissional, consegui melhorar a minha intencionalidade educativa. Através dos indicadores e análise realizada no primeiro estudo na PES I apercebi-me de que havia áreas e domínios esquecidos, os quais não eram contemplados em termos de planificação, assim como verifiquei que grande parte das atividades eram feitas segundo propostas da educadora, neste caso as minhas propostas. Estas evidências fizeram com que na PES II tivesse especial atenção com estes aspetos e conseguisse desenvolver atividades que surgiam através das propostas emergentes, propostas das crianças e planificar todas as áreas e domínios de aprendizagem. Se não tivesse realizado esta auto-avaliação provavelmente não teria evoluído de forma notória a nível das planificações, pois talvez nem me apercebesse que estava a basear a minha prática apenas no domínio da expressão plástica e em actividades propostas por mim, o que era um erro, uma vez que é fundamental desenvolver todas as áreas e ter atenção às propostas emergentes do grupo.

Concluo que a dimensão investigativa é bastante importante no desenvolvimento da profissionalidade, pois através dela apercebemo-nos do nosso desenvolvimento enquanto profissionais, uma vez que nos apercebemos dos comportamentos das crianças, das suas necessidades e interesses, acabando assim por ultrapassar “os problemas que surgem”. Esta compreensão da criança beneficiou-me, pois melhorei a minha prática e desenvolvi processos de aprendizagem significativos tanto nas crianças como em mim.

A Expressão Plástica na Educação Pré-Escolar

A Pertinência do Tema

Ao iniciar a minha prática de ensino supervisionada em creche e jardim-de-infância deparei-me com o facto de o Projeto Pedagógico, “*Sentir, Descobrir, Criar – Uma viagem pelas Artes*”, ser baseado nas expressões artísticas. Onde este possibilitava com que as crianças desenvolvessem as suas aprendizagens através do que viam, descobriam e criavam, permitindo assim às crianças desenvolverem um relacionamento mais próximo com a arte que possibilitou com que estas tomassem consciência do mundo que as rodeia, ou seja, da realidade pessoal e social do meio envolvente (Cavas, 2010, p.20)

Indo ao encontro deste projeto estão os projectos curriculares de turma, “*Educar pela Arte*” e “*Duas Mãos, Cheias de Arte*”, que têm como objetivos proporcionar com que as crianças contactem com diversos meios, de diversas formas, conseguindo assim expressar os seus conhecimentos e sentimentos através das expressões artísticas.

Sendo assim, ao deparar-me com estes projetos e ao observar que as expressões eram bastante trabalhadas tanto em sala de creche (com pinturas, dramatizações de histórias, moldagens de massas), como na sala de jardim-de-infância, onde as crianças davam grande importância às brincadeiras nas áreas, à pintura, à moldagem, digitinta, entre outras, apercebi-me que a Expressão plástica é um domínio de aprendizagem bastante importante para o desenvolvimento dos processos de aprendizagem das crianças, uma vez que esta *valoriza o processo de exploração e descoberta de diferentes possibilidades e materiais*, possibilitando com que a criança consiga expressar as suas emoções e conhecimentos acerca do que a rodeia. (Ministério da Educação, 1997, p.61) Desta forma, pensei que seria necessário aprofundar mais este tema, de forma a verificar qual é a importância desta área de aprendizagem no desenvolvimento dos processos de aprendizagem das crianças.

A Importância da Expressão Plástica no Pré-Escolar

Como todos sabemos é necessário que o conceito de Arte esteja relacionado com o conceito de Educação. Pois quando falamos em educação falamos num processo de individualização e de integração com o mundo que nos rodeia. Assim como o conceito de arte, que se refere ao processo cultural da evolução do Homem, indo assim ao encontro da “forma”, ou seja, do princípio que se refere à nossa atitude perante aquilo que nos envolve em relação à arte, como os sentimentos que demonstramos ao visionarmos um quadro, o conhecimento que adquirimos acerca do autor das peças, da “criatividade” e da nossa imaginação. Estes dois princípios vão ao encontro da educação estética, que tem como finalidades, *permitir todos os modos de percepção e sensação; coordenar os diversos modos de percepção e sensação, entre si e em relação ao envolvente; possibilitar a expressão, de forma comunicável, dos sentimentos e de toda a experiência mental*, desenvolvendo assim um processo dinâmico entre a educação e a arte. (Leite, E. & Malpique, M., p.10-11)

Desta forma ao longo da minha prática tentei desenvolver nas crianças o princípio da criatividade. Segundo Bento (1997) este refere-se à direção de criar algo relacionado com o meio social e cultural em que se está inserido. Pois segundo Roger (citado em Bento, 1997, p.29) o desenvolvimento humano dá-se através das relações que este estabelece com os outros, ou seja, para que o Homem crie é necessário que este estabeleça relações com os outros, através da comunicação no meio envolvente. Uma vez que esta vai estimular a sensibilidade e a imaginação do ser humano, esta atividade é significativa para a aprendizagem do Homem. Tendo isto em conta, ao longo da minha prática possibilitei com que as crianças tanto em creche como em jardim-de-infância, tivessem contacto significativo com o meio envolvente, tanto com a comunidade que os rodeia como ao acesso de materiais diversificados. Por exemplo, na sala de creche um dos primeiros contactos que estabelecemos com a comunidade foi a visita da Enfermeira Teresa à nossa sala. Veio falar da importância da higiene pessoal, onde nos mostrou como havíamos de lavar os dentes, as mãos e de tomar banho, assim como nos mostrou os materiais que devemos utilizar para realizarmos a nossa higiene e também alguns materiais que as enfermeiras utilizam no seu dia-a-dia, como seringas, chapéus, máscaras, luvas, etc. No meu entender este contacto foi muito importante para o grupo, pois através dele o grupo conheceu um pouco o meio envolvente, algo relacionado com o Hospital, onde muitas crianças superaram alguns medos, uma vez que exploraram diversos materiais, entenderam as suas utilidades, assim como os seus perigos. Todo este conceito possibilitou com que o grupo após a exploração dos materiais adquirisse mais predisposição para a realização da construção de chapéus e das batas, onde todos o fizeram com a ajuda da Enfermeira e onde cada criança coloriu os seus utensílios consoante o que tinham visto e adquirido, onde algumas tentaram fazer os símbolos que a Enfermeira levava no chapéu e na bata. Pois segundo Salvador (1988, citado em

Bento,1997, p.24) *quantos mais instrumentos conheça e mais perfeita seja a sua técnica, melhor pode organizar o espaço, as linhas, as formas, e as cores e consegue dar maior expressão aos seus sentimentos e pensamentos.* Cabendo assim ao educador intervir de forma ativa e significativa, visto que é necessário fornecer às crianças os meios necessários para que estas desenvolvam o pensamento criativo, tornando assim as crianças ativas e criativas. (Bento, 1997, p.29)

Segundo Bento, 1997, são as escolas ativas que valorizam a expressão e a qualidade dos materiais utilizados, pois só assim as crianças são estimuladas para criarem novas atividades significativas de expressão que abrangem os diversos domínios e áreas de aprendizagem. O que permite que a criança atue de forma espontânea, que invente, repita e recrie num ambiente liberto e de comunicação. Tudo isto era visível no local onde realizei a minha prática, pois valorizavam bastante a expressão, assim como os materiais que eram utilizados. Estes eram escolhidos adequadamente indo ao encontro das necessidades e interesses das crianças, assim como as suas faixas etárias. É também através da expressão plástica que conseguimos perceber o quanto o ser humano é inteligente, pois este é capaz de colocar em prática tudo aquilo que pensa, já dizia Montessori (1971, como citado em Bento, 1997, p.31), *“quando o Homem pensa, pensa e age com as mãos”*. Sendo fundamental que o educador proponha atividades significativas ao grupo, para que estas desenvolvam a sua inteligência, que por sua vez desenvolve a sua habilidade nas mãos. Sendo assim e segundo Montessori (1971, citado em Bento, 1997, p.31), quando o adulto propõe às crianças oportunidades de executar atividades manuais, estas são mais criativas, participativas e alegres. O que não acontece quando as crianças não têm estas oportunidades, pois estas tornam-se rebeldes, com menos iniciativa e mais tristes. O que pude comprovar ao longo da minha prática em jardim-de-infância, pois inicialmente algumas crianças do sexo masculino eram um pouco “rebeldes”, não se interessando por trabalhos manuais e momentos de grande grupo. Preferindo brincar na área da garagem durante todo o dia, onde nem nas outras áreas brincavam, tendo assim pouca iniciativa. Isto preocupou-me e fui tentando perceber quais eram os interesses destas crianças, acabando por perceber que estes queriam experimentar algo de novo, não ficando apenas pela pintura, tornarem-se seres ativos na sua aprendizagem, como serem eles a confeccionar a massa de cor, a escolher o que queriam fazer, como é que queriam pintar, moldar barro, etc. Desta forma possibilitei que o grupo explorasse novos materiais aos quais antes não tinham acesso, como os marcadores, pintura com giz e leite, pintura com terra e tinta, modelagem de barro, entre outras atividades que despertaram o interesse ao grupo por trabalhos manuais e que possibilitaram o desenvolvimento da comunicação com os outros colegas, acabando por torná-los mais participativos.

Como podemos verificar ao longo do texto a expressão plástica é bastante importante no pré-escolar, visto que é nesta altura que as crianças se encontram em fase de desenvolvimento, aprendem a falar, reconhecem algumas letras, conhecem o que os rodeia, aprendem a andar e a manusear o corpo. Logo é fundamental que o educador proporcione com que as crianças tenham contacto com a expressão plástica desde os

primeiros meses das suas vidas, pois desta forma irão desenvolver-se de forma significativa e ativa, tornando-se crianças participativas, criativas e alegres.



Imagem 7 - Exploração de materiais (arroz, copos de iogurte, colheres, papel autocolante e canetas de acetato).



Imagem 8 - Continuação da exploração de materiais na sala de creche.



Imagem 9 - Este é o menino que falei anteriormente no texto, que inicialmente apenas ficava a brincar na área da garagem e que com o projeto *Vamos Construir um Espantalho* se entusiasmou e participou neste de forma ativa.

O Papel do educador na Expressão Plástica

Segundo Stern, para a criança o conceito de expressão plástica é muito diferente da do adulto. Pois na criança a expressão é considerada como a sua linguagem, o conhecimento que esta tem perante o que a rodeia, cabendo ao educador conseguir interpretar o que a criança lhe transmite, ou seja, *não toma flor pela árvore, uma casa por um barco*. Conseguindo reconhecer o que a criança cria, embora não tente perceber o seu significado, mas sim intervir durante o trabalho da criança, ou seja, quando uma criança elabora um desenho e este tem a imagem de uma casa o educador pode perguntar “Como é que as pessoas entram na tua casa?”, deixando a criança a pensar nessa solução. Desta forma para além de a criança desenvolver o conhecimento por aquilo que a rodeia, a sua criatividade e a sua participação, também desenvolve a capacidade de resolução de problemas. Este tipo de comportamentos por parte do educador é muito importante, pois ao longo da minha prática em jardim-de-infância pude observar esta técnica entre as crianças e a educadora e a auxiliar, de forma a incentivar as crianças a solucionar alguns problemas.

Sendo assim e segundo Stern, o educador tem de ser uma pessoa inspirada e sensível aos trabalhos das crianças, inspirando-as com a sua confiança, criando assim um clima onde as crianças tomam consciência de si próprias, sentindo-se apoiadas por o educador. Para além de um ser sensível o educador deve desenvolver nas crianças regras fundamentais para a realização destas atividades, como arrumar o material após a sua utilização, utilizar o material de forma correta, partilhar o material com os outros e aceitar as opiniões os outros, saber ouvir. O facto de as crianças terem este tipo de regras adquiridas é muito importante, pois como pude observar na sala de creche, estas já estava adquiridas, onde as crianças arrumavam de forma autónoma e participativa, partilhavam os materiais, sabiam esperar por a sua vez. Contudo na sala de jardim-de-infância nem todas as crianças respeitavam estas regras, não partilhavam os materiais e não os arrumavam, dando-me sempre desculpas, “Eu não brinquei aí.”/ “Não fui eu.”, o que fez com que juntamente com a educadora e a auxiliar pensássemos em estratégias para ultrapassarmos estes problemas, como tornar a hora de arrumar na hora de brincar, onde arrumamos a ouvir música, mexendo-nos consoante o ritmo da música, jogamos às estátuas, entre outras atividades que desenvolvemos e que ajudaram o grupo a adquirir e a aperfeiçoar estas regras de forma significativa.

Stern também refere que é importante que o educador esteja presente em todas as atividades de expressão plástica, que acompanhe todas as crianças, de forma individualizada. Contudo não deve incomodá-las, apenas mostrar-lhe que está a seu lado, tendo uma presença discreta e positiva, ou seja, ativa. Pois só desta forma, no meu entender, a criança se sente encorajada a participar, a criar e a experimentar coisas novas.

A Importância do Desenho na Expressão Plástica

Ao longo da minha prática apercebi-me de que tanto em sala de creche, como em jardim-de-infância o desenho estava presente diariamente e em vários momentos do dia. Pois segundo Salvador (1988) *Não é necessário dizer a uma criança que desenhe, como não é necessário dizer-lhe que brinque*, uma vez que o fazem de livre vontade e com naturalidade. O facto de esta aquisição ser feita de forma autónoma é muito importante na expressão plástica, pois segundo a autora, o desenho é visto como um jogo e um meio de comunicação.

É através do desenho, que segundo a autora, a criança joga, ou seja, cria a suas próprias personagens e o ambiente que deseja, *a casa e as personagens que compõem a família que nesse momento gostaria de ter, a guerra entre os bons e os maus com as armas, os feridos e os mortos, a difícil aventura da pesca do tubarão*. Colocando assim em jogo os seus sentimentos, desejos e emoções, tornando-as reais, permitindo assim com que a criança se desfaça de tensões, pois descarrega a sua agressividade, amor e ódio que sente, de forma útil e saudável, não prejudicando ninguém e nem se tornando frustrada com sentimento de culpa. Onde segundo Cabo (citado em Salvador, 1988, p.14) *Nos momentos difíceis da sua vida, a criança evade-se para um mundo imaginário em que ninguém a impedirá de realizar os seus desejos. As manifestações visíveis desta fuga são os sonhos, os contos, os jogos e os desenhos*.

Para além de a criança ver o desenho como jogo esta também o vê como meio de comunicação, pois segundo Salvador (1988) a criança desenha sempre para alguém, de forma a comunicar com essa pessoa, mostrando sempre coisas diferentes, uma vez que cada desenho quer dizer algo diferente. Sendo assim é fundamental que o adulto tente perceber o que é que a criança quer comunicar, pois nele ela expressa os seus problemas, sentimentos.

Ao ler este livro de Salvador (1988) consegui perceber a importância do desenho para a criança, assim como através desta compreensão ao longo da minha prática consegui desenvolver a comunicação com algumas crianças através do desenho. Pois na sala de jardim-de-infância uma das crianças passava o dia a desenhar e não sabia como é que haveria de lidar com esta situação, se deveria de abordar a criança, que perguntas lhe deveria de fazer, se é que as deveria fazer. A verdade é que aquele comportamento me preocupava, então aos poucos fui-me juntando à criança em silêncio, observando o que esta estava a fazer, sem interferir no seu trabalho. Depois comecei a desenhar junto dela e no fim de termos terminado o nosso desenho, ele perguntou-me o que tinha desenhado, então expliquei-lhe e de seguida perguntei-lhe o que era o dele. Após a sua explicação apercebi-me de que este menino estava preocupado com problemas familiares e tentava comunicar a sua angústia através do desenho. Sendo assim, comecei a dar mais atenção aos desenhos das crianças, assim como desenvolvemos técnicas que permitiram com que as crianças aperfeiçoassem os seus desenhos, como a pintura com giz e leite, lápis de cera de diversas formas, aguarela de canetas, pintura de tinta com terra, digitinta com farinha, entre outras técnicas que ajudaram as crianças a expressar os seus sentimentos através do desenho. Ajudaram-me a interpretar determinados comportamentos das crianças e a encontrar soluções para determinados problemas.



Imagem 10 - Desenhos das crianças da sala de jardim de infância acerca do S.Martinho.



Imagem 11 - As crianças do jardim de infância a fazerem desenhos sobre o S.Martinho.

A Expressão Plástica na Minha Prática

A minha prática foi baseada na expressão plástica, como já referi anteriormente e como se pode ver em anexo nos trabalhos de Investigação da PES I e PES II. O facto de ter trabalhado este domínio de aprendizagem foi bastante gratificante para o grupo e para mim.

Para mim porque aprendi como é que devemos de comunicar com as crianças através da expressão, como é que devemos de interpretar os seus desenhos e trabalhos, como é que devemos de intervir nestes trabalhos de forma a ajudá-los a evoluir na sua aprendizagem. Em suma posso referir que consegui perceber que a expressão plástica não é “apenas desenho”, é sim trabalhar, interpretar sentimentos e emoções. O que é muito importante pois desta forma o educador consegue conhecer a criança, ajudá-la a encontrar soluções para os seus problemas, criando assim um ambiente de cumplicidade entre os dois.

Também foi gratificante para o grupo devido a todas as razões que foram referidas anteriormente nos textos anteriores. Pois ao trabalharmos a expressão plástica as crianças tiveram oportunidades diversificadas e significativas, que lhes permitiram conhecer o mundo que as rodeia, como por exemplo, na sala de creche realizamos um painel onde foi dado ao grupo pincéis de diversas formas, pequenos, grande e médios, rolos grandes e pequenos, esponjas de diversas texturas. Para que o grupo tivesse oportunidade de experimentar diversos materiais, assim como de conhecer novos utensílios de pintura. Esta atividade permitiu com que o grupo desenvolvesse a sua comunicação, uma vez que houve bastante diálogo entre os educadores e as crianças. No jardim-de-infância onde realizamos o projeto “vamos construir um espantalho” (ver anexo), este foi baseado na expressão plástica, permitindo ao grupo desenvolver trabalho em equipa, utilizar novas técnicas, desenvolver a capacidade de resolução de problemas, conheceram como é que se fazia um espantalho, uma vez que fomos à Quinta do Zacarias aprender a fazer um espantalho e qual era a sua utilidade, assim como aprenderam a trabalhar de forma organizada.

Posso concluir que quando trabalhamos este domínio, expressão plástica, com o grupo de forma significativa, é muito benéfico para ambas as partes, pois através deste conseguimos desenvolver um clima de cumplicidade que nos permite perceber quais são os interesses e necessidades das crianças, assim como as nossas.

Penso que se não tivesse baseado a minha prática neste domínio, que não teria conseguido ultrapassar determinados “problemas” que surgiram, como a organização do grupo em jardim-de-infância, integrar-me nos grupos, conhecer cada criança de forma individual. Sendo assim concluo que este domínio não pode ser esquecido, pois é bastante importante para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças.



Imagem 12 - Painel pintado por os meninos da sala de creche, com a exploração de rolos pequenos.



Imagem 13 - a (C.) e a (M.) a pintarem uma botas velhas com tinta e areia – exploração de uma nova técnica de pintura e reutilização de materiais.

Considerações Finais

Ao longo do Mestrado de Educação Pré-Escolar desenvolvi a minha aprendizagem enquanto educadora, uma vez que consegui mobilizar conhecimentos acerca da ecologia da educação no ensino pré-escolar, como as características das crianças, das suas famílias e do meio que as envolve. Desenvolvi assim a capacidade de elaborar um diálogo interdisciplinar baseado nas práticas educativas da educação pré-escolar, o que até então era um pouco difícil de realizar da minha parte. Foi também ao longo deste mestrado que conheci, aprofundei e coloquei em prática conteúdos curriculares essenciais para trabalhar em Educação de Infância, assim como estratégias fundamentais e adequadas para o desenvolvimento de aprendizagens significativas das crianças. Desenvolvi competências de observação, registo sistemático e significativo, análise dos sujeitos e das situações educativas, de comportamentos, de forma a desenvolver processos educativos fundamentais e significativos na aprendizagem das crianças. Desta forma ao longo deste percurso fui desenvolvendo uma atitude reflexiva, tendo por base a pesquisa, seleção, organização e tratamento de informação relevante, que me permitiu encontrar soluções para determinados problemas. Todos estes fatores permitiram com que ao longo deste mestrado desenvolvesse uma linguagem científica e descritiva relacionada com fenómenos educacionais, assim como desenvolvi competências a nível da escrita, argumentação e discussão. Não foi um processo fácil. Mas foi sem dúvida em processo que me valorizou muito enquanto pessoa e profissional.

Assim, o Mestrado e de forma particular a PES, foi bastante importante para o meu desenvolvimento profissional, pois através da possibilidade do contato com o contexto real, desenvolvi a capacidade de responsabilidade e empenhamento no trabalho, assumindo sempre as minhas responsabilidades. Aprendi a controlar as minhas emoções face aos problemas que surgiam diariamente relacionados com as crianças e seus familiares, conseguindo enfrentar algumas situações conflituosas com segurança e serenidade. Considero ter conseguido adquirir uma postura ética e deontológica correta, segundo o *Perfil Profissional do Educador de infância (decreto lei 240/2001)*, uma vez que respeitei todas as crianças, independentemente da sua cultura, religião e valores, utilizando a informação adquirida acerca das crianças e dos seus familiares só para fins profissionais.

Outro dos fatores que ao longo deste ano letivo que ajudaram a desenvolver enquanto profissional, foi a relevância que a PES me permitiu dar ao domínio da expressão plástica, que como podemos ver ao longo do relatório, foi bastante importante para um desenvolvimento significativo, quer das crianças, quer do meu ponto de vista como profissional. Foi através deste domínio que consegui desenvolver capacidades de responsabilidade perante o meu trabalho enquanto educadora, assim como estabeleci um relacionamento de afetividade e de segurança com as famílias e as crianças. Conseguindo assim avaliar, planificar e organizar o ambiente educativo de forma significativa, quer para mim, quer para as crianças e os seus familiares.

Sendo assim posso concluir que a articulação entre a prática e a teórica é fundamental para o desenvolvimento de uma ação educativa significativa. Sem esta

articulação não teria conseguido desenvolver o trabalho investigativo que me foi bastante favorável ao longo da PES, pois permitiu com que recolhesse informação necessária para entender os erros que estava a cometer através das minhas planificações, assim como me ajudou a solucionar esses mesmos problemas. Este aprofundamento também me ajudou a escolher os instrumentos adequados para caracterizar as crianças, de forma a entender quais as suas necessidades e interesses. Por fim não posso deixar de referir a importância do trabalho de projeto, onde pude colocar em prática a teoria que aprendi ao longo das disciplinas do Mestrado, usufruindo assim das vantagens que esta metodologia teve para o grupo de jardim de infância. Através desta metodologia, consegui que o grupo trabalhasse de forma organizada e significativa, mostrando o interesse pelo trabalho que estava a desenvolver, o que no início da PES era muito complicado.

Com base em tudo o que foi dito anteriormente estou certa de ter conseguido tornar-me numa educadora competente e correta, que desenvolveu uma postura ética e deontológica significativa, quer para mim mesma, quer para o grupo de crianças e seus familiares das mesmas, quer em relação à equipa educativa.

Bibliografia

Alarcão, I. (2001). *Professor-investigador: que sentido? Que formação?* *Cadernos de formação de professores*.

Bento, J. (1997) *A Expressão Plástica da Criança em idade Pré-escolar: A representação da figura humana e dos elementos da família*. De CESE (Curso de Estudos Superiores de aprendizagem – tese policopiada) Universidade de Évora.

Bertram, T. & Pascal, C. (2009) *Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias*. Ministério da Educação.

Carrageta, P., Caixa, M. & Barradas, F. (2012) *O Modelo High/Scope: power point*. Universidade de Évora.

Cavas, M.,(2009). *Associação Creche e Jardim de Infância de Évora – “Sentir, Descobrir, Criar – Uma viagem pelas Artes”*. Évora: Associação Creche e Jardim de Infância de Évora.

Edwards, C., Gandini, L. & Forman, G. *As Cem Linguagens da Criança: A Abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância*. Artemed Editográfica.

Lopes, S. (2009) *Educar com Arte no Jardim de Infância: A Arte na educação de infância das vivências urbanas contemporâneas no desenvolvimento de projectos de intervenção educativa*. Porto Editora.

Leite, E. & Malpique, M. (1986) *Espaços de Criatividade: A criança Que Fomos/ A Criança que somos...Através da Expressão Plástica*. Edições Afrontamento.

Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Acção*. Porto: Porto-editora. (1ª parte).

Ministério da Educação. (1997) *Orientação Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação.

Mussen, P., Conger, J. & Kagan, J. *Desenvolvimento e Personalidade da Criança*. Harbra.

Mussen, P. (1966) *O Desenvolvimento Psicológico da Criança*. Zahar Editores.

Salvador, A. (1988) *Conhecer a Criança Através do Desenho*. Porto Editora.

Santos, M. & Barrulas, M. (2011). *Projecto Curricular de grupo – Duas mãos cheias de arte (sala das flores*. Évora: Associação Creche e Jardim de Infância de Évora.

Spodek, B., Brown, B., Lino, D. & Niza, S. (1998) *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto Editora.

Stern, A. *Aspectos e Técnicas da Pintura de Crianças*. Livros Horizonte

Patrício, M. & Ramalho, F. (2011). *Projecto Curricular de grupo – Educar pela Arte (Sala Vermelha)*. Évora: Associação Creche e Jardim de Infância de Évora.

Peças, A. (2006). *Uma cultura para o trabalho de projecto*.

Anexos

Anexo I - “Vamos construir um espantalho para o nosso canteiro”

O trabalho de projeto é um estratagema que procura respostas para resolver um problema. Esta resolução é feita de forma participativa, solidária tendo em conta os objectivos realizáveis e estabelecidos por o grupo que explora este método de trabalho. Desta forma o trabalho de projecto tem como objectivos, aprender algo a fazê-lo, realizando assim experiências significantes, que desenvolvem diversas capacidades e competências, uma vez que reforça a autonomia, afirmação da própria identidade, responsabilidade, formulação e resolução de problemas, promove a capacidade de imaginação, visto que tudo isto é feito através de um processo de interacção dos diversos domínios e áreas de aprendizagem. (Informação retirada do power point, *O trabalho de projecto na Educação de Infância*)

O trabalho de projecto é constituído por diversas fases. Inicialmente surge a definição do problema, onde existe um levantamento de necessidades/questões a resolver, foi o que aconteceu no nosso projecto. Numa manhã em que fomos ver como estava o nosso canteiro, pois tínhamos que o regar. Ao chegarmos ao canteiro reparamos que alguém tinha partido as nossas plantas, as crianças ficaram tristes. Ao ver a expressão das crianças disse, “E agora? O que é que vamos fazer? Não podemos deixar que nos estraguem as nossas plantas.”, onde o Daniel Lobo me respondeu “Oh Ana o melhor é arranjar uma forma de espantarmos os meninos que fazem isto.”, “Mas como?” perguntei ao grupo. O grupo mostrou-se calado, abanando os ombros e a cabeça, dizendo-me que não sabiam como, desta forma voltei a perguntar, “Então e o que é que as pessoas colocam na horta para espantar os animais que vão lá roubar o comer?”, “Um espantalho.” Disse a Joana Rodrigues soltando gargalhadas. Desta forma voltei a perguntar, “E para que é que servem os espantalhos?”, “Para espantar os cornos, Ana” respondeu-me o Daniel Lobo. Chegando a esta ideia perguntei ao grupo, “Então e acham que se fizermos um espantalho que ele toma conta do canteiro e que assim os outros meninos já aqui não mexem?”, as crianças responderam-me que sim em coro. Desta forma avaliamos a forma de execução do nosso projecto, onde decidimos o que iríamos fazer e o que precisávamos de saber.

De seguida foi necessário arranjar uma forma de planificação e de lançamento do trabalho, desta forma um dia mais tarde reuni-me com as crianças em grande grupo e fizemos uma teia, onde escrevemos o que já sabíamos acerca do espantalho e do que queríamos saber. Como queríamos saber como é que se fazia um espantalho e como a Instituição tinha organizado uma visita à Quinta do Zacarias, esperamos por essa visita pois iríamos aprender a fazer um espantalho. Contudo antes da visita fizemos um painel em grande grupo, este era constituído por uma folha com um desenho de um boneco,



O nosso canteiro cheio de flores e já com algumas partidas.

ao que tínhamos feito na quinta era necessário arranjar duas canas para fazermos o suporte para o corpo do espantalho, contudo não sabíamos de nenhum sitio para irmos arranjar as canas, até falamos com alguns pais mas ninguém nos conseguiu ajudar, desta forma sugeri ao grupo que fosse eu a arranjar as canas, pois expliquei-lhes que na terra onde os maus pais vivem que há muitas canas e que podia pedir ao meu pai para nos arranjar duas canas, o grupo aceitou a ideia e assim arranjamos as canas.

Esta fase do projecto foi muito engraçada e muito produtiva, pois no decorrer desta fase consegui organizar o grupo de uma forma significativa, colocando todos os grupos a trabalharem de forma interessante a por vontade própria, não apenas porque tinha de ser.



O R.(3 anos) e o M. (4 anos) (grupo da cabeça) a terminarem a construção da cabeça, desenharam os olhos, a boca e o nariz.



O R. (3 anos) a mostrar a cara do espantalho, já depois de a terem terminado.



Papel amarrotado por o grupo dos braços e tronco e por o grupo das pernas.



As crianças do grupo dos braços e das pernas a amarrotarem o papel.



O M. (3 anos) a mostrar o espantalho com as roupas e o papel amarrotado dentro destas.



A M. (3 anos) e a C. (4 anos) (grupo dos sapatos, mãos e chapéu) a pintarem as botas de borracha do nosso espantalho.



O D. (4 anos), (grupo das pernas) a colar os remendos na roupa do espantalho.



Este lenço foi-nos oferecido no dia em que fizemos a visita à Quinta do Zacarias. Então o grupo dos braços decidiu colar remendos no lenço e coloca-lo ao pescoço do espantalho.

Foi nesta fase que decidimos como se iria chamar o nosso espantalho, inicialmente tínhamos feito uma lista de possíveis nomes, esses mesmos nomes foram escritos no painel onde decidimos quais os materiais a utilizar. Contudo no dia em que terminamos o nosso espantalho, em que colocávamos os últimos detalhes e decidíamos como é que iríamos coloca-lo no canteiro perguntei, “Então mas não escolhemos um nome para o espantalho? Acho que ele não deve ficar sem nome.”, “Olha cá por mim o Vasco é um bom nome.”, disse o Afonso. A Carolina abanou a cabeça dizendo que sim e voltei a perguntar, “Então e vocês o que acham?”, todos me disseram que sim e então ficou o nome. Enquanto terminávamos esta fase a Luisinha agarrou nos dois bocados de cana que tinha sobrado e pediu para fazermos um espantalho bebé. Atamos as canas, arranjamos roupa e enchemo-la com papel, assim como fizemos a sua cara, onde colocamos uma toalha que era da Luisinha e enchemo-la com papel atando-a às canas.



A L. (4 anos) contente a mostrar o seu espantalho bebé.

Após terminarmos esta fase passamos para a fase seguinte, ou seja, a avaliação/divulgação do projecto. Nesta fase baseamo-nos na divulgação do projecto, onde convidamos uma sala a vir ao nosso canteiro para conhecerem o Espantalho Vasco, saberem como é que surgiu a sua construção, o porque de este estar no canteiro e como é que este tinha sido construído, comunicando assim o que aprenderam. Esta comunicação permitiu um maior contacto social com outras salas da instituição, assim como a opinião acerca deste trabalho por parte das crianças que foram ver a apresentação. Para

além desta divulgação também realizamos uns convites, onde as crianças fizeram um desenho do espantalho no canteiro e onde escrevi “Olá pais. Gostaríamos de os convidar a vir visitar o nosso novo amigo, ele está no nosso canteiro e é um espantalho da gargalhada. Venham conhecer o Vasco e as nossas flores lindas.”. As crianças levaram os convites muito entusiasmadas para a sala e no dia seguinte praticamente todos os pais foram à sala ver o nosso trabalho, o nosso registo e ao canteiro ver o nosso novo amigo, o Espantalho Vasco.



O espantalho Vasco no dia que foi colocado no canteiro.



O espantalho bebé ao lado do espantalho Vasco no canteiro.

Este processo foi tão importante para mim como para o grupo de crianças desta sala. Pois através deste projecto as crianças aprenderam a trabalhar em equipa, em grupo, tanto em pequenos grupos como em grande grupo, o que me era muito difícil fazer, principalmente em momentos como registos de alguma actividade ou até mesmo em leitura de histórias. Contudo com o decorrer deste projeto o grupo desenvolver a capacidade de trabalhar em equipa, em cooperação, a ouvir e a respeitar o outro e a dar o seu contributo para a resolução de problemas. Para mim este processo também foi muito gratificante, pois pela primeira vez trabalhei a metodologia de projecto, colocando-a em prática. O que também me ajudou muito a perceber como é que o grupo funcionava, quais os métodos que deveria utilizar para que o grupo participasse ativamente neste processo.

Desta forma posso concluir que este trabalho foi muito importante, quer para mim quer para as crianças uma vez que através dele aprendi a desenvolver processos de aprendizagem significativa para o grupo, o que vai ao encontro do que diz John Dewey, 1916, “*A aprendizagem é um processo de descoberta em que cada um de nós deverá ser o seu próprio descobridor, coisa que os outros não poderão fazer.*”

Anexo II - Dimensão Investigativa da PES I

Ficha de Observação das Oportunidades Educativas

Segundo Alarcão, 2001, o trabalho de investigação por parte do professor/educador é muito importante, uma vez que através dele podemos observar e compreender o que acontece, sendo esta compreensão fundamental para o desenvolvimento dos projetos curriculares, para o conhecimento de diversas dinâmicas do grupo de crianças e também para o desenvolvimento de processos de aprendizagem dos professores. Desta forma podemos referir, segundo Stenhouse e citado por Alarcão, 2001, “*A investigação e os desenvolvimentos curriculares devem pertencer aos professores*”.

É através de trabalhos de investigação que o professor acaba por desenvolver na sua sala o nível de qualidade de aprendizagens. A definição de *qualidade* é bastante pessoal e subjetiva, contudo para Bretram & Pascoal, 2009, a palavra *qualidade* refere-se a um “*conceito dinâmico e subjectivo, suportado por valores que variam em função do tempo e do espaço*”.

Uma vez que o trabalho de investigação no ensino é bastante importante, tanto para o professor como para o grupo de crianças da sala, resolvi aplicar um dos métodos de auto-avaliação e de aperfeiçoamento dos contextos educativos das crianças entre os 0 e os 6 anos, ou seja, a Ficha de Observação das Oportunidades Educativas, um instrumento de auto-avaliação do DQP. A escolha deste instrumento deveu-se ao facto de ter feito uma análise crítica e construtiva ao meu caderno de formação, registos diários das intervenções, que me despertou para o facto de desenvolver bastantes atividades relacionadas com a expressão plástica, esquecendo-me das restantes áreas.

O principal objetivo pelo qual irei estudar este método de auto-avaliação refere-se à verificação da importância do mesmo, ou seja, utilizarei este método de forma experimental, para verificar se este futuramente me será útil à nível profissional, de forma a melhorar os projetos curriculares, os meus processos de aprendizagem e sobretudo a compreender as diversas dinâmicas de grupo da sala.

Esta investigação experimental será constituída por duas partes, ou seja, utilizarei a Ficha de Observação das Oportunidades Educativas de duas formas. Uma das formas refere-se às minhas planificações ao longo PES I, onde realizarei uma tabela induzida na Ficha de Observação das Oportunidades Educativas, referente às minhas planificações de Creche e Jardim de Infância, com o objetivo de analisar, através da análise de gráfico, quais foram as áreas de aprendizagem mais trabalhadas, quais não

foram e deveriam ser trabalhadas, qual o tipo de grupo dominante e a zona de iniciativa dominante nas atividades planejadas. A outra forma de utilização da Ficha refere-se à observação de filmagens de três crianças da sala de Jardim de Infância (4 anos) no decorrer das suas atividades. Cada criança foi filmada durante 5 minutos num período de manhã. Após a observação da filmagem fiz o registo da mesma, onde registei as áreas de aprendizagem dominantes da atividade, o tipo de grupo dominante, o nível de envolvimento e a zona de iniciativa dominante. A análise dos dados será feita através de gráficos de barras, onde poderei observar quais os interesses e necessidades das crianças.

Por fim o trabalho investigativo terá uma reflexão acerca dos dados observados, onde concluirei se este método de auto-avaliação é significativo ou não para o desenvolvimento da qualidade de ensino da sala, assim como se este será importante para a minha realização da PES II.

Recolha de dados

Tabela referente às planificações diárias de Prática de Ensino
Supervisionada em Creche I

Dia	Atividade	Áreas de aprendizagem	Zona de iniciativa	Grupo
8 de Novembro	Exploração da história do compositor Vivaldi.	- Conhecimento do Mundo; - Expressão plástica; - Expressão musical.	1	Trabalho em grande grupo
15 de Novembro	Exploração de diversos materiais reutilizados.	- Conhecimento do Mundo; - Expressão plástica.	3	Trabalho em pequeno grupo
22 de Novembro	Culinária: massa de cores	- Conhecimento do Mundo; - Expressão plástica.	1	Trabalho em grande grupo e trabalho individual
28 de Novembro	Leitura do poema: “Vou desenhar o corpo humano”; Dança : “Vem que vou-te ensinar”.	- Expressão motora; - Expressão musical.	3	Trabalho em grande grupo
6 de Dezembro	Conversa com a Enfermeira Teresa acerca da higiene oral e corporal	- Conhecimento do Mundo; - Formação pessoal e social.	1	Trabalho em grande grupo

Tabela referente às planificações diárias de Prática de Ensino Supervisionada em Creche I

Dia	Atividade	Áreas de aprendizagem	Nível de iniciativa	Grupo
13 de Dezembro	Exploração de pintura com tinta e pincéis de diversos tamanhos.	- Expressão plástica;	4	Trabalho em pequeno grupo
20 de Dezembro	Escolha do poema de Natal para construirmos os cartões de boas festas para os pais.	- Expressão plástica; - Linguagem oral e abordagem à escrita; - Conhecimento do Mundo.	4	Trabalho em grande grupo

Tabela referente às planificações diárias de Prática de Ensino
Supervisionada em Jardim de Infância I

Dia	Atividade	Áreas de aprendizagem	Zona de iniciativa	Grupo
10 de Novembro	Construção de fantoches de papel.	- Expressão plástica; - Conhecimento do Mundo.	4	Trabalho individual
17 de Novembro	Exploração/ construção de puzzles com formas geométricas	- Matemática; - Expressão plástica.	2	Trabalho individual
24 de Novembro	Experiências relacionadas com as cores primárias (Fusão de cores).	- Expressão plástica.	3	Trabalho individual
29 de Novembro	Exploração da leitura de um poema relacionado com o corpo humano.	- Formação pessoal e social; - expressão motora; Linguagem oral e abordagem à escrita.	1	Trabalho em grande grupo
6 de Dezembro	Reunião com os encarregados de educação.	- Formação pessoal e social.	4	Trabalho em pequenos grupos

Tabela referente às planificações diárias de Prática de Ensino
Supervisionada em Jardim de Infância I

Dia	Atividade	Áreas de aprendizagem	Zona de iniciativa	Grupo
12 de Dezembro	Construções de enfeites de Natal.	- Expressão plástica; - Linguagem oral e abordagem à escrita.	4	Trabalho individual
15 de Dezembro	Preparação para a festa de Natal.	- Expressão dramática; - Expressão musical; - Expressão motora; - Formação pessoal e social.	1	Trabalho em pequenos grupos
22 de Dezembro	Realização de canções de roda.	- Expressão musical; - Expressão motora.	4	Trabalho em grande grupo

Ficha de Observação das Oportunidades Educativas

Nome do estabelecimento: Associação Creche e Jardim de Infância de Évora

Observador: Ana Pinto

Data: 09/01/2012

Nome da criança: David

Sexo: Masculino

Idade: 4

Número de crianças presentes na sala: 8

Número de adultos presentes na sala: 3

Hora: 10:10 – 10:15

Descrição da atividade: O David está a brincar individualmente na área da dramatização. Contudo ao longo da brincadeira este leva loiças da área para a mesa de reunião de grande grupo da sala. Colocando um boneco em cada cadeira e em frente de cada boneco, na mesa, um prato com uma chávena e uma colher, como se estivesse a servir alguma bebida ou comida. No decorrer da brincadeira David apercebe-se de que está a ser filmado, embora inicialmente fique um pouco incomodado com a situação, depressa este esquece que está a ser filmado e continua a sua brincadeira, indo buscar os bonecos e o material necessário à área da dramatização, para colocar na mesa. Após alguns minutos outra criança (Luana) interagem com David, pedindo-lhe um café, “Olha podes dar-me um café?”, onde obteve como resposta por parte do David “Não tenho”. Ao não obter resposta Luana vai embora e senta-se na mesa de reunião de

grupo, onde estão os outros bonecos. David ao ver Luana sentada dá-lhe um prato com uma chávena e uma colher, como têm todos os bonecos, entrando na brincadeira. David comunica com Luana falando-lhe do que esta tem no prato e na caneca, explicando-lhe que é o seu almoço e o que é. Após esta breve comunicação David continua a ir à área da dramatização buscar o material para colocar nos restantes lugares da mesa.

Grupo: Individual (I)

Experiências/aprendizagem: Expressão Dramática

Zona de iniciativa: Zona 4

Nível de envolvimento: Nível 5

Interação: C → CA (outra criança interage com criança alvo)

Ficha de Observação das Oportunidades Educativas

Nome do estabelecimento: Associação Creche e Jardim de Infância de Évora

Observador: Ana Pinto

Data: 09/01/2012

Nome da criança: Tiago

Sexo: masculino

Idade: 4

Número de crianças presentes na sala: 8

Número de adultos presentes na sala: 3

Hora: 09:55 – 10:00

Descrição da atividade: O Tiago brinca na área da garagem sozinho, com “animais de plástico”, não produzindo qualquer comunicação com os colegas da sala em com ele próprio. Passados alguns minutos Tiago observa que está a ser filmado, contudo continua a sua brincadeira sem grande interesse ao que se passa em seu redor, mostrando assim um nível de envolvimento 4. Tiago continua a brincar com bastante nível de envolvimento, fazendo brincadeira de luta entre os animais e encaixando estes numa cerca de plástico. Ao longo da brincadeira Tiago não interage com ninguém e não expressa comunicação alguma.

Grupo: Individual (I)

Experiências/aprendizagem: Expressão Dramática

Zona de iniciativa: Zona 4

Nível de envolvimento: Nível 5

Interação: CA (Ausência de interação)

Ficha de Observação das Oportunidades Educativas

Nome do estabelecimento: Associação Creche e Jardim de Infância de Évora

Observador: Ana Pinto

Data: 09/01/2012

Nome da criança: Maria Leonor

Sexo: Femenino

Idade: 4

Número de crianças presentes na sala: 8

Número de adultos presentes na sala: 3

Hora: 10:27 – 10:32

Descrição da atividade: Maria Leonor está a realizar uma das atividades propostas por a Educadora desta manhã, terminar a coroa do dia dos reis. Maria Leonor mostra-se bastante atenta aos acontecimento em seu redor, acabando por parar a sua pintura por segundos para observar e comunicar com a colega do lado (Luana), que comunica com a Educadora. Nos momentos em que está a pintar, Maria Leonor parece pouco incentivada a elaborar a sua pintura, pois esta sempre a pintar no mesmo local da coroa e com a mesma cor, não havendo exploração do material. Contudo minutos depois Maria Leonor escolhe outro lápis e inicia a sua pintura, embora esta continue bastante atenta ao que a rodeia, principalmente à comunicação que a Educadora tem com as outras crianças que estão a seu lado, acabando por dispersar da pintura.

Grupo: Pequeno grupo (PG)

Experiências/aprendizagem: Expressão Plástica

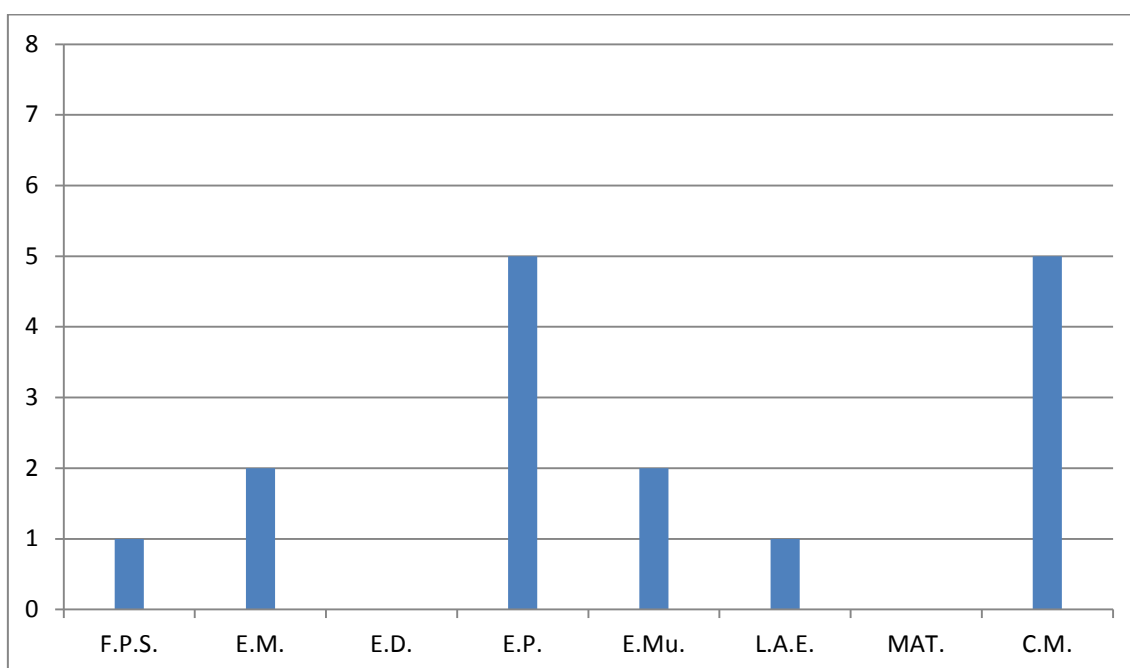
Zona de iniciativa: Zona 3

Nível de envolvimento: Nível 3

Interação: C → CA (outra criança interage com criança alvo)

Análise dos Dados

Gráfico referente às áreas de aprendizagem das planificações diárias de Prática de Ensino Supervisionada em Creche I



Legenda:

F.P.S. – Área de Formação Pessoal e Social

E.M. – Área de Expressão e Comunicação – domínio da Expressão Motora

E.D.- Área de Expressão e Comunicação – domínio da Expressão Dramática

E.P.- Área de expressão e Comunicação – domínio da Expressão Plástica

E.Mu. – Área de Expressão e Comunicação – domínio da Expressão Musical

L.A..E – Área de Expressão e Comunicação – domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

MAT.- Área de Expressão e Comunicação – domínio da Matemática

C.M. – Área do Conhecimento do Mundo

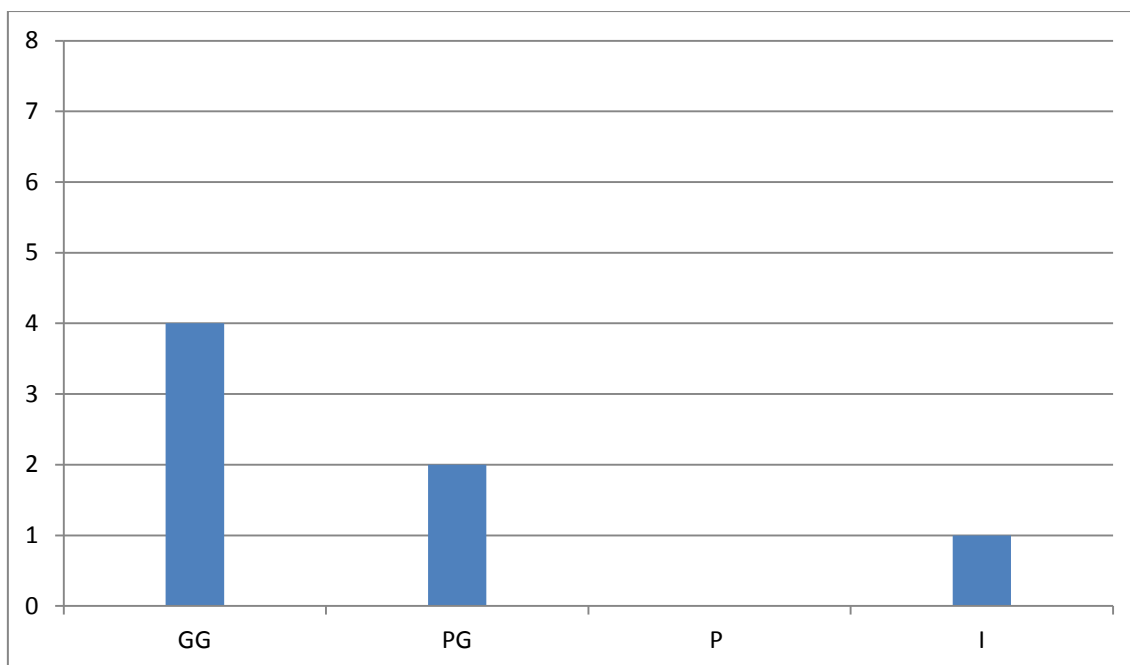
Análise do gráfico referente às áreas de aprendizagem das planificações diárias de Prática de Ensino Supervisionada em Creche I

Ao analisarmos o gráfico podemos verificar que ao longo das oito manhãs de prática pedagógica em Creche I, as áreas de aprendizagem mais desenvolvidas foram a Área do Conhecimento do Mundo e a Área de Expressão e Comunicação – domínio da Expressão Plástica, sendo estas desenvolvidas durante cinco manhãs ao longo dos oito manhãs de intervenção. De seguida surgem os domínios da Expressão Motora e da Expressão Musical (Áreas de Expressão e Comunicação), que foram desenvolvidas em duas manhãs de oito. Com uma manhã de desenvolvimento está a Área de Formação Pessoal e Social e o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Área de Expressão e Comunicação). Em ultimo encontra-se o domínio da Matemática (Área de Expressão e comunicação) que, segundo o gráfico, não foi desenvolvido em nenhuma destas manhãs de intervenção.

Desta forma posso concluir que aos longo das oito manhãs de intervenção foram desenvolvidas mais do que uma área de aprendizagem por manhã, (ver pp.8 e 9) Contudo o domínio da Matemática ficou esquecido, o que não poderia ter acontecido. Pois este domínio é bastante importante para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, uma vez que este desenvolve o seu raciocínio lógico. E também porque este está presente no seu dia-a-dia, ou seja, “*As crianças vão espontaneamente construindo noções matemáticas a partir das vivências do dia a dia*” (Ministério da Educação, 1997, p.73), como as horas, as rotinas, os padrões em azulejos e calçadas, entre outras coisas.

Desta forma, e segundo Ministério da Educação, 1997, o educador deve proporcionar ao grupo de crianças situações do quotidiano que desenvolvam o seu pensamento lógico-matemático, de forma a consolidar noções matemática. Logo posso concluir que na Prática de Ensino Supervisionada em Creche II terei que investir no desenvolvimento do domínio da Matemática. Contudo não me posso esquecer das restantes áreas de aprendizagem e dos seus domínios, desenvolvendo-as de uma forma equilibrada e consoante as necessidades e interesses do grupo.

Gráfico referente aos grupos de trabalho dominantes nas planificações diárias de Prática de Ensino Supervisionada em Creche I



Legenda:

GG – Trabalhos em grande grupo

PG – Trabalhos em pequeno grupo

P- Trabalhos a pares

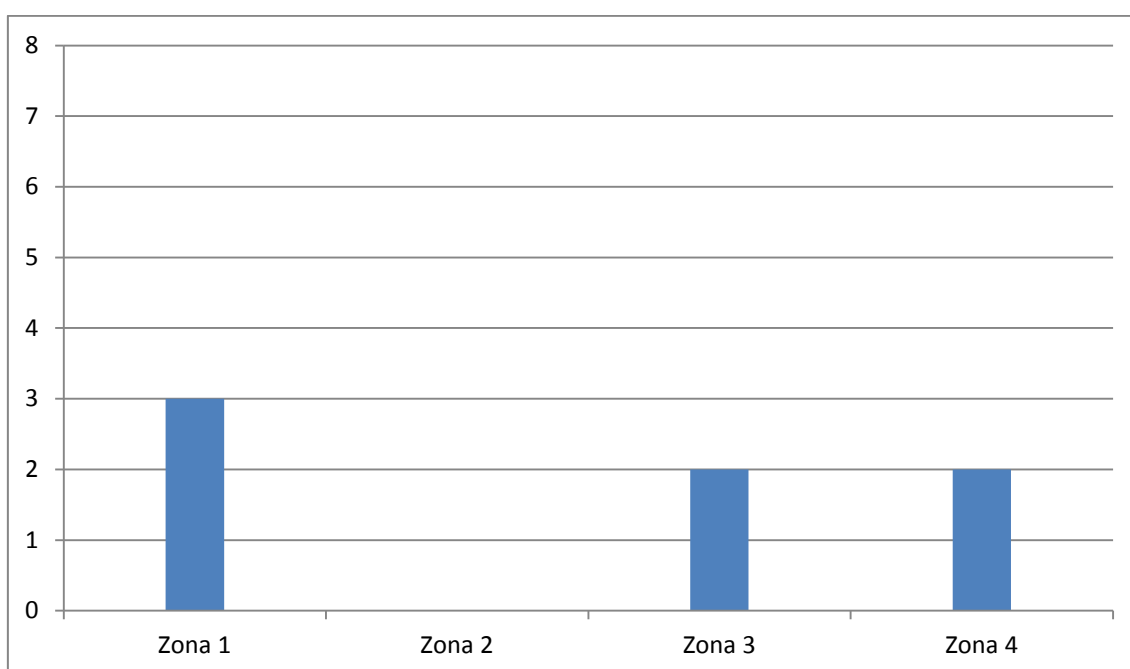
I – Trabalhos individuais

Análise do gráfico referente aos grupos de trabalho dominantes das planificações diárias de Prática de Ensino Supervisionada em Creche I

Ao longo das oito manhãs de intervenção na Creche I, a maioria dos trabalhos realizados foram em grande grupo. Nestes trabalhos podemos destacar histórias, reuniões de grupo, canções de roda, brincadeiras nas áreas, pinturas coletivas, entre outras atividades. Assim como os trabalhos em pequeno grupo, que foram desenvolvidos em duas manhãs. Enquanto que os trabalhos individuais só foram desenvolvidos numa manhã, uma vez que este grupo não está habituado a trabalhar individualmente mas sim em grupo, sendo este em grande grupo ou pequeno grupo. O que fez com que esta tentativa de um novo método fosse um pouco complicado de gerir, acabando até por fazer com que a atividade tivesse sido realizada com insucesso. Contudo é através destas tentativas que as crianças se adequam a novos métodos de trabalho. O que pretendo continuar a desenvolver na Prática de Ensino Supervisionada em Creche II, pois no meu entender, o trabalho individual é muito importante para a criança, uma vez que desta forma esta se concentra mais no que está a fazer, toma as iniciativas sem a “influência” dos colegas. Sendo também importante para a Educadora, que ao trabalhar individualmente com cada criança, mostra-se mais disponível para esta e para o seu trabalho, acabando por lhe dar mais atenção, fazendo com que compreenda quais as necessidades e interesses que esta quer trabalhar.

Como podemos verificar no gráfico os trabalhos de pares não foram desenvolvidos ao longo destas manhãs. O motivo pelo qual não desenvolvi trabalhos individuais deveu-se ao facto de ter usufruído deste período de intervenção para observar quais a relação entre o grupo de crianças, com quem é que as crianças gostavam de trabalhar, quem é que não gostam. Só desta forma é que poderei iniciar este novo método de trabalho na sala, pois o trabalho a pares é bastante importante para o desenvolvimento significativo da aprendizagem da criança. sendo que este tipo de trabalho permite com que duas crianças trabalhem juntas e se ajudem mutuamente, consoante as necessidades uma da outra.

Gráfico referente à zona de iniciativa dominante nas planificações diárias de Prática de Ensino Supervisionada em Creche I



Legenda:

Zona 1 – “Não é dada escolha à criança que tem que fazer a actividade proposta”

Zona 2 – “É oferecido um número limitado de escolhas entre determinadas actividades”

Zona 3 – “Há algumas actividades das que não podem ser escolhidas”

Zona 4 – “É dada total liberdade de escolha”

(Bretram & Pascoal, 2009, p.118)

Análise do gráfico referente à zona de iniciativa dominante nas planificações diárias de Prática de Ensino Supervisionada em Creche I

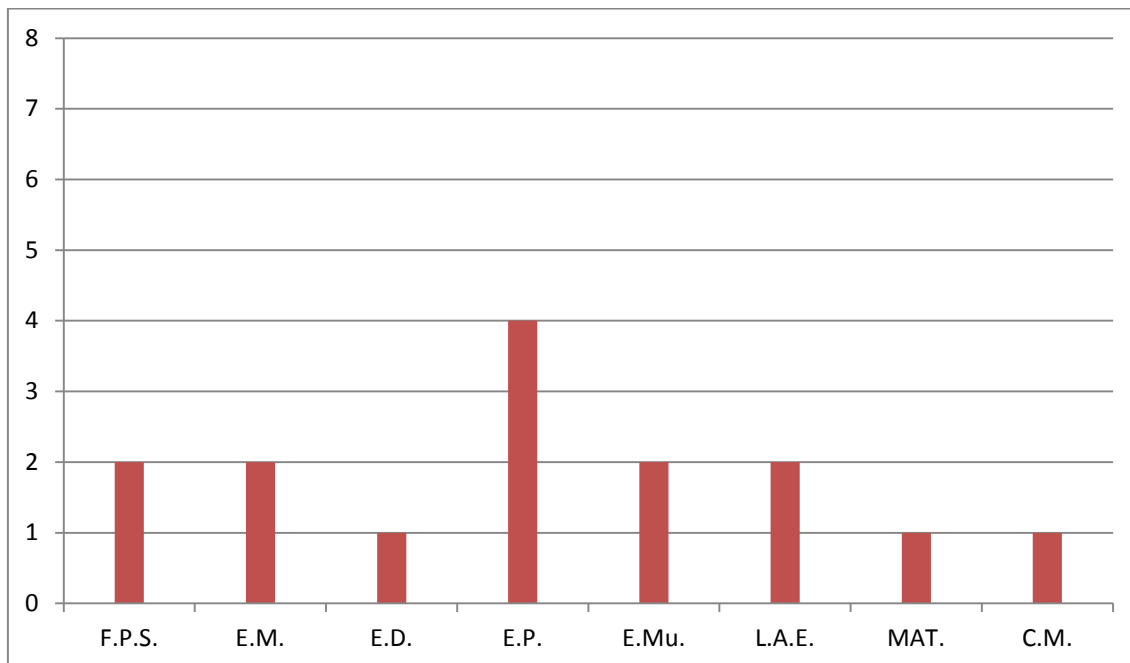
Através deste gráfico podemos verificar que ao longo das oito manhãs de intervenção a zona de iniciativa dominante foi a zona 1, ou seja, não foram dadas oportunidades de escolha às crianças, que tiveram de fazer atividades propostas. Estas atividades referem-se à leitura de histórias, à visita da Enfermeira Teresa e à confeção de massa de cores. Atividades nas quais todas as crianças participaram, em grande grupo e sem oportunidade de escolha, pois são atividades que se realizam nos momentos de reunião de grande grupo.

A zona 3 e a zona 4 foram igualmente desenvolvidas durante estas manhãs, onde em algumas actividades como a pintura e a escolha dos poemas de natal, as crianças tinham total liberdade de escolha, se queriam realizar a atividade ou não. E noutras atividades, como a exploração de materiais e dança, as crianças tiveram escolha embora algumas atividades não pudessem ser escolhidas, como por exemplo a área da casinha e a garagem. Pois nas atividades da exploração de materiais e na dança ocupamos o espaço destas duas áreas, de forma a termos um espaço amplo na sala para podermos dançar e explorar o materiais à vontade.

A zona 2 não foi desenvolvida ao longo destas manhãs, uma vez que, no meu entender, este tipo de iniciativa não será o mais correto. Embora tenha planificado atividades referentes à zona 1, sei que estas são atividades fundamentais em realizar em grande grupo, sendo momentos de partilha, mas caso alguma criança não esteja interessada em participar não a vou obrigar a fazê-lo.

Um dos meus grande objetivos para a minha intervenção de PES II é iniciar as planificações com o grupo de crianças, de forma a promover atividade de igualdade de oportunidade e de zona de iniciativa 4. Para que as crianças comecem a ter noção de escolha e de responsabilidade por essa escolha. O que é bastante importante para a sua formação pessoal e soci

Gráfico referente às Áreas de aprendizagem das planificações diárias de Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância I



Legenda:

F.P.S. – Área de Formação Pessoal e Social

E.M. – Área de Expressão e Comunicação – domínio da Expressão Motora

E.D.- Área de Expressão e Comunicação – domínio da Expressão Dramática

E.P.- Área de expressão e Comunicação – domínio da Expressão Plástica

E.Mu. – Área de Expressão e Comunicação – domínio da Expressão Musical

L.A..E – Área de Expressão e Comunicação – domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

MAT.- Área de Expressão e Comunicação – domínio da Matemática

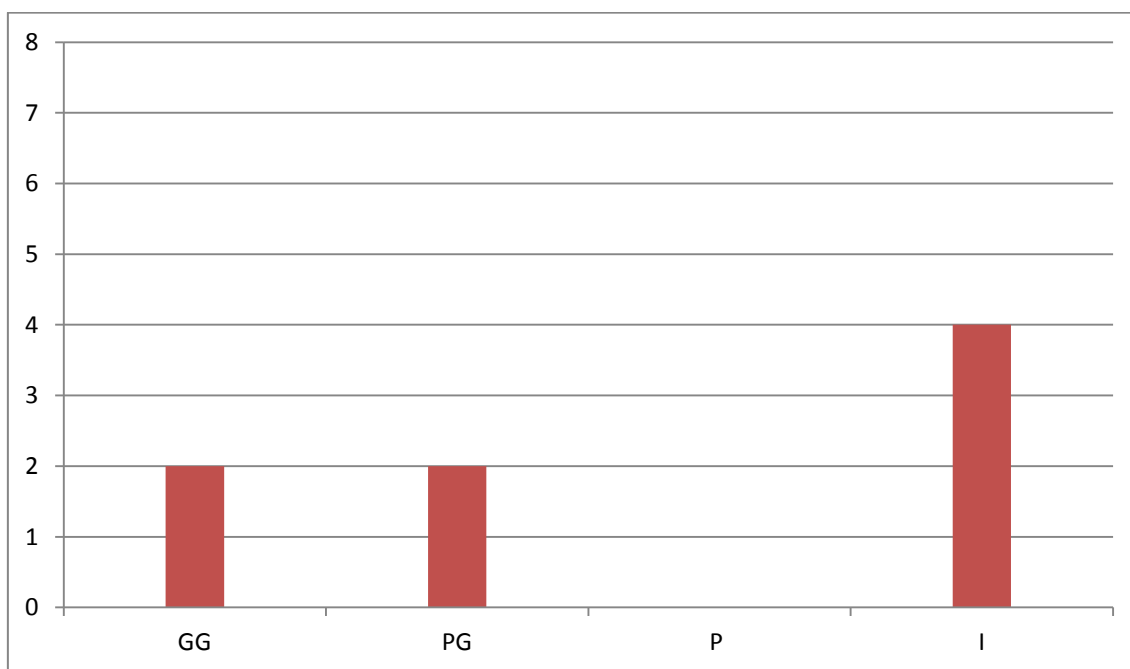
C.M. – Área do Conhecimento do Mundo

Análise do gráfico referente às Áreas de aprendizagem das planificações diárias de Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância I

Ao analisarmos este gráfico podemos verificar que uma das áreas foi bastante desenvolvida ao longo destas oito manhãs de intervenção, a Área de Expressão e Comunicação – domínio da Expressão Plástica. Enquanto que a Área de Formação Pessoal e Social e a Área de Expressão e Comunicação – domínio da Expressão Motora, domínio da Expressão Musical e domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, foram desenvolvidas durante duas manhãs. Já a Área do Conhecimento do Mundo e a Área de Expressão e Comunicação – domínio da Expressão Dramática e domínio da Matemática, foram desenvolvidas durante uma manhã. Logo a maioria das áreas, excepto a Área de Expressão e Comunicação – domínio da Expressão Plástica, foram desenvolvidas no mesmo nível, havendo pouca divergência entre elas.

O motivo pelo qual no meu entender a Área de Expressão e Comunicação – domínio da Expressão Plástica, foi a área mais desenvolvida, deve-se ao facto de o Projeto Educativo ter como tema a Arte, o que me levou a desenvolver atividades nesta área. Contudo é fundamental desenvolver com o grupo as restantes áreas, uma vez que todas elas são importantes, pois contribuem para os objetivos pedagógico. E caso seja organizadas e planificadas adequadamente tendo em conta os interesses e necessidades das crianças, contribuem significativamente para o seu desenvolvimento na aprendizagem.

Gráfico referente aos grupos de trabalho dominantes das planificações diárias de Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância I



Legenda:

GG – Trabalhos em grande grupo

PG – Trabalhos em pequeno grupo

P- Trabalhos a pares

I – Trabalhos individuais

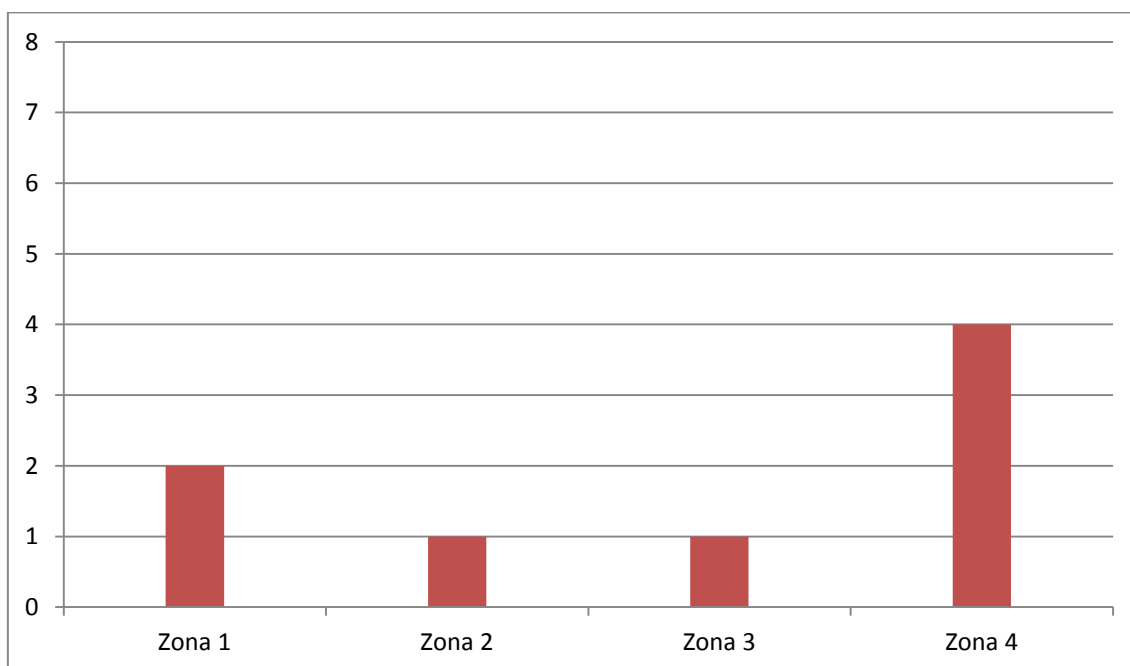
Análise do gráfico referente aos grupos de trabalho dominantes das planificações diárias de Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância I

No decorrer destas oito manhãs os trabalhos individuais foram dominantes. Embora o grupo de crianças, na maioria das vezes trabalhasse em conjunto, cada um fazia o seu trabalho individualmente. O que permitiu com que conseguisse dar atenção a todas as crianças e aos seus trabalhos, apercebendo-me das suas dificuldades sentidas nestes trabalhos, assim como as suas facilidades e interesses.

Ao longo das intervenções também desenvolvi, juntamente com o grupo, trabalhos de grande e pequeno grupo, durante duas manhãs. Estes trabalhos são importantes, uma vez que através deles as crianças desenvolvem a capacidade de respeito pelo outro, de compreensão, de escolhas, entre outros conceitos.

Em relação aos trabalhos a pares não foi desenvolvido ao longo deste período, como podemos verificar ao longo do gráfico. Apesar de saber que o trabalho a pares é bastante importante para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, não planifiquei atividades com este método de trabalho por diversos motivos. Em primeiro lugar porque o grupo não está habituado a utilizar esta método de trabalho e sendo assim é necessário introduzi-lo de forma simples e clara, para que estes se habituem. Outro dos motivos que me impediu de desenvolver este método foi a gestão do tempo, pois ao longo deste período foi-me muito difícil gerir o tempo e as atividades que proponha e que eram propostas pelas crianças. Contudo sei que uma manhã por semana é um período de tempo muito reduzido, que não permite que haja continuidade de trabalhos. O que não acontecerá em PES II, uma vez que estarei a intervir durante toda a semana e todo o dia, o que possibilita a continuidade de trabalhos e a experimentação de novos métodos de trabalho.

Gráfico referente à zona de iniciativa dominante das planificações diárias de Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância I



Legenda:

Zona 1 – “Não é dada escolha à criança que tem que fazer a actividade proposta”

Zona 2 – “É oferecido um número limitado de escolhas entre determinadas actividades”

Zona 3 – “Há algumas actividades das que não podem ser escolhidas”

Zona 4 – “É dada total liberdade de escolha”

(Bretram & Pascoal, 2009, p.118)

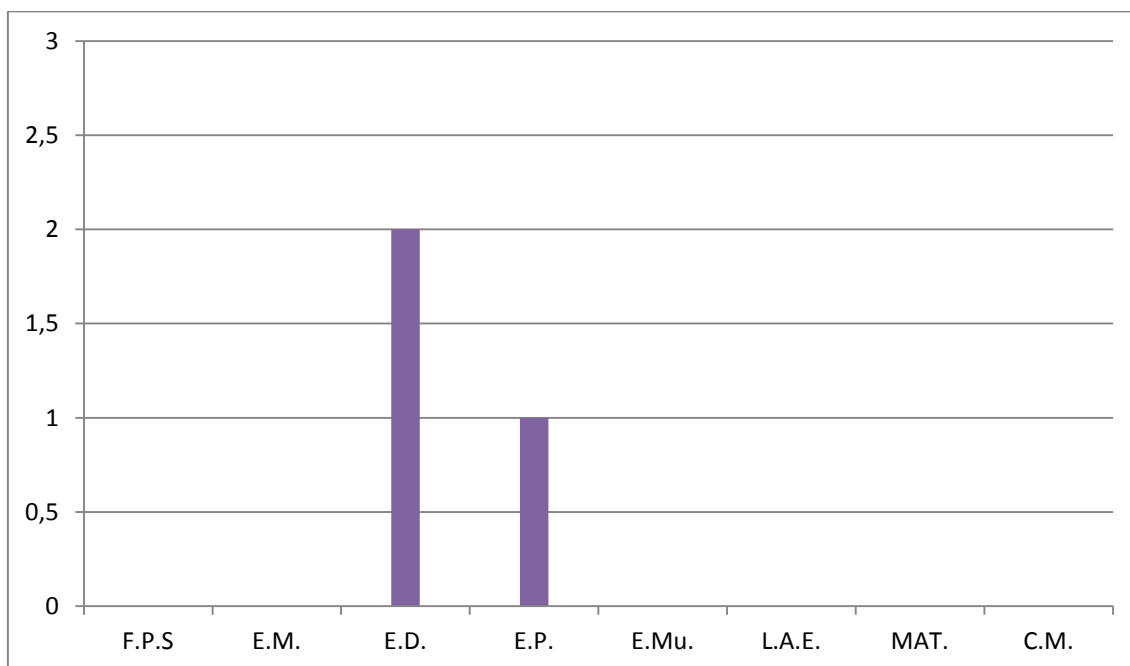
Gráfico referente à zona de iniciativa dominante das planificações diárias de Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância I

Ao analisarmos este gráfico podemos concluir que ao longo destas oito manhãs de intervenção todas as zonas de iniciativa foram desenvolvidas. Principalmente a zona 4, onde na maioria das planificações foram dadas oportunidades de escolha às crianças. Desta forma as crianças escolhiam o que queriam fazer e como queriam fazer, planificando essa mesma manhã.

Outra das zonas dominantes é a zona 1, onde não foram dadas oportunidade de escolha às crianças, uma vez que estas atividades devem, no meu entender, ser realizadas em grande grupo, como leitura de histórias, ensaios da festa de natal, onde é necessário a colaboração de todo o grupo. Pois desta forma as crianças desenvolvem o sentido de orientação, respeito pelos colegas, de espera, compreensão, de partilha, entre outros.

Contudo o meu objetivo é continuar a promover atividades que dependem da escolha das crianças. Desta forma e em conjunto poderemos decidir o que gostaríamos de fazer, como fazer e quando fazer. Proporcionando atividades diversas e de igualdade de oportunidades, onde todos tomam decisões e escolhas, desenvolvendo assim o sentido de resolução de problemas, que é muito importante

Gráfico referente às Áreas de aprendizagem dominantes da Ficha das Oportunidades Educativas na Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância I



Legenda:

F.P.S. – Área de Formação Pessoal e Social

E.M. – Área de Expressão e Comunicação – domínio da Expressão Motora

E.D.- Área de Expressão e Comunicação – domínio da Expressão Dramática

E.P.- Área de expressão e Comunicação – domínio da Expressão Plástica

E.Mu. – Área de Expressão e Comunicação – domínio da Expressão Musical

L.A.E – Área de Expressão e Comunicação – domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

MAT.- Área de Expressão e Comunicação – domínio da Matemática

C.M. – Área do Conhecimento do Mundo

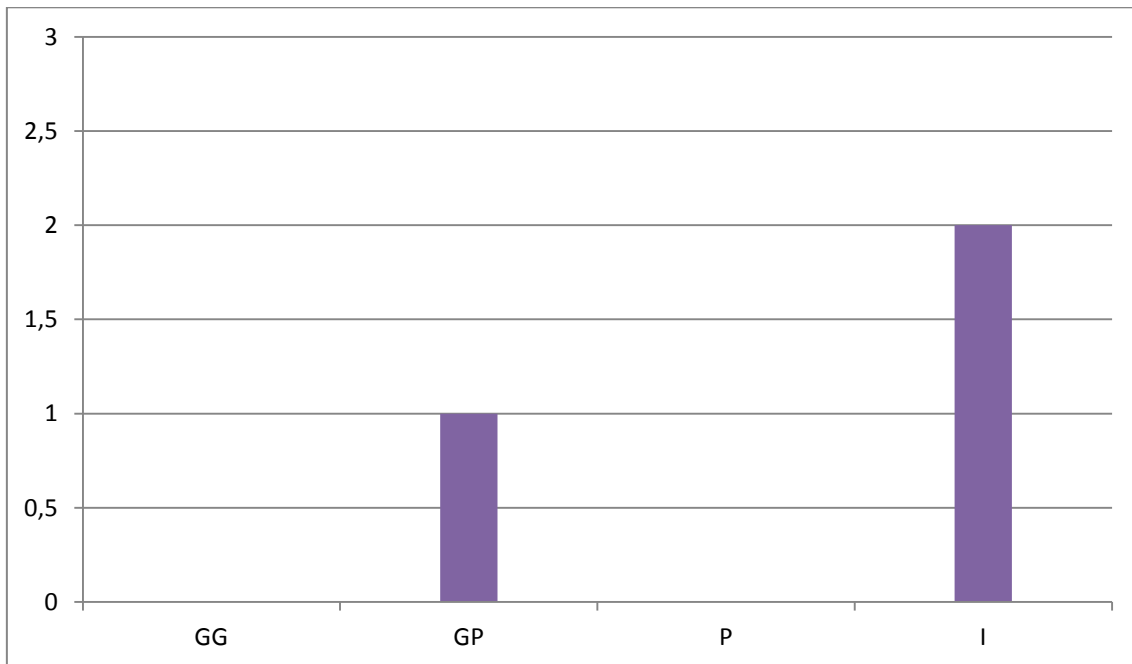
Análise do gráfico referente às Áreas de aprendizagem dominantes da Ficha das Oportunidades Educativas na Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância I

Neste gráfico podemos verificar que a área de aprendizagem dominante foi o domínio da Expressão Dramática, com brincadeiras na área da dramatização e da garagem, feitas pelo David e por o Tiago. Enquanto que a Maria Leonor realizou atividade relacionada com o domínio da Expressão Plástica, onde pintou a sua coroa de Reis.

Neste gráfico podemos concluir que a área de aprendizagem dominante destas três crianças é a Expressão Dramática. Contudo era necessário observar mais estas crianças, noutros momentos e noutros períodos, de forma a verificar quais a áreas que estas preferem desenvolver, o que poderá ser realizado na Prática Investigativa da PES II.

Não é só importante que o Educador analise este tipo de gráficos para verificar quais as áreas de aprendizagem preferidas das crianças, como também através destas análises o Educador pode verificar quais as áreas de aprendizagem que desenvolveu mais ao longo do ano com as crianças.

Gráfico referente ao Grupo dominante das Fichas de Observação das Oportunidades Educativas na Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância I



Legenda:

GG – Trabalhos em grande grupo

PG – Trabalhos em pequeno grupo

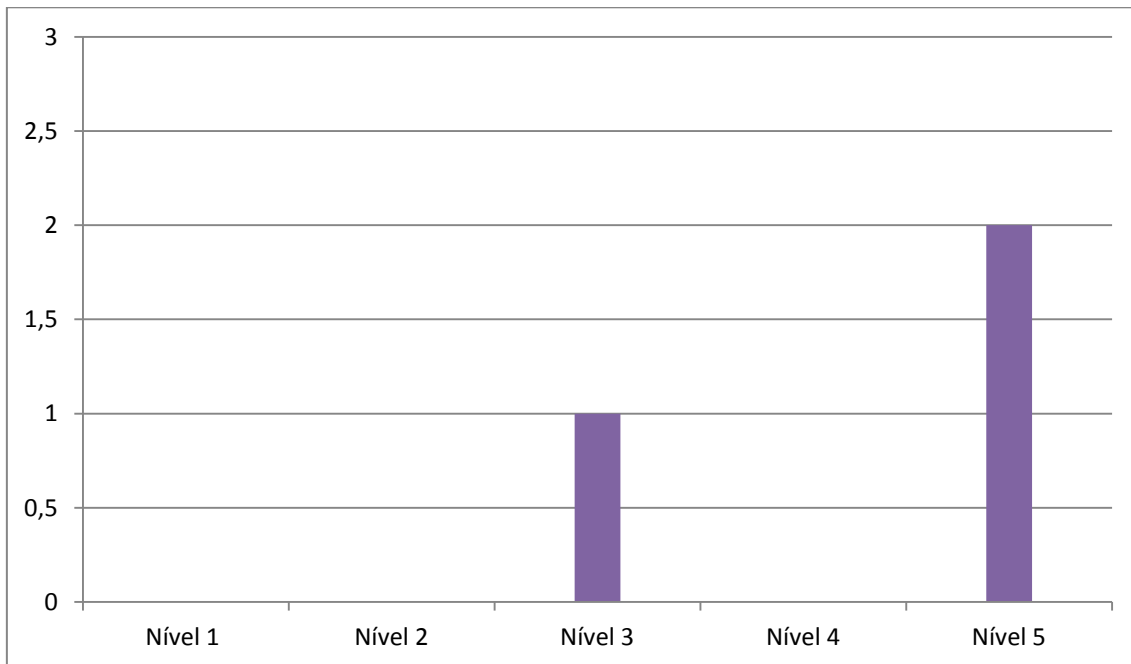
P- Trabalhos a pares

I – Trabalhos individuais

Análise do gráfico referente ao Grupo dominante das Fichas de Observação das Oportunidades Educativas na Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância I

Neste gráfico podemos verificar que o trabalho individual foi o tipo de grupo dominante nestas três atividades observadas. Onde o David e o Tiago brincaram sozinho ao longo de 5 minutos, embora o David tenha interagido um pouco com outro colega. Já a Maria Leonor pintou a sua coroa de Reis em pequeno grupo, com outras crianças. O que permite com que estas partilhem ideias entre si, material, conversem, desenvolvendo a linguagem oral e também a linguagem escrita, pois ao estarem a pintar também poderão estar a “simular” que estão a escrever, entre outras coisas que podem desenvolver a criança. Enquanto que o trabalho individual não permite com que a criança se desenvolva tanto. Embora seja importante, uma vez que permite com que a criança tome sentido de responsabilidade, faça as suas escolhas, possa explorar o trabalho com mais intensidade, uma vez que está sozinho, aprende a gerir o seu tempo, a sua rotina, entre outras. É muito importante que se realizem trabalhos com outras crianças, para que exista troca de ideias, valores, para desenvolverem o respeito por o outro, pela diferença, entre outras coisas, que permitem com que a criança tenha um desenvolvimento significativo.

Gráfico referente ao Nível de envolvimento dominante das Fichas de Observação das Oportunidades Educativas na Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância I



Legenda:

Nível 1 – “Ausência de actividade”

Nível 2 – “Actividade frequentemente interrompida”

Nível 3 – “Actividade mais ou menos contínua”

Nível 4 – “Actividade com momentos intensos”

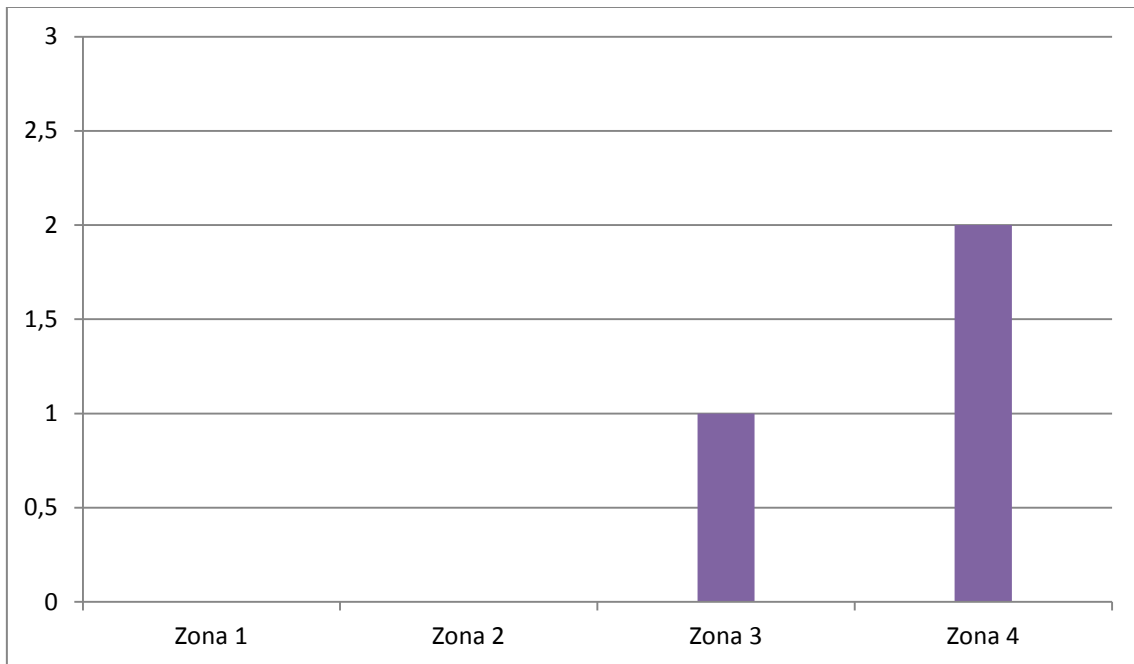
Nível 5 – “Actividade intensa mantida”

Análise do gráfico referente ao Nível de envolvimento dominante das Fichas de Observação das Oportunidades Educativas na Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância I

Ao analisarmos este gráfico podemos verificar que nestas três observações, no período de uma manhã, a maioria das atividades realizadas por estas três crianças, tiveram um nível de envolvimento 5, ou seja, realizaram atividades com grande envolvimento ao longo dos 5 minutos de observação, como foi o caso do David e do Tiago. O que não aconteceu na observação da Maria Leonor, que teve um nível de envolvimento 3, onde realizava a atividade mais ou menos continua. Pois esta criança ao longo dos 5 minutos de observação esteve sempre atenta ao que acontecia em seu redor com as outras crianças e a Educadora, o que interrompia a sua atividade, neste caso, pintura.

O facto de as crianças estarem a realizar atividade de nível de envolvimento 5 é muito positivo, uma vez que estas estão a “100%” envolvidas no que estão a fazer, desenvolvendo assim diversos conceitos, como a responsabilidades, a decisão de escolha, resolução de problemas, entre outros. Contudo é necessário referir que estas atividades de nível 5 foram escolhidas pelas crianças, o que não aconteceu na atividade de Maria Leonor, que foi proposta por a Educadora. Embora a maioria das crianças tenha tido nível 5 em atividades propostas por elas, não posso concluir que existe um maior envolvimento em atividades propostas pelas crianças do que por a Educadora. Pois para isso era necessário que observasse todas as crianças da sala (20) e em diversos momentos, como esta referido na utilização da ficha (Bretram & Pascoal, 2009, pp. 117-119). Uma vez que só observei três crianças, de forma a experimentar a utilidade da Ficha. Posso concluir que na realização de Prática Investigativa de PES II, um dos meus objetivos é utilizar esta Ficha para observar se o nível de envolvimento é maior em atividades propostas por a crianças ou por adultos.

Gráfico referente à Zona de iniciativa dominante das Fichas de Observação das Oportunidades Educativas na Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância I



Legenda:

Zona 1 – “Não é dada escolha à criança que tem que fazer a actividade proposta”

Zona 2 – “É oferecido um número limitado de escolhas entre determinadas actividades”

Zona 3 – “Há algumas actividades das que não podem ser escolhidas”

Zona 4 – “É dada total liberdade de escolha”

(Bretram & Pascoal, 2009, p.118)

Análise do gráfico referente à Zona de iniciativa dominante das Fichas de Observação das Oportunidades Educativas na Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância I

Neste gráfico podemos verificar que nas análises das três crianças observadas, a zona de iniciativa dominante é a 4, onde foi dada total liberdade de escolha às crianças. onde o David escolheu brincar na área da dramatização, assim como nas restantes mesas da sala. Também o Tiago escolheu brincar na área da garagem individualmente. O que não aconteceu com a Maria Leonor, sendo-lhe proposto ir terminar a pintura da sua coroa de Reis, uma vez que esta ainda não a tinha terminado.

Embora só tenha três observações de um período da parte da manhã, posso concluir, através do gráfico, que a maioria das crianças (2) propôs a sua atividade, o que demonstra que e estas crianças já conseguem fazer as suas escolhas, resolvendo assim os seus problemas do dia a dia, consoante os seus interesses e as suas necessidades.

Este tópico da zona de iniciativa é bastante importante ser estudado e analisado por parte do Educador, uma vez que através desta análise o Educador toma conhecimento da sua forma de planificar, ou seja, se possibilita às crianças que estas escolham o que querem fazer ou se não lhes dá oportunidades de proporem actividades que lhes despertem o interesse e curiosidade.

Reflexão da análise de dados

Ao longo da recolha e da análise dos dados pode verificar o quanto este método de auto-avaliação é importante para o meu desenvolvimento de processos de aprendizagem como educadora. Uma vez que através destas análises pode avaliar as minhas planificações a diversos níveis, como por exemplo as áreas de aprendizagem dominantes (Expressão Plástica) e as áreas que não trabalhei ao longo da PES I. O que me fez refletir acerca do porque de não ter desenvolvido o domínio da matemática, a área menos desenvolvida tanto em Creche como em Jardim de Infância, onde o motivo possa ser por não me sentir muito à vontade para desenvolver este domínio com as crianças. Contudo é fundamental que no futuro desenvolva esta área, uma vez que esta é muito importante para o desenvolvimento da criança, como já referi anteriormente (ver pp.14 e 15). Desta forma é fundamental que procure apoio por parte das Educadoras cooperantes para poder desenvolver esta área de forma significativa na aprendizagem das crianças.

Em relação à análise dos gráficos referentes aos tipos de grupos dominantes das atividades planificadas, (ver pp.16 e 17), posso referir que o trabalho a pares não foi desenvolvido, tanto em Creche como em Jardim de Infância. O que é um pouco desadequado, uma vez que este tipo de trabalho é muito importante para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, pois ao estarem a trabalhar a pares as crianças desenvolvem o sentido de responsabilidade, de ajudar o colega, aprender com o colega, relacionamentos que são importantes na infância. Outro dos tipos de trabalhos que não foi desenvolvido em Creche, ao contrário do Jardim de Infância, foi o trabalho individual. Apesar de ter em conta que este tipo de trabalho é tanto importante para a criança como para a educadora, uma vez que desenvolve em ambos processos de aprendizagem, este tipo de trabalho não foi desenvolvido porque, no meu entender, não tinha condições para o fazer. Uma vez que a realização da PES I era constituída por uma manhã por semana, impossibilitando-me o trabalho individual com as crianças, pois inicialmente todas queriam realizar a atividade, e numa manhã não conseguiria trabalhar com todas individualmente. O que fazia com que desenvolvesse trabalhos de grande e pequeno grupo, dividindo a turma em três grupos, sendo que cada grupo ficava com um adulto.

Através das análises também pode verificar que as zonas de iniciativa dominantes das atividades planeadas foram as zonas 1 (Creche) e 4 (Jardim de Infância), (ver pp.18 e 19), o que me leva a concluir que na Creche não dei opção de escolha das atividades, propondo atividades às crianças, o que não aconteceu no Jardim de Infância. Contudo isto deve-se ao facto de as crianças da sala de Creche (3 anos) ainda não conseguirem tomar as suas próprias decisões, o que pode observar ao longo da PES I. Desta forma é necessário que desenvolva o sentido de tomar decisões com estas crianças, favorecendo-lhe hipóteses de propor atividades, de forma a que elas consigam fazer opções de escolha no seu dia a dia, como por exemplo, planificar a semana ou o dia.

Esta Ficha também foi muito útil, uma vez que através dela pode observar três crianças no desenrolar de atividades propostas por estas e por adultos. Onde através destas observações podem verificar a importância desta Ficha, uma vez que nela poderemos estudar/investigar diversas coisas, como por exemplo, se a criança tem opções de escolha na proposta de atividade, se a criança está envolvida nas atividade com grande intensidade, se a criança prefere brincar individualmente ou em grupo, assim como o tipo de interação que a criança estabelece e que é estabelecido com ela.

Desta forma posso concluir que a Ficha de Observação das Oportunidade Educativas é muito útil para a realização de investigações no ensino, uma vez que através desta o profissional pode melhorar a qualidade de aprendizagem das crianças, assim como os seu processos de aprendizagem.

Implicações para a PES II

Ao realizar esta investigação experimental pode verificar a importância que esta exerceu sobre a minha futura intervenção na PES II. Pois através desta análise pode concluir que nas intervenções de PES II terei de desenvolver o domínio da Matemática em Creche e Jardim de Infância, assim como realizar atividades individuais para cada criança em Creche, e a pares para Creche e Jardim de Infância. Outro dos métodos que terei de desenvolver com as crianças, tanto em Jardim de Infância como em Creche, mas principalmente em Creche é a capacidade de opção de escolha das atividades que querem realizar. Onde podemos desenvolver este método através da planificação conjunta, em grande grupo, de forma a que as crianças escolham as atividades que querem realizar diariamente e mais tarde semanalmente, adquirindo assim a noção de tempo e de responsabilidade.

Para além destas implicações para a PES II, com este estudo conclui que seria pertinente em PES II estudar/investigar o nível de envolvimento dominante no grupo de crianças de Jardim de Infância, nas atividades propostas por as próprias e nas propostas por os adultos, ou seja, investigar se o nível de envolvimento é mais elevando nas atividade propostas por o adulto ou por as próprias crianças. Juntamente a este estudo gostaria de voltar a avaliar as minhas planificações, da mesma forma que fiz neste trabalho, para verificar quais as áreas de aprendizagens desenvolvidas e também para comparar com esta análise, de forma a verificar se houve evolução da minha parte ou não.

Dimensão Investigativa da PES II

Ficha de Observação das Oportunidades Educativas

Segundo Alarcão, 2001, o trabalho de investigação por parte do professor/educador é muito importante, uma vez que através dele podemos observar e compreender o que acontece, sendo esta compreensão fundamental para o desenvolvimento dos projetos curriculares, para o conhecimento de diversas dinâmicas do grupo de crianças e também para o desenvolvimento de processos de aprendizagem dos professores. Desta forma podemos referir, segundo Stenhouse e citado por Alarcão, 2001, “*A investigação e os desenvolvimentos curriculares devem pertencer aos professores*”.

É através de trabalhos de investigação que o professor acaba por desenvolver na sua sala o nível de qualidade de aprendizagens. A definição de *qualidade* é bastante pessoal e subjetiva, contudo para Bretram & Pascoal, 2009, a palavra *qualidade* refere-se a um “*conceito dinâmico e subjectivo, suportado por valores que variam em função do tempo e do espaço*”.

Uma vez que o trabalho de investigação no ensino é bastante importante, tanto para o professor como para o grupo de crianças da sala, resolvi aplicar um dos métodos de auto-avaliação e de aperfeiçoamento dos contextos educativos das crianças entre os 0 e os 6 anos, ou seja, a Ficha de Observação das Oportunidades Educativas, um instrumento de auto-avaliação do DQP. A escolha deste instrumento deveu-se ao facto de ter feito uma análise crítica e construtiva ao meu caderno de formação, registos diários das intervenções, que me despertou para o facto de desenvolver bastantes atividades relacionadas com a expressão plástica, esquecendo-me das restantes áreas.

O principal objetivo pelo qual irei estudar este método refere-se à verificação da importância do mesmo, ou seja, utilizarei este método de forma experimental, para verificar se este futuramente me será útil à nível profissional, de forma a melhorar os projetos curriculares, os meus processos de aprendizagem e sobretudo a compreender as diversas dinâmicas de grupo da sala.

Esta investigação experimental será baseada na primeira investigação que realizei em PES I, onde analisei as minhas planificações de Creche e Jardim de Infância com base da Ficha de Observação das Oportunidades Educativas, onde através de gráficos analisei as áreas de aprendizagem que planifiqueis, assim como os tipos de trabalhos escolhidos e as zonas de iniciativa. Desta forma irei analisar de novo as planificações da PES II, de forma a verificar as evoluções que ocorreram, caso tenham ocorrido. Estas análises serão feitas com uma reflexão com base nos dados apresentados através dos gráficos da PES I e da PES II.

A importância do caderno de formação para o trabalho investigativo

O caderno de formação é uma ferramenta indispensável no dia-a-dia de um educador, principalmente quando estamos em prática, uma vez que este nos ajuda a reflectir sobre a forma como nós intervimos e planificamos, assim como nos ajuda a conhecer o grupo.

É no caderno que fazemos os nossos registos diários, escrevemos as nossas angústias, os nossos medos e as nossas conquistas. É através da sua análise que percebemos como é o nosso grupo, como é que este se caracteriza, quais as suas dificuldades e quais as suas necessidades.

Desta forma o caderno de formação ajuda-nos a sermos quem somos, ajuda-nos a sermos melhores profissionais. Pois é através dele que podemos detectar um problema, assim como eu, que através do meu caderno percebi que no Jardim de Infância o grupo estava muito irrequieto e não adería às actividades propostas de livre vontade, o que fez com que tivesse de utilizar estratégias que me ajudassem a ultrapassar este obstáculo.

No meu entender o caderno de formação é muito importante para um profissional pois através dele, ele pode resolver os problemas que surjam, assim como analisar as suas planificações de forma a verificar o que é que pode melhorar na sua prática, de forma a contribuir para o desenvolvimento de um processo significativo das crianças.

Desta forma o caderno foi-me muito importante para a realização deste trabalho investigativo, uma vez que através da análise que fiz ao longo da minha prática percebi que havia algo que deveria mudar, para poder melhor os processos de aprendizagem das crianças. Sendo assim resolvi avaliar as minhas planificações, uma vez que ao longo dos meus registos do caderno de formação reparava que algo não estava bem, ou não consegui terminar as actividades a tempo, ou o grupo não estava interessado, ou não conseguiam trabalhar em grande grupo, entre outros factores que contribuíram para realizar esta análise e reflectir acerca desta.

Recolha de dados

Tabela referente às planificações diárias de Prática de Ensino
Supervisionada em Creche II

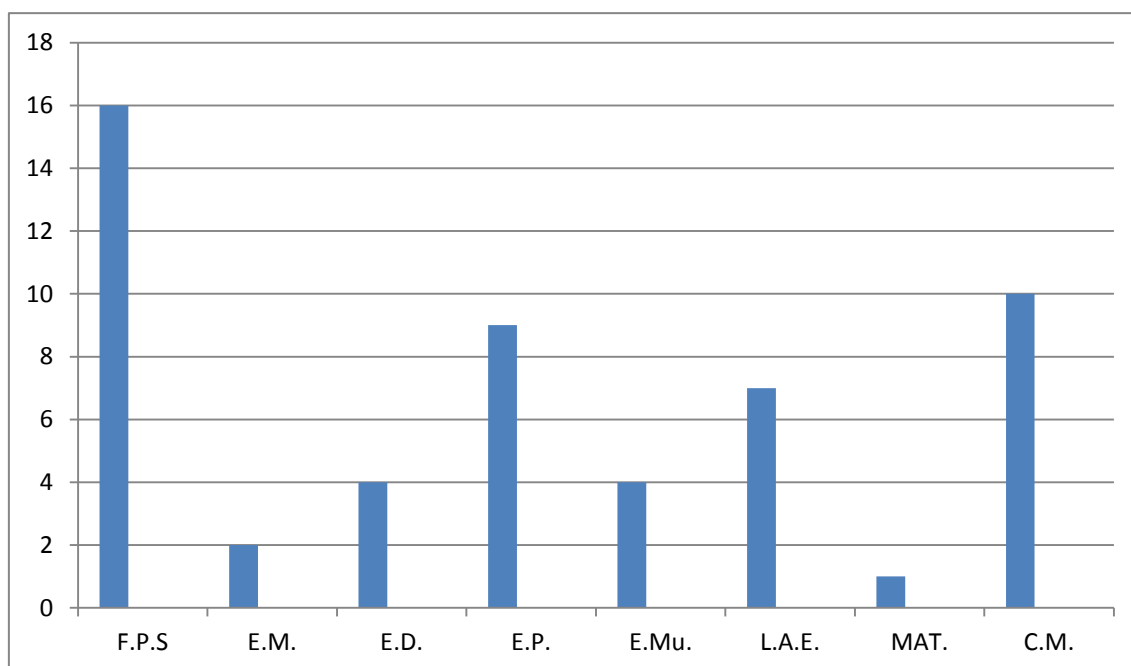
Dia	Grande sentido do dia	Áreas de aprendizagem	Zona de iniciativa	Grupo
14 de Fevereiro	Comemoração do dia dos Namorados	- Conhecimento do Mundo; - Expressão plástica; - Expressão musical; - Formação pessoal e social.	1	Trabalho em pequeno grupo (pares)
16 de Fevereiro	Preparação para o desfile de Carnaval	- Conhecimento do Mundo; - Linguagem oral e abordagem à escrita; - expressão plástica.	2	Trabalho em pequenos grupos e individual
17 de Fevereiro	Comemoração do Carnaval-desfile	- Conhecimento do Mundo; - Formação pessoal e social; - Expressão musical.	3	Trabalho em grande grupo
22 de Fevereiro	Desenvolvimento da linguagem oral através da expressão musical	- Linguagem oral e abordagem à escrita; - Expressão musical; - Expressão motora; - Formação pessoal e social.	4	Trabalho em grande grupo
23 de Fevereiro	Desenvolver o domínio da matemática através da leitura da história “A que sabe a Lua”	- Conhecimento do Mundo; - Formação pessoal e social; - Linguagem oral e abordagem à escrita; - Expressão	3	Trabalho em grande grupo e trabalho individual

		<p>musical; -Expressão dramática; -Expressão plástica; -Domínio da matemática.</p>		
1 de Março	Iniciação da marcação de presenças, regras e tarefas da sala.	<p>- Formação pessoal e social; -Linguagem oral e abordagem à escrita.</p>	3	Trabalho em grande grupo e individual
2 de Março	Marcação das presenças e exploração de tintas e pinceis.	<p>-Formação pessoal e social; -Linguagem e abordagem à escrita; -Expressão plástica.</p>	4	Trabalho em grande grupo e individual
5 de Março	Continuação da exploração de tintas e pinceis.	<p>- Formação pessoal e social; -Expressão plástica.</p>	4	Trabalho individual.
6 de Março	Visita ao teatro	<p>- Conhecimento do Mundo; -Formação pessoal e social; -Expressão dramática.</p>	3	Trabalho em grande grupo.
7 de Março	Promover a interação adulto-criança.	<p>- Formação pessoal e social.</p>	4	Trabalho em pequenos grupos e individuais.
8 de Março	Promover a interação adulto-criança.	<p>-Formação pessoal e social; -Linguagem oral e abordagem à escrita; -Expressão motora; -Conhecimento do Mundo.</p>	4	Trabalhos em pequeno grupo.

9 de Março	- Proporcionar com que o grupo explore texturas dos alimentos utilizados.	-Formação pessoal e social; -Conhecimento do Mundo.	2	Trabalho em pequenos grupos.
12 de Março	Prenda do dia do Pai.	-Formação pessoal e social; -Conhecimento do Mundo; -Expressão plástica.	3	Trabalho em grande grupo.
13 de Março	Prenda do dia do Pai.	-Formação pessoal e social; -Conhecimento do Mundo; -Expressão plástica.	3	Trabalho em grande grupo.
14 de Março	Convite para a festa do dia do Pai.	- Formação pessoal e social; - Linguagem oral e abordagem à escrita; -Expressão plástica.	3	Trabalho em grande grupo.
15 de Março	Prenda do dia do Pai.	-Formação pessoal e social; -Conhecimento do Mundo; -Expressão plástica	3	Trabalho em grande grupo
16 de Março	Preparação da dramatização para a festa do dia do Pai.	- Formação pessoal e social; -Expressão dramática.	4	Trabalho em grande grupo.

Análise de dados

Gráfico referente às áreas de aprendizagem das planificações diárias da Prática de Ensino Supervisionada em Creche II



Legenda:

F.P.S. – Área de Formação Pessoal e Social

E.M. – Área de Expressão e Comunicação – domínio da Expressão Motora

E.D.- Área de Expressão e Comunicação – domínio da Expressão Dramática

E.P.- Área de expressão e Comunicação – domínio da Expressão Plástica

E.Mu. – Área de Expressão e Comunicação – domínio da Expressão Musical

L.A..E – Área de Expressão e Comunicação – domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

MAT.- Área de Expressão e Comunicação – domínio da Matemática

C.M. – Área do Conhecimento do Mundo

Análise do gráfico referente às áreas de aprendizagem das planificações diárias da Prática de Ensino Supervisionada em Creche II

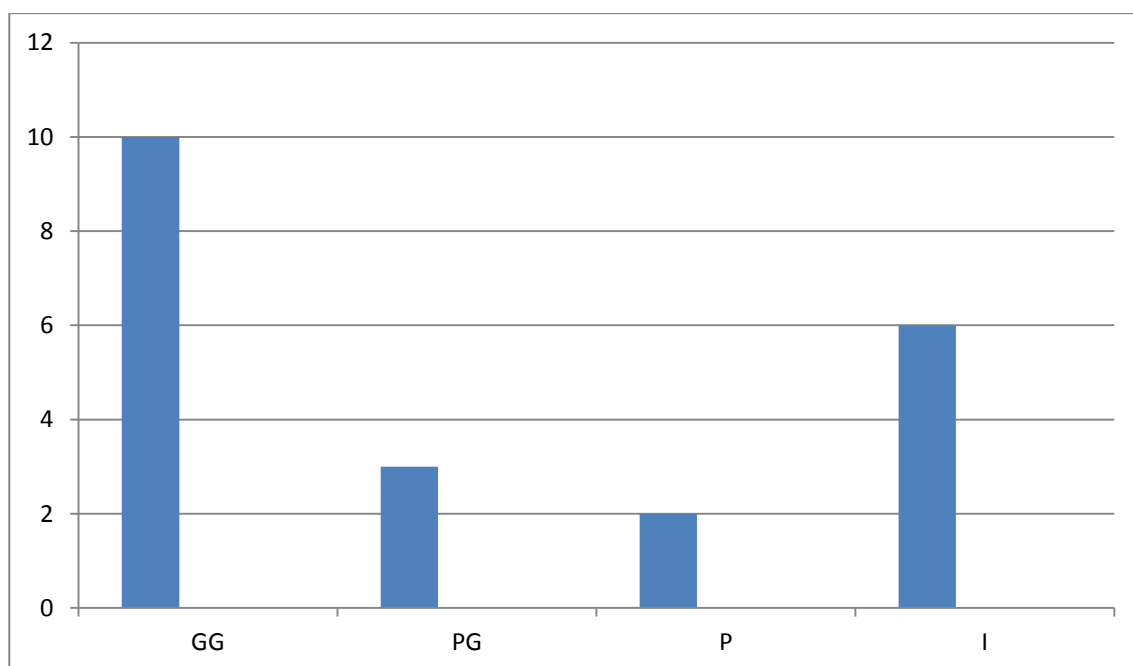
Neste gráfico podemos verificar que ao longo da minha prática de ensino supervisionada em creche II, todas as áreas de aprendizagem foram abordadas ao longo destes dias. Muitas delas, como F.P.S, fizeram parte das planificações diárias com grande frequência, assim como o C.M. e a L.A.E. Estas áreas eram trabalhadas diariamente em diversos momentos, como no acolhimento, nas refeições, nos momentos em grande e pequeno grupo, nas brincadeiras nas áreas, entre outros momentos, como podemos verificar através das tabelas de recolha de dados em cima mencionadas.

Apesar de verificarmos que todas as áreas foram trabalhadas/abordadas, podemos verificar que há uma grande divergência entre o domínio da MAT. e as restantes áreas e seus domínios. Pois este domínio (MAT.) ao longo desta minha prática foi sempre esquecido, assim como aconteceu na prática de ensino supervisionada em creche I, onde através do gráfico de análise do trabalho anterior podemos verificar que também existe esta mesma discrepância entre este domínio e as restantes áreas. O que se torna um pouco preocupante, pois deveria ter elaborado as minhas planificações de acordo com o que analisei no trabalho passado, de forma a melhorar o que no momento não estava correto. Contudo é necessário referir que embora não planificasse o domínio da MAT. de uma forma proporcionada ao grupo, este fazia parte do nosso dia-a-dia da creche, pois na maioria das vezes na hora do acolhimento contávamos quantas crianças estavam na sala, quantas faltavam e quantas ainda deveriam de aparecer. Porém tenho a perfeita noção que isto não foi suficiente para que o grupo pudesse desenvolver este domínio, pois era necessário que pensasse em formas significativas de o trabalhar-mos.

Através do gráfico também poderemos verificar que todas as expressões foram desenvolvidas, embora umas tenham sido mais que outras. Como é o caso da E.P. que foi bastante trabalhada ao longo destes dias, pois através dela o grupo aprendeu diversas formas de se expressar e de expressar o que o rodeia. Assim como a E.Mu. e a E.D. que fizeram parte do nosso quotidiano praticamente diariamente, como nas brincadeiras nas áreas, na realização do teatro, na leitura de histórias, na exploração do conhecimento do mundo, entre outras actividades que podem ser verificadas nas tabelas de recolha de dados.

Desta forma posso concluir que todas as áreas e seus domínios foram trabalhados/abordados ao longo da minha prática de ensino supervisionada II, embora tenha havido uma grande discrepância entre o domínio da MAT. e as restantes áreas e seus domínios.

Gráfico Referente aos grupos de trabalho dominante nas planificações diárias de Prática de Ensino Supervisionada em Creche II



Legenda:

GG – Trabalhos em grande grupo

PG – Trabalhos em pequeno grupo

P- Trabalhos a pares

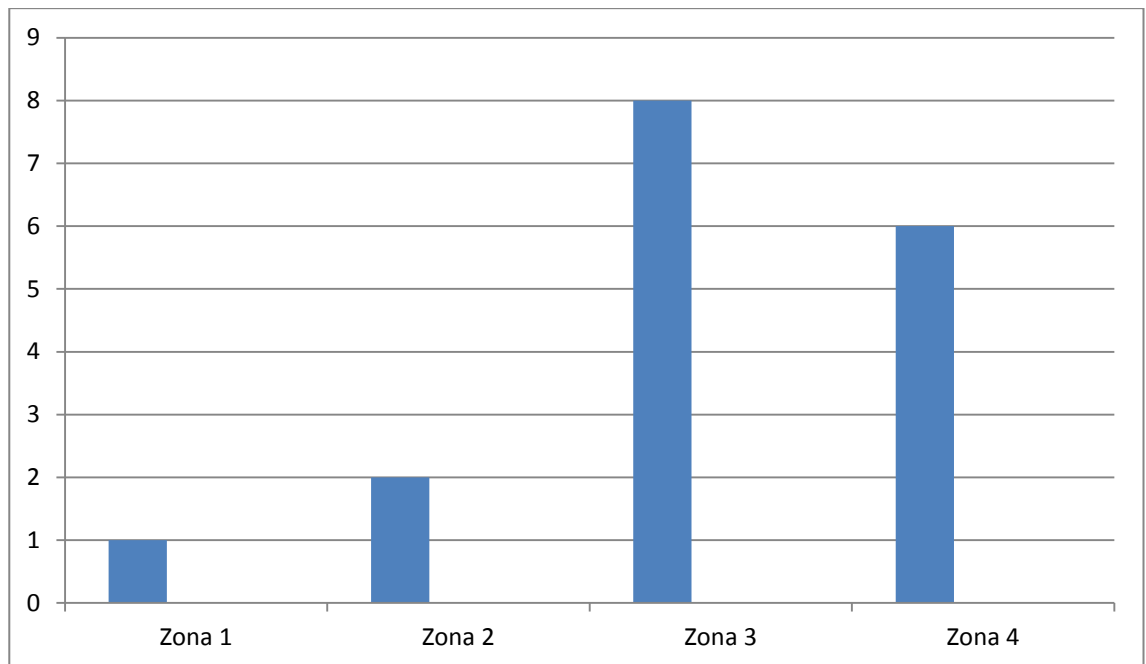
I – Trabalhos individuais

Análise do gráfico referente aos grupos de trabalho dominantes nas planificações diárias da Prática de Ensino Supervisionada em Creche II

Ao longo deste gráfico podemos verificar que todos os grupos de trabalho foram elaborados ao longo das minhas planificações diárias. Contudo estas planificações foram baseadas na sua maioria em momentos de grande grupo, que eram feitos através das reuniões em grande grupo, onde contávamos as novidades, liamos histórias, trabalhos como a prenda do dia do pai, do carnaval, entre outros. E nos momentos individuais, onde as crianças exploravam materiais e realizavam desenhos ou pintura.

Embora estes tipos de trabalho tenham sido mais desenvolvidos ao longo destes dias, os restantes não foram esquecidos, embora a sua utilização não tenha sido tão numerosa como o trabalho em GG e o trabalho I.

Gráfico referente à Zona de iniciativa dominante nas planificações diárias de Prática de Ensino Supervisionada em Creche II



Legenda:

Zona 1 – “Não é dada escolha à criança que tem que fazer a actividade proposta”

Zona 2 – “É oferecido um número limitado de escolhas entre determinadas actividades”

Zona 3 – “Há algumas actividades das que não podem ser escolhidas”

Zona 4 – “É dada total liberdade de escolha”

(Bretram & Pascoal, 2009, p.118)

Análise do gráfico referente às zonas de iniciativa das planificações diárias da Prática de Ensino Supervisionada em Creche II

Ao observarmos o gráfico podemos verificar que as zonas de iniciativas mais utilizadas ao longo das planificações diárias foram a zona 3 e a zona 4, que representam a liberdade de escolha das actividades (zona 4) e que algumas actividades não podem ser escolhidas (zonas 3). Desta forma podemos concluir que estas planificações foram sempre baseadas na opção de escolhas das crianças.

Embora tenha planificado com base na Zona 1 e na Zona 2, onde também há opções de escolha para as crianças. As minhas planificações não ficaram apenas por a zona 1, onde o grupo não tem opção de escolha, ou seja, as planificações deixam de ser cooperadas e passam a ser plenamente da autoria do educador.

Recolha de dados

Tabela referente às planificações diárias de Prática de Ensino
Supervisionada em Jardim de Infância II

Dia	Grande sentido do dia	Áreas de aprendizagem	Zona de iniciativa	Grupo
26 de Março	Plantação de feijão no nosso canteiro.	- Conhecimento do Mundo; - Formação pessoal e social; - Linguagem oral e abordagem à escrita.	4	Trabalho em pequeno grupo.
27 de Março	Realização do painel da Primavera (exploração de materiais).	- Conhecimento do Mundo; - Linguagem oral e abordagem à escrita; - Expressão plástica.	2	Trabalho em pequenos grupos e individual
28 de Março	Experiência na área das ciências.	- Conhecimento do Mundo; - Formação pessoal e social.	2	Trabalho em pequeno grupo.
30 de Março	Iniciação a planificação cooperada entre adulto e crianças.	- Linguagem oral e abordagem à escrita; - Formação pessoal e social.	2	Trabalho em grande grupo
11 Abril	Desenvolver interacção entre adulto-criança e crianças-crianças.	- Formação pessoal e social; - Expressão musical; - Expressão plástica.	2	Trabalho em pequenos grupos e individuais.

12 de Abril	Leitura da história “A que sabe a Lua”.	-Formação pessoal e social; -Linguagem oral e abordagem à escrita; -Conhecimento do Mundo; - Expressão dramática; -Expressão plástica.	3	Trabalho em grande grupo.
13 de Abril	Planificação cooperada.	- Formação pessoal e social; -Linguagem oral e abordagem à escrita; - Expressão plástica.	4	Trabalho em grande grupo.
16 de Abril	Culinária	-Formação pessoal e social; -Conhecimento do mundo; -Linguagem oral e abordagem à escrita; -Expressão plástica; -Matemática.	4	Trabalho em grande grupo.
17 de Abril	Desenvolvimento da cooperação do trabalho em grande grupo; Momentos de relaxamento.	-Formação pessoal e social; -Conhecimento do Mundo; -Expressão motora; -Expressão plástica.	2	Trabalhos em pequeno grupo e a pares.
18 de Abril	Comemoração do dia do Monumento.	-Formação pessoal e social; -Conhecimento do Mundo; -Linguagem oral e abordagem à escrita; -Expressão plástica.	3	Trabalhos em grande grupo.

19 de Abril	Trabalho de projecto.	-Formação pessoal e social, - Expressão plástica; -Conhecimento do Mundo.	2	Trabalho em pequenos grupos.
23 de Abril	Interação com crianças de outra sala e seus familiares; Prenda do dia da mãe.	- Formação pessoal e social; -Conhecimento do Mundo; -Expressão plástica; -Expressão dramática; -Linguagem oral e abordagem à escrita.	3	Trabalhos em grande grupo e individual.
24 de Abril	Trabalho de .projeto	-Formação pessoal e social; -Expressão plástica; -Linguagem oral e abordagem à escrita.	2	Trabalhos em pequenos grupos.
3 de Maio	Trabalho de projecto e prenda do dia da Mãe.	- Formação pessoal e social; -Conhecimento do Mundo; -Expressão plástica.	2	Trabalhos em grande grupo e em pequenos grupos.
4 de Maio	Prenda do dia da mãe; Exploração de um poema sobre a mãe.	- Formação pessoal e social; -Expressão Plástica; -Expressão musical; -Linguagem oral e abordagem à escrita.	3	Trabalho em grande grupo.

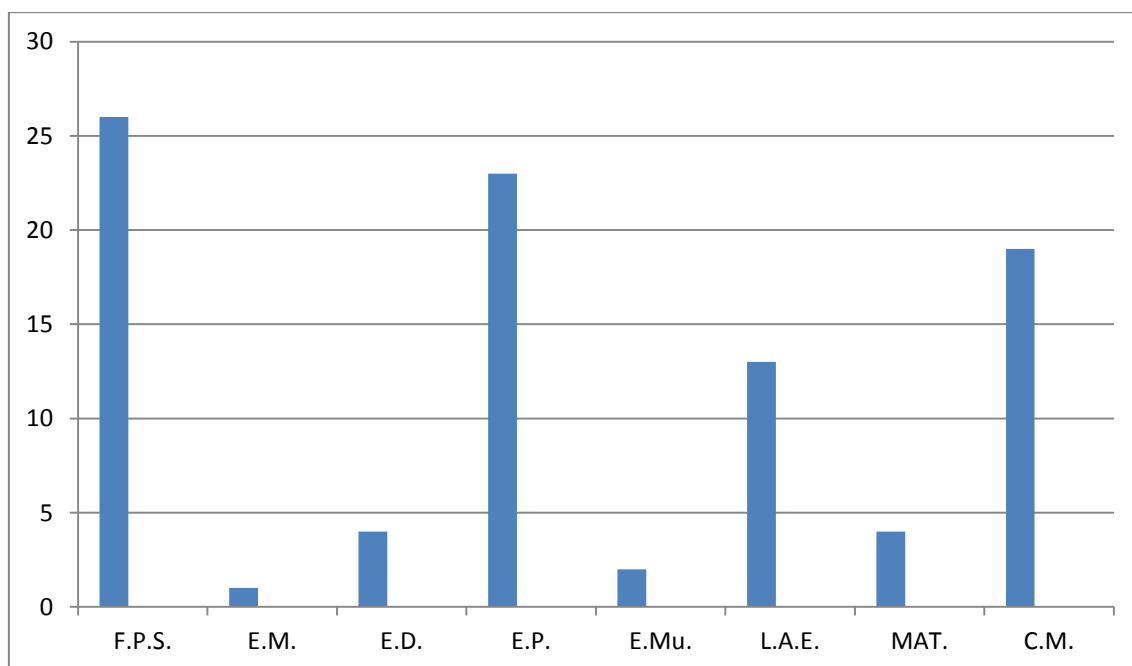
7 de Maio	Trabalho de projeto	-Formação pessoal e social; -Expressão plástica; -Conhecimento do Mundo; -Expressão dramática.	4	Trabalhos em pequenos grupos.
8 de Maio	Culinária	-Formação pessoal e social; -Conhecimento do Mundo; -Matemática.	2	Trabalho em pequenos grupos.
9 de Maio	Trabalho de projeto	- Conhecimento do mundo; -Expressão plástica.	2	Trabalhos em pequenos grupos
10 de Maio	Trabalho de projeto	-Formação pessoal e social; -Linguagem oral e abordagem à escrita; -Expressão plástica.	2	Trabalhos em pequenos grupos
14 de Maio	Registo da visita à Quinta do Zacarias	- Formação pessoal e social; -Conhecimento do Mundo; -Expressão plástica; -Linguagem oral e abordagem à escrita.	3	Trabalho em grande grupo.

15 de Maio	Culinária	-Formação pessoal e social; -Conhecimento do mundo; -Expressão plástica; -Expressão dramática; -Matemática.	2	Trabalho em pequeno grupo.
17 de Maio	Trabalho de projeto	- Formação pessoal e social; -Conhecimento do mundo; -Expressão plástica;	2	Trabalho em pequeno grupo.
18 de Maio	Comemoração do dia do Museu	- Formação pessoal e social, -Conhecimento do Mundo; -Expressão plástica.	3	Trabalho em grande grupo.
21 de Maio	Trabalho de projecto - finalização	- Formação pessoal e social, -Conhecimento do Mundo; -Expressão plástica.	3	Trabalhos em pequenos grupos.
22 de Maio	Trabalho de projecto - finalização	- Formação pessoal e social, -Conhecimento do Mundo; -Expressão plástica.	3	Trabalhos em pequenos grupos.

23 de Maio	Registo do trabalho de Projeto	- Formação pessoal e social; - Linguagem oral e abordagem à escrita; - Expressão plástica.	2	Trabalhos em pequenos grupos.
24 de Maio	Apresentação do projeto	- Formação pessoal e social, - Linguagem oral e abordagem à escrita; - Expressão plástica.	3	Trabalho em grande grupo.

Análise de dados

Gráfico referente às áreas de aprendizagem das planificações diárias da Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância II



Legenda:

F.P.S. – Área de Formação Pessoal e Social

E.M. – Área de Expressão e Comunicação – domínio da Expressão Motora

E.D.- Área de Expressão e Comunicação – domínio da Expressão Dramática

E.P.- Área de expressão e Comunicação – domínio da Expressão Plástica

E.Mu. – Área de Expressão e Comunicação – domínio da Expressão Musical

L.A.E – Área de Expressão e Comunicação – domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

MAT.- Área de Expressão e Comunicação – domínio da Matemática

C.M. – Área do Conhecimento do Mundo

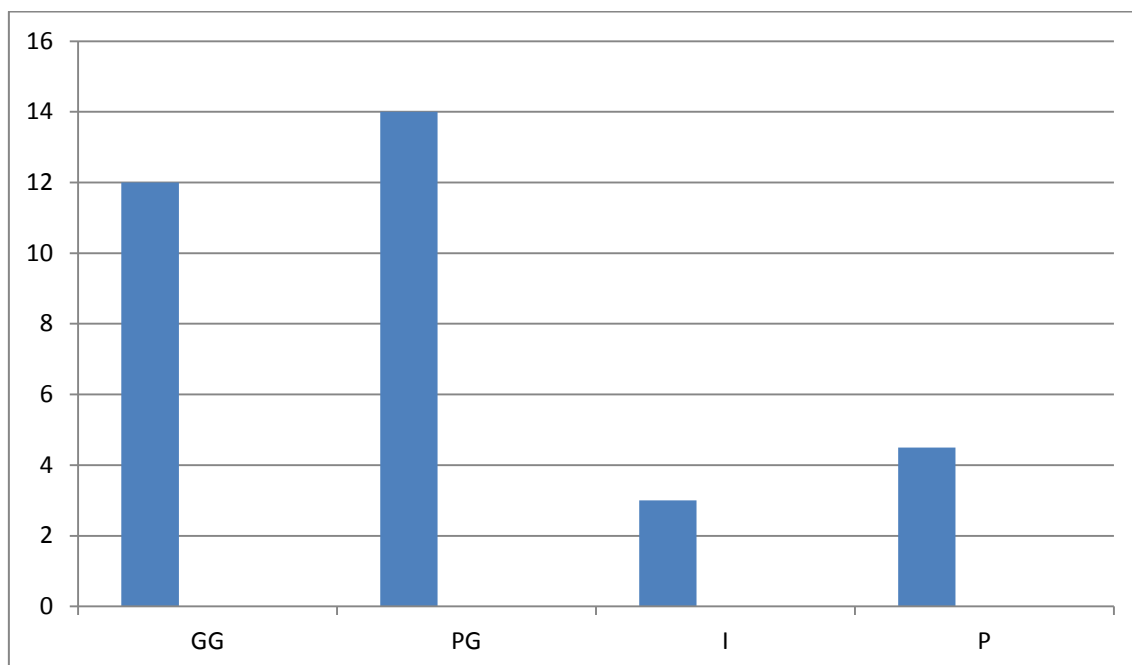
Análise do gráfico referente às áreas de aprendizagem das planificações diárias da Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância II

Ao longo deste gráfico podemos verificar que existe uma grande discrepância entre as áreas de F.P.S., E.P., L.A.E. e C.M. e as restantes (E.M., E.D., E.Mu., MAT.), pois as primeiras áreas referidas foram utilizadas praticamente em todas as planificações, uma vez que esta intervenção foi baseada no trabalho de projecto, ajudando o grupo a trabalhar em equipa e em pequenos grupos, organizando-se assim melhor, assim como a utilização da plástica que foi bastante utilizada, de forma a dar a conhecer ao grupo novas técnicas de expressão, ajudando-os a exprimir os seus sentimentos e o que o rodeia.

Já as outras áreas e seus domínios foram menos trabalhados, uma vez que alguma destas, como a E.Mu. e a E.M. eram realizadas todas as semanas por profissionais dessa mesma área, ou seja, todas as semanas este grupo tinha aulas de expressão musical, corporal e motora, o que fez com que não planificasse muito estas áreas. Contudo a área da Mat. e da E.D. também foram um pouco esquecidas, acabando por serem muito pouco trabalhadas, pois devido ao facto de ter investido mais no trabalho de projeto acabei por deixar determinadas áreas de fora.

Desta forma posso concluir que houve três áreas e seus domínios bastante trabalhados, como a F.P.P, C.M. e E.P., seguida da L.A.E. que também foi bastante trabalhada ao longo deste tempo.

Gráfico referente aos grupos de trabalhos das planificações diárias da Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância II



Legenda:

GG – Trabalhos em grande grupo

PG – Trabalhos em pequeno grupo

P- Trabalhos a pares

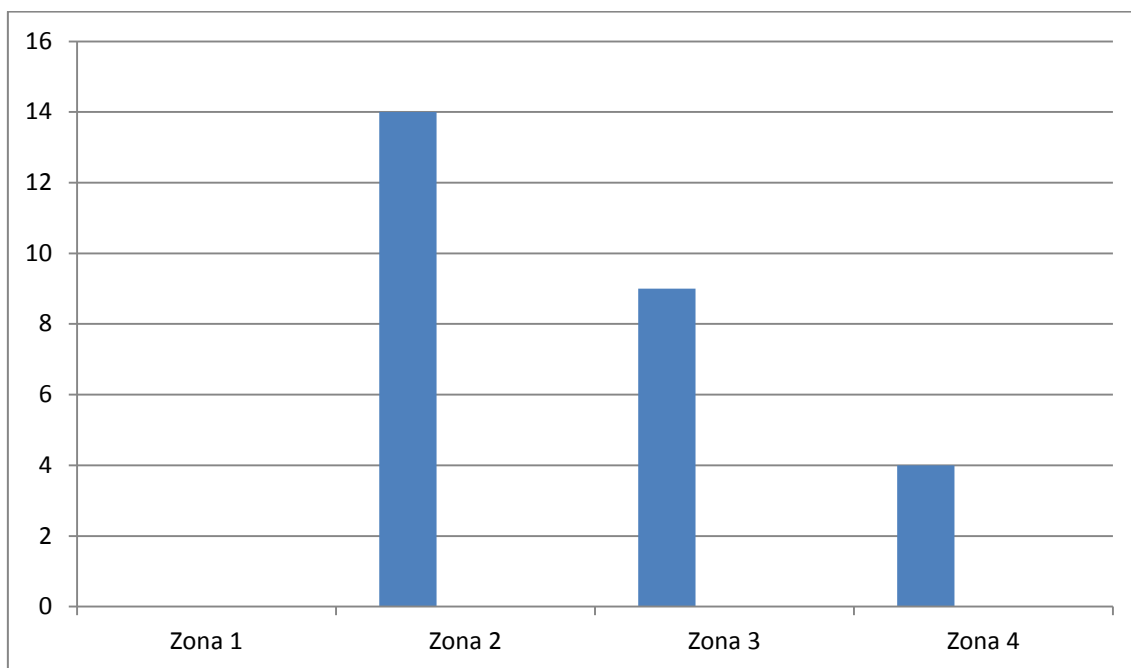
I – Trabalhos individuais

Análise do gráfico referente aos grupos de trabalho das planificações da Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância II

Neste gráfico podemos observar que as maiorias das planificações realizadas foram baseadas no trabalho de GG e de PG. Embora tenha planificado de forma a experimentar todos os tipos de trabalhos, basei as minhas planificações neste dois tipos, uma vez que estes me ajudaram a entender quais as verdadeiras necessidades do grupo, ou seja, a necessidade de organização deste, assim como me ajudaram a planificar de forma a organizar o grupo utilizando o trabalho em PG que permitiu com que o grupo se organizasse e assim conseguisse-mos trabalhar em GG, o que era um pouco difícil inicialmente.

Embora me tenha baseados nestes dois tipos também planifiquei com os outros, trabalho a P. e I. o que me permitiu aproximar de algumas crianças que eram mais tímidas e às quais me sentia um pouco distante, assim como ajudou as crianças a trabalhar em equipa, ajudando-se um ao outro e interagindo um com o outro.

Gráfico referente Às zonas de iniciativa das atividades das planificações diárias da Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância II



Legenda:

- Zona 1 – “Não é dada escolha à criança que tem que fazer a actividade proposta”
 - Zona 2 – “É oferecido um número limitado de escolhas entre determinadas actividades”
 - Zona 3 – “Há algumas actividades das que não podem ser escolhidas”
 - Zona 4 – “É dada total liberdade de escolha”
- (Bretram & Pascoal, 2009, p.118)

Análise do gráfico referente à zona de iniciativa das planificações diárias da Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância II

Neste gráfico podemos verificar que as atividades planificadas foram baseadas na sua maioria na zona de iniciativa 2, onde era oferecido ao grupo um número limitado de escolhas entre determinadas atividades. O facto que me levou a planificar desta forma deveu-se ao grupo ter bastante necessidade de brincar, pois como já referi anteriormente o horário do grupo era bastante preenchido com aulas extracurriculares e também limitado, com uma hora de almoço muito cedo, sexta, entre outros motivos, que contribuíam para que o grupo tivesse esta necessidade. Desta forma as planificações ajudaram-me a trabalhar de forma organizada com o grupo, onde na maioria das vezes o grupo tinha opções de escolha, poderia escolher entre fazer as atividades e brincar nas áreas ou até mesmo escolher entre duas ou três atividades.

Embora tenha planificado para a zona de iniciativa 2, também planifiquei tendo em conta a zona 3 e 4. Pois era necessário que o grupo realizasse atividades que fossem propostas e nas quais não havia opções de escolha, como em algumas reuniões em grande grupo que planifiquei, para que o grupo se habituasse a este tipo de trabalho, aprendendo a respeitar e a ouvir os seus colegas, assim como a colaborar no diálogo. Assim como em algumas planificações o grupo poderia escolher o que quisesse fazer, como na hora do acolhimento e no trabalho de projecto, onde a construção do espantalho foi feita de acordo com a decisão do grupo.

Embora todas estas zonas tenham sido trabalhadas, indo ao encontro dos interesses e necessidades do grupo, ao realizar as minhas planificações não o fiz com base na zona 1, onde não é dada escolha à criança numa atividade proposta. Pois tinha a perfeita noção que caso o fizesse o grupo iria expressar-se, não realizando este tipo de atividades, pois para si estas não tinham interesse nem um motivo para ser feitas.

Reflexão da análise dos dados

Para iniciar esta reflexão inicialmente irei fazer uma breve comparação entre as análises feitas na PES I e na PES II, de forma a verificar quais as evoluções que ocorreram ou até mesmo os recuos, pois é importante perceber se houve evolução ou não nos problemas que foram detetados na PES I, de forma a verificar se este tipo de trabalho foi tão significativo para a minha prática ou não.

Nos gráficos da PES I (ver anexo- dimensão investigativa da PES I) e PES II da creche podemos observar que houve muita evolução ao longo deste tempo. Contudo também houve alguns problemas que foram detetados na PES I e continuaram a ser significantes na PES II. Por exemplo, nos gráficos referentes às áreas de aprendizagem, podemos verificar que na PES I (ver anexo-dimensão investigativa da PES I) o domínio da MAT. foi completamente esquecido, não sendo trabalhado em nenhuma planificação. Embora na PES II (ver gráfico referente às áreas de aprendizagem da PES II na Creche) tenha planificado este domínio, este também foi o menos trabalhado ao longo deste tempo. Contudo outras áreas foram evoluindo, como a F.P.S e C.M., as áreas mais trabalhadas ao longo deste tempo, assim como a E.P. Já nos gráficos referentes aos tipos de trabalho planificados em Creche, podemos observar que na PES I (ver anexo-dimensão investigativa da PES I) os tipos dominantes eram o GG e o PG. Contudo nos gráficos da PES II o GG mantém o domínio, enquanto o PG diminui, dando assim lugar ao trabalho individual, que foi muito importante ao longo desta minha intervenção, pois como já referi anteriormente através dela aproximei-me do grupo e de determinadas crianças, conseguindo assim perceber as suas necessidades e interesses. Os restantes gráficos de Creche referem-se às zonas de iniciativa, onde na PES I (ver anexo-dimensão investigativa da PES I) a zona dominante era a 1, onde não era dada a escolha ao grupo, tendo esta que fazer uma actividade proposta. Contudo no gráfico da PES II (ver gráfico referente às zonas de iniciativa da PES II) podemos observar que as zonas dominantes são a 3 e a 4, onde há algumas actividades que podem ser escolhida (zona 3) e onde é dada total liberdade de escolha à criança (zona 4). Desta forma posso concluir que a análise que elaborei na minha PES I me ajudou bastante na planificação a PES II, uma vez que através dessa análise consegui perceber quais os erros das minhas planificações, como as áreas que precisava de planificar, os tipos de trabalhos que deveria de utilizar e as zonas de iniciativa das planificações, apercebendo-me que na PES I da Creche planificava de acordo com o que queria que o grupo fizesse e agora na PES II planifiquei de acordo com os interesses e necessidades do grupo.

Em relação às análises feitas em Jardim de Infância também posso concluir que houve uma grande evolução. Pois no gráfico da PES I (ver anexo- dimensão investigativa da PES I) referente às áreas de aprendizagem praticamente todas as áreas e domínios se encontravam no mesmo nível, em pé de igualdade, embora a E.P. se destacasse. O que já não acontece no gráfico da PES II (ver gráfico referente às áreas de aprendizagem da PES II), onde as áreas dominantes são, F.P.S., C.M. e a E.P., todas as outras se encontram num número inferior contudo todas elas foram trabalhadas, embora algumas menos, como é o caso do E.M. e da E.Mu., uma vez, como já referi anteriormente, que estas eram trabalhadas por os professores das aulas extracurriculares.

Quanto aos gráficos dos tipos de grupo utilizados, na PES I (ver anexo- dimensão investigativa da PES I) os tipos de trabalho dominantes era o trabalho individual, seguido do grande grupo e do pequeno grupo, uma vez que através deste trabalho individual me aproximei das crianças, integrando-me no grupo. Contudo no gráfico da PES II (ver gráfico referente ao grupo de trabalho da PES II) os grupos dominantes são o GG e o PG, pois inicialmente tentei trabalhar em grande grupo, contudo foi-me um pouco difícil, sendo necessário investir no trabalho em PG para que o grupo se sentisse motivado na realização das atividades e também para que este realize atividades em grande grupo como as reuniões. Já os gráficos da zona de iniciativa tiveram grandes alterações, pois na PES I (ver anexo-dimensão investigativa da PES I) as zonas dominantes eram a 4 e a 1, ou seja, o grupo tinha total liberdade de escolhas ou então não tinha nenhuma. O que era muito prejudicial para o grupo pois assim este nunca sentia vontade de escolher actividades como as reuniões de grupo, querendo apenas brincadeira, uma vez que as actividades propostas por a educadora eram feitas de forma “obrigatória”, enquanto na PES II as minhas planificações basearam-se na zona 2 e zona 3, onde era oferecido ao grupo um número limitado de escolhas ou por vezes não podia haver escolhas no tipo de actividades. O facto de ter planificado com estas zonas na PES II permitiu-me com que trabalhasse a organização do grupo de forma equilibrada e satisfatória. Desta forma posso concluir, assim como na Creche, a análise que elaborei em PES I foi bastante importante para a realização das minhas planificações da PES II, uma vez que através desta análise percebi os erros que estava a cometer e onde é que poderia melhorar a forma de intervir e planificar.

Como verifiquei ao longo destas análises a evolução entre a PES I e a PES II foi notória, contribuindo assim para a importância dos trabalhos de investigação, que permitem com que os profissionais melhorem a qualidade de aprendizagem das crianças, assim como os seus processos. Esta evolução não era notória se não tivesse feito esta investigação, que me ajudou a reflectir sobre a forma de como planificava, chegando a conclusão que esta não era a melhor forma, pois algumas áreas não eram abordadas, era necessário trabalhar alguns tipos de grupo, assim como algumas zonas de iniciativa das actividades. Desta forma pude melhorar o meu planeamento, contudo algumas coisas ainda ficaram por melhorar e caso continuasse com a prática a estes grupos iria melhorá-la segundo estas análises.

Tabela referente às planificações diárias de Prática de Ensino
Supervisionada em Jardim de Infância II

Dia	Grande sentido do dia	Áreas de aprendizagem	Zona de iniciativa	Grupo
26 de Março	Plantação de feijão no nosso canteiro.	- Conhecimento do Mundo; - Formação pessoal e social; - Linguagem oral e abordagem à escrita.	4	Trabalho em pequeno grupo.
27 de Março	Realização do painel da Primavera (exploração de materiais).	- Conhecimento do Mundo; - Linguagem oral e abordagem à escrita; - Expressão plástica.	2	Trabalho em pequenos grupos e individual
28 de Março	Experiência na área das ciências.	- Conhecimento do Mundo; - Formação pessoal e social.	2	Trabalho em pequeno grupo.
30 de Março	Iniciação a planificação cooperada entre adulto e crianças.	- Linguagem oral e abordagem à escrita; - Formação pessoal e social.	2	Trabalho em grande grupo
11 Abril	Desenvolver interação entre adulto-criança e crianças-crianças.	- Formação pessoal e social; - Expressão musical; - Expressão plástica.	2	Trabalho em pequenos grupos e individuais.
12 de Abril	Leitura da história “A que sabe a Lua”.	- Formação pessoal e social; - Linguagem oral e abordagem à escrita; - Conhecimento do Mundo;	3	Trabalho em grande grupo.

		- Expressão dramática; -Expressão plástica.		
13 de Abril	Planificação cooperada.	- Formação pessoal e social; -Linguagem oral e abordagem à escrita; - Expressão plástica.	4	Trabalho em grande grupo.
16 de Abril	Culinária	-Formação pessoal e social; -Conhecimento do mundo; -Linguagem oral e abordagem à escrita; -Expressão plástica; -Matemática.	4	Trabalho em grande grupo.
17 de Abril	Desenvolvimento da cooperação do trabalho em grande grupo; Momentos de relaxamento.	-Formação pessoal e social; -Conhecimento do Mundo; -Expressão motora; -Expressão plástica.	2	Trabalhos em pequeno grupo e a pares.
18 de Abril	Comemoração do dia do Monumento.	-Formação pessoal e social; -Conhecimento do Mundo; -Linguagem oral e abordagem à escrita; -Expressão plástica.	3	Trabalhos em grande grupo.
19 de Abril	Trabalho de projecto.	-Formação pessoal e social, - Expressão plástica; -Conhecimento do Mundo.	2	Trabalho em pequenos grupos.

23 de Abril	Interação com crianças de outra sala e seus familiares; Prenda do dia da mãe.	- Formação pessoal e social; -Conhecimento do Mundo; -Expressão plástica; -Expressão dramática; -Linguagem oral e abordagem à escrita.	3	Trabalhos em grande grupo e individual.
24 de Abril	Trabalho de projeto	-Formação pessoal e social; -Expressão plástica; -Linguagem oral e abordagem à escrita.	2	Trabalhos em pequenos grupos.
3 de Maio	Trabalho de projecto e prenda do dia da Mãe.	- Formação pessoal e social; -Conhecimento do Mundo; -Expressão plástica.	2	Trabalhos em grande grupo e em pequenos grupos.
4 de Maio	Prenda do dia da mãe; Exploração de um poema sobre a mãe.	- Formação pessoal e social; -Expressão Plástica; -Expressão musical; -Linguagem oral e abordagem à escrita.	3	Trabalho em grande grupo.
7 de Maio	Trabalho de projeto	-Formação pessoal e social; -Expressão plástica; -Conhecimento do Mundo; -Expressão dramática.	4	Trabalhos em pequenos grupos.

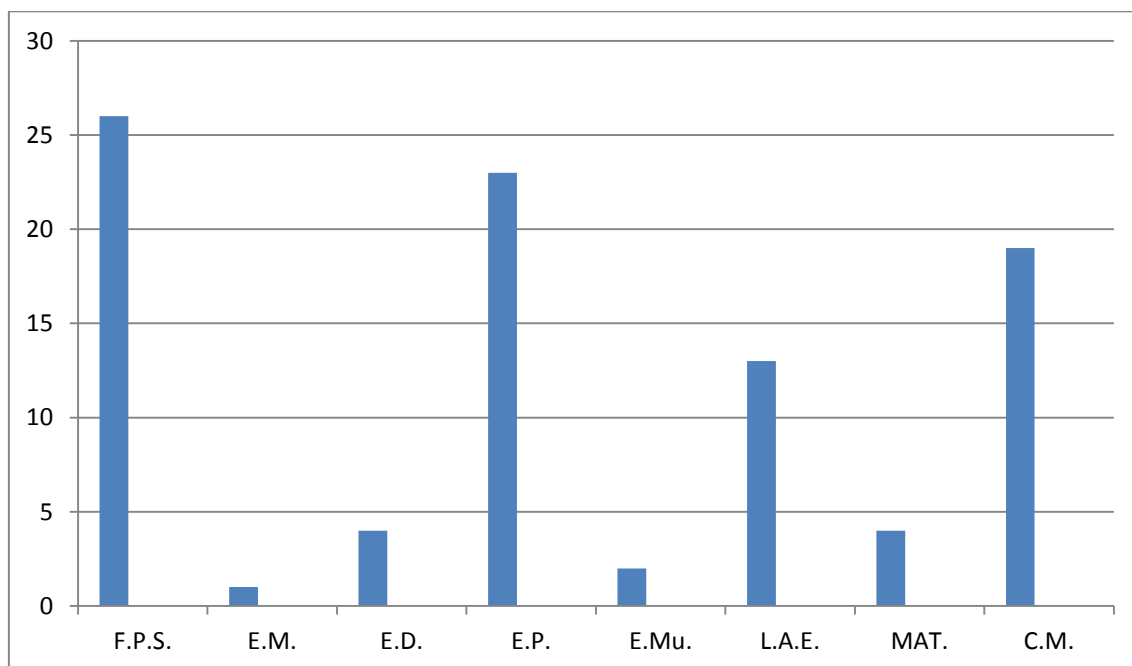
8 de Maio	Culinária	-Formação pessoal e social; -Conhecimento do Mundo; -Matemática.	2	Trabalho em pequenos grupos.
9 de Maio	Trabalho de projeto	- Conhecimento do mundo; -Expressão plástica.	2	Trabalhos em pequenos grupos
10 de Maio	Trabalho de projeto	-Formação pessoal e social; -Linguagem oral e abordagem à escrita; -Expressão plástica.	2	Trabalhos em pequenos grupos
14 de Maio	Registo da visita à Quinta do Zacarias	- Formação pessoal e social; -Conhecimento do Mundo; -Expressão plástica; -Linguagem oral e abordagem à escrita.	3	Trabalho em grande grupo.
15 de Maio	Culinária	-Formação pessoal e social; -Conhecimento do mundo; -Expressão plástica; -Expressão dramática; -Matemática.	2	Trabalho em pequeno grupo.

17 de Maio	Trabalho de projeto	- Formação pessoal e social; -Conhecimento do mundo; -Expressão plástica;	2	Trabalho em pequeno grupo.
18 de Maio	Comemoração do dia do Museu	- Formação pessoal e social, -Conhecimento do Mundo; -Expressão plástica.	3	Trabalho em grande grupo.
21 de Maio	Trabalho de projecto - finalização	- Formação pessoal e social, -Conhecimento do Mundo; -Expressão plástica.	3	Trabalhos em pequenos grupos.
22 de Maio	Trabalho de projecto - finalização	- Formação pessoal e social, -Conhecimento do Mundo; -Expressão plástica.	3	Trabalhos em pequenos grupos.
23 de Maio	Registo do trabalho de Projeto	- Formação pessoal e social; - Linguagem oral e abordagem à escrita; -Expressão plástica.	2	Trabalhos em pequenos grupos.

24 de Maio	Apresentação do projeto	<ul style="list-style-type: none"> - Formação pessoal e social, -Linguagem oral e abordagem à escrita; -Expressão plástica. 	3	Trabalho em grande grupo.
------------	-------------------------	--	---	---------------------------

Análise de dados

Gráfico referente às áreas de aprendizagem das planificações diárias da Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância II



Legenda:

F.P.S. – Área de Formação Pessoal e Social

E.M. – Área de Expressão e Comunicação – domínio da Expressão Motora

E.D.- Área de Expressão e Comunicação – domínio da Expressão Dramática

E.P.- Área de expressão e Comunicação – domínio da Expressão Plástica

E.Mu. – Área de Expressão e Comunicação – domínio da Expressão Musical

L.A..E – Área de Expressão e Comunicação – domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

MAT.- Área de Expressão e Comunicação – domínio da Matemática

C.M. – Área do Conhecimento do Mundo

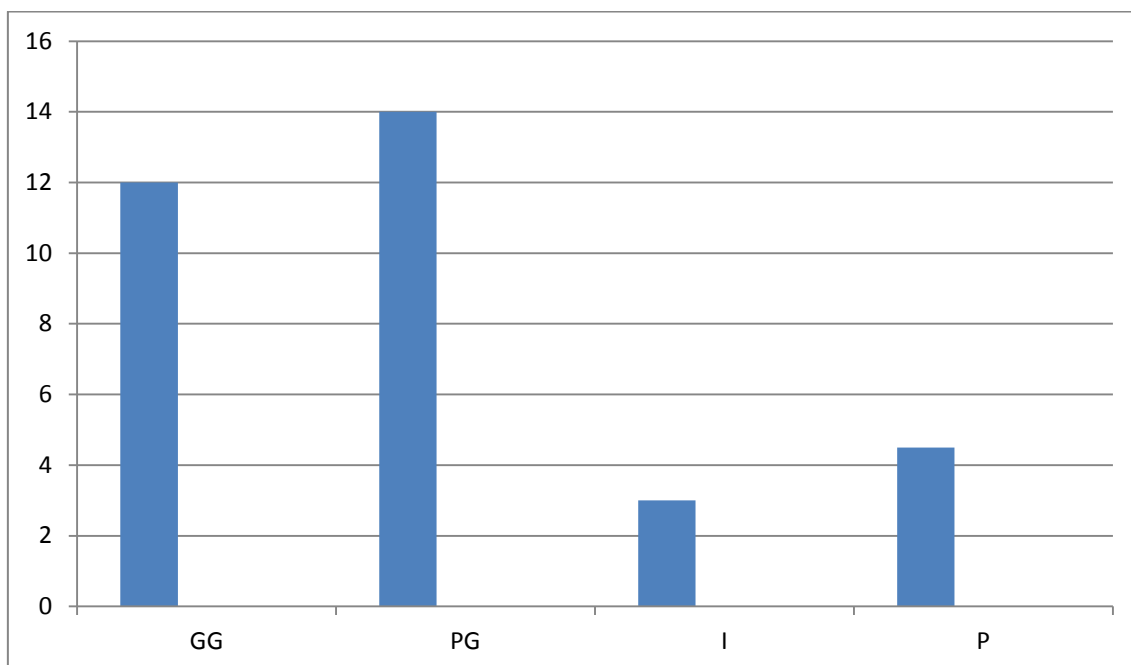
Análise do gráfico referente às áreas de aprendizagem das planificações diárias da Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância II

Ao longo deste gráfico podemos verificar que existe uma grande discrepância entre as áreas de F.P.S., E.P., L.A.E. e C.M. e as restantes (E.M., E.D., E.Mu., MAT.), pois as primeiras áreas referidas foram utilizadas praticamente em todas as planificações, uma vez que esta intervenção foi baseada no trabalho de projecto, ajudando o grupo a trabalhar em equipa e em pequenos grupos, organizando-se assim melhor, assim como a utilização da plástica que foi bastante utilizada, de forma a dar a conhecer ao grupo novas técnicas de expressão, ajudando-os a exprimir os seu sentimentos e o que o rodeia.

Já as outras áreas e seus domínios foram menos trabalhados, uma vez que alguma destas, como a E.Mu. e a E.M. eram realizadas todas as semanas por profissionais dessa mesma área, ou seja, todas as semanas este grupo tinha aulas de expressão musical, corporal e motora, o que fez com que não planificasse muito estas áreas. Contudo a área da Mat. e da E.D. também foram um pouco esquecidas, acabando por serem muito pouco trabalhadas, pois devido ao facto de ter investido mais no trabalho de projeto acabei por deixar determinadas áreas de fora.

Desta forma posso concluir que houve três áreas e seus domínios bastante trabalhados, como a F.P.P, C.M. e E.P., seguida da L.A.E. que também foi bastante trabalhada ao longo deste tempo.

Gráfico referente aos grupos de trabalhos das planificações diárias da Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância II



Legenda:

GG – Trabalhos em grande grupo

PG – Trabalhos em pequeno grupo

P- Trabalhos a pares

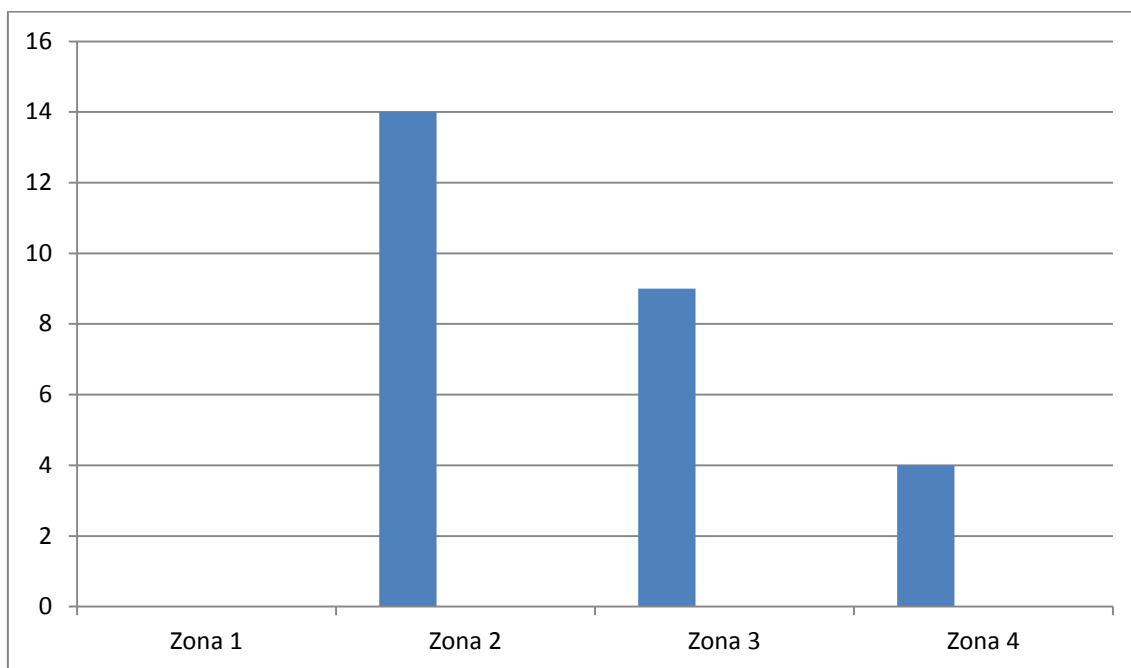
I – Trabalhos individuais

Análise do gráfico referente aos grupos de trabalho das planificações da Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância II

Neste gráfico podemos observar que as maiorias das planificações realizadas foram baseadas no trabalho de GG e de PG. Embora tenha planificado de forma a experimentar todos os tipos de trabalhos, baseei as minhas planificações neste dois tipos, uma vez que estes me ajudaram a entender quais as verdadeiras necessidades do grupo, ou seja, a necessidade de organização deste, assim como me ajudaram a planificar de forma a organizar o grupo utilizando o trabalho em PG que permitiu com que o grupo se organizasse e assim conseguisse-mos trabalhar em GG, o que era um pouco difícil inicialmente.

Embora me tenha baseados nestes dois tipos também planifiquei com os outros, trabalho a P. e I. o que me permitiu aproximar de algumas crianças que eram mais tímidas e às quais me sentia um pouco distante, assim como ajudou as crianças a trabalhar em equipa, ajudando-se um ao outro e interagindo um com o outro.

Gráfico referente Às zonas de iniciativa das atividades das planificações diárias da Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância II



Legenda:

- Zona 1 – “Não é dada escolha à criança que tem que fazer a actividade proposta”
 - Zona 2 – “É oferecido um número limitado de escolhas entre determinadas actividades”
 - Zona 3 – “Há algumas actividades das que não podem ser escolhidas”
 - Zona 4 – “É dada total liberdade de escolha”
- (Bretram & Pascoal, 2009, p.118)

Análise do gráfico referente à zona de iniciativa das planificações diárias da Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância II

Neste gráfico podemos verificar que as atividades planificadas foram baseadas na sua maioria na zona de iniciativa 2, onde era oferecido ao grupo um número limitado de escolhas entre determinadas atividades. O facto que me levou a planificar desta forma deveu-se ao grupo ter bastante necessidade de brincar, pois como já referi anteriormente o horário do grupo era bastante preenchido com aulas extracurriculares e também limitado, com uma hora de almoço muito cedo, sexta, entre outros motivos, que contribuíam para que o grupo tivesse esta necessidade. Desta forma as planificações ajudaram-me a trabalhar de forma organizada com o grupo, onde na maioria das vezes o grupo tinha opções de escolha, poderia escolher entre fazer as atividades e brincar nas áreas ou até mesmo escolher entre duas ou três atividades.

Embora tenha planificado para a zona de iniciativa 2, também planifiquei tendo em conta a zona 3 e 4. Pois era necessário que o grupo realizasse atividades que fossem propostas e nas quais não havia opções de escolha, como em algumas reuniões em grande grupo que planifiquei, para que o grupo se habituasse a este tipo de trabalho, aprendendo a respeitar e a ouvir os seus colegas, assim como a colaborar no diálogo. Assim como em algumas planificações o grupo poderia escolher o que quisesse fazer, como na hora do acolhimento e no trabalho de projecto, onde a construção do espantalho foi feita de acordo com a decisão do grupo.

Embora todas estas zonas tenham sido trabalhadas, indo ao encontro dos interesses e necessidades do grupo, ao realizar as minhas planificações não o fiz com base na zona 1, onde não é dada escolha à criança numa atividade proposta. Pois tinha a perfeita noção que caso o fizesse o grupo iria expressar-se, não realizando este tipo de atividades, pois para si estas não tinham interesse nem um motivo para ser feitas.